

Carioca
JANETE JANE
CR$ 4,00
N.º 986
28-8-1954
DIRETOR
HEITOR MONIZ
GERENTE
OCTAVIO LIMA

Torne sua pele cada vez mais invejável!

Comece agora a tratá-la pela vitalizante

Massagem de Beleza

com a ação medicinal do

LEITE DE COLONIA

Todos notarão a nova e invejável beleza de sua cútis, quando você fizer a revigorante "massagem de beleza" com Leite de Colonia! Tonificando e limpando os tecidos da pele profundamente, Leite de Colonia remove os cremes e resíduos de maquilagem que se entranham nos poros. Assim, você acerta inteiramente quando usa Leite de Colonia para a limpeza de sua pele, seja qual fôr o preparado que aplique em seu rosto. E você não precisará mais encobrir com a maquilagem excessiva manchas, sardas, cravos ou espinhas... Leite de Colonia corrige essas e outras imperfeições! Mas, cuidado: só existe um Leite de Colonia!

É o tratamento de beleza mais simples e econômico!

Molhe o seu rosto com bastante água. Sem enxugá-lo, friccione algodão embebido de Leite de Colonia, em movimentos circulares de baixo para cima. É o quanto basta!





Insista com

Leite de Colonia

É preparado pelo médico Dr. Arthur Studart

1.119

Charles A. Ullmann

Carioca
DIRETOR
HEITOR MONIZ
GERENTE
OCTAVIO LIMA
EMPRÊSA A NOITE
PRAÇA MAUÁ N.º 7
ANO XIX — N.º 986

PÁGINAS DE DIÁRIO

ELVIRA FOEPPEL

6 de agôsto: — Não houve testemunhas. Não haverá testemunhas, nunca. O amor por Plinio — poesia, cálculo ou desejo, sofro de certos privilégios e certas defesas — arrogante, não penitente, tem desapêgo de tôda publicidade e engenhos de terceiros, inocentes ou não, de tramoias amorosas. Governa meu cérebro, oscilante e urbano, bate orgulhoso nas esquinas do meu corpo, com sua carga de fogo e, desorbitado, invade minha memória, onde se estabelece, manético, inclemente como um rei novo. Amor fantástico que arrepia meus dias cobertos de coisas naturais e alguns pensamentos assustados, como sejam: — hei de ser rainha em qualquer punhado de terra, seja terra batizada ou não, de judeus ou ingleses, ou italianos, — rainha dum homem ou duma criança, para que vontades minhas sejam cumpridas com riscos na boca. — Comporei os versos do tempo, os versos de hoje e de amanhã, não repartindo com outros a descoberta, o segredo, versos do amor longo, do amor que se escreve com tôdas as letras do alfabeto — faces, seios, sapatos, despojos, perfumes, Rilke, discos, Gide, mãos, malas, Lídia, morte, foice, champanhe, etc. etc. que a lista longa como a história dos Filisteus. O amor, encomenda confidencial de meus sonhos fartos, onde tudo é polígamo, vário — a vaidade presente como um sinal no braço.

11 de agôsto: Noite ruim, nervosa. — Eramos todos minúsculos, escreviamos nossos nomes no barro que se desmancha com a chuva, e gritávamos nossos princípios com o fôlego pequeno dos gatos, nossa ginástica era a consumida e resgatada por quatro movimentos únicos, nossa comédia era a do tempo simples — café com leite, café com leite, — nosso amor desencontrado, estúpido, mas estávamos vivos, vivos, vivos, vi-vos.

12 de agôsto: — Ah! libertar-me da fragilidade dos tostões e das bagatelas, libertar-me da paisagem e dos acessórios, da vaidade e do amor cúmplice, libertar-me do medo e do imaginativo e, então, oferecer-me ao Senhor numa humildade de sentidos de argila.

13 de agôsto: — Duas horas castas: os sete anos de tua morte não bastaram ainda para apagar teus traços na minha memória, Rafael, minha memória que acredita no eterno. No silêncio onde mergulhas agora tuas dúvidas antigas, tuas sensações de agôsto ou mesmo de março, tuas crenças amorosas, tuas angústias de homem melancólico, não estás perdido do meu pensamento que retrata tua forma inteira, como fostes para o açougueiro, para teu irmão menor, para a mulher de algumas horas, ou mesmo para tua mãe.

ELIZABETH DEIXOU DE SER "BROTINHO"



Elizabeth Taylor, o «brotinho» de ontem

AQUELE «brotinho» de algum tempo atrás, a garôta que foi a «idéia fixa» da maioria dos rapazes solteiros, capaz de fazer um inveterado celibatário mudar de pensamento, está hoje bastante crescida e, o que é pior... para os solteiros, transformou-se numa mulher bonita... casada e mamãe de um menino que dizem ter os traços do pai. Assim é a Elizabeth Taylor de nossos dias. Casada pela segunda vez, com o ator inglês Michael Wilding, que por sinal possui o dôbro de sua idade, Elizabeth tem adoração pelo Mike Jr., que nasceu em janeiro de 1953.

Precisamente dez anos antes dêsse acontecimento, fazia ela a sua estréia no cinema, ao lado de Roddy MacDowell, no inesquecível celulóide da cadela Lassie, «A Fôrça do Coração» («Lassie Come Home»). Menina que era nessa época, estava fadada a ser uma das mais brilhantes «estrêlas» da téla e, igualmente, uma das mais belas de Hollywood. Prosseguindo em sua carreira artística, Miss Taylor continuou, como não podia deixar de ser, a fazer durante algum tempo papéis de criança, fase que terminou com a sua interpretação, ao lado de Mickey Rooney, em «A Mocidade é Assim Mesmo» («National Velvet»), filme que focalizou a famosa corrida de obstáculos da Inglaterra, o Grand National.

À medida que alcançava a idade adulta, Elizabeth passou a interpretar papéis menos juvenis. Já como uma autêntica mocinha, vímo-la em «Minha Vida com Papai» («Life With Father»), «Quatro Destinos» «Little Women), «O Papai da Noiva» (Father of the Bride»), «O Netinho do Papai» («Father's Little Dividend») e «A Delícia da Vida» (Cynthia).

Parando finalmente de crescer, alcançando seu pleno desenvolvimento e o máximo de sua beleza fisica, Elizabeth Taylor passou a ser considerada uma das mais fascinantes mulheres de Hollywood. Com isso, papéis de outro gênero tiveram que ser escolhidos para ela, d-



Seu marido, Michael Wilding, aqui aparece com Liz quando foi visitá-la no «set» de «No Caminho dos Elefantes».



Hoje, Elizabeth está uma mulher perfeita em todos os sentidos

Duas formosas e convincentes demonstrações de ginástica pura e aplicada à dança moderna

Reportagem de Isalda Medeiras
Fotos de Domingos Pereira

acôrdo com seu tipo. Foi então que o pudemos ver em «O Melhor é Casar» com Larry Parks, «O Traidor», como espôsa de Robert Taylor, «Um Lugar ao Sol», com Montgomery Clift, novamente com Taylor em «Ivanhoe, o Vingador do Rei», e com Fernando Lamas, em «A Jovem Que Tinha Tudo».

Talento, vivacidade e encanto foram os maiores trunfos com que contou desde o início da sua carreira, quando tinha apenas doze anos, ao entrar nos estúdios da Metro, a fim de ali frequentar as aulas que lhe viriam proporcionar a necessária segurança em suas interpretações futuras. Isso, em 1942. Em 43, fez o seu primeiro filme, como já o dissemos acima, «A Fôrça do Coração».

Corre o tempo, entra ano, sai ano, e eis que, de repente, Elizabeth Taylor surge aos nossos olhos como uma boneca glamourosa radiante de beleza, no frescor da juventude. Casando-se com Nicholas Hilton Jr., filho de um magnata, não demorou muito a dêle se divo...

(Conclui na página 60)



Não obstante a idade (22 anos), podemos considerá-la como o «grande brôto».



Com Dana Andrews, voltou ela à Paramount para interpretar «No Caminho dos Elefantes».

CASTIGO

Bolero de Waldemar Barbosa e Paulo Neto

WALDEMAR Barbosa e Paulo Neto são os autores do bolero «Castigo», que Violeta Cavalcanti fez incluir no seu repertório e será gravado por ela. A música é bonita, a letra é interessante e a interpretação está a cargo de uma das nossas mais estimadas intérpretes. De fato o nome de Violeta liga-se a muitos sucessos e a êsses juntar-se-á agora o bolero de Waldemar Barbosa e Paulo Neto.

Damos abaixo a letra da melodia que é a seguinte:

Castigo que o tempo não esqueceu,
Foi tua presença em meu viver!...
Eu que nunca soube amar alguém,
Eu que nunca fiz alguém feliz,
Sofro êste castigo que mereço,
Porque um só momento não te esqueço!
Eu que desejei mas não quis bem,
Eu que a sorrir chorar eu fiz,
Hoje eu também choro e padeço,
Porque não te esqueço, não te esqueço!...
Não esqueço, meu castigo!

A querida cantora Violeta Cavalcanti, que tem tido grandes sucessos como intérprete de nossa música popular, canta, agora, o bolero «Castigo».



Os autores do bolero, Waldemar Barbosa e Paulo Neto.

CORAÇÃO FERIDO

Por DAVID A. MORGADE

— De modo — disse o professor Renard — que pensa em se especializar em coração?

— De fato, doutor — respondeu com certo ar de desafio.

— Então venha comigo.

Enquanto seguia o professor Renard pela fria sala do hospital, pensei que era bem possível que meu primeiro caso êle o escolheria entre os mais difíceis. Precisamente por causa dessa velha tática do astuto mestre, eu conseguira diplomar-me defendendo uma brilhante tese. O velho médico deteve-se diante de uma das camas do pavilhão das mulheres.

— Aqui tem — murmurou ajustando os óculos — seu primeiro caso... doutor...

Frisou a derradeira palavra. Era sua última lição, sua advertência final. Era como se me dissesse: "Desperte sua memória, aperfeiçoe sua ciência. Você é responsável por uma vida". Aproximei-me do leito. A enfêrma era uma jovem de cêrca de vinte anos, de feições afiladas, muito pálida. O cabelo se espalhava sôbre o travesseiro. Quando examinei o quadro clínico, encontrei uma nota do Dr. Renard: "Choque de origem emocional". Sim, o professor me entregava um caso iniciado por êle. Inegàvelmente, se tratava de algo muito delicado. Perguntei à enfermeira:

— Quando a trouxeram?

— Ontem. O professor foi quem a atendeu.

— Não reagiu ainda?

— Não, doutor.

Examinei a doente. Estava mal, muito mal. Embora contando com a vitalidade de sua juventude, não me sentia muito seguro do resultado que poderia alcançar minha pobre ciência. Não vacilei, porém. Logo que lhe apliquei a injeção, sentei-me a seu lado. Mal respirava. Senti pena. Meu coração de médico era invadido pela dúvida, por êsse rosto pequeno e imóvel, por aquela brancura dolorosa.

Perguntei-me que triste história sentimental golpeara aquele coração de vinte anos. Lembrei-me de como era eu naquela idade, e depois pensei em minha vida atual: dissabores, privações, estudo, luta, ano após ano. Pensei em meu consultório; quatro paredes e um vestíbulo. A enfêrma respirava debilmente. Saí para andar um pouco e acendi um cigarro, tentando acalmar os nervos.

Ninguém pode imaginar o que é ter-se a responsabilidade de uma vida e, ao mesmo tempo, consciência de que a única coisa que pode fazer é aplicar uma injeção e esperar. Ao meio dia, a moça respirava melhor. Fiz algumas recomendações à enfermeira e fui-me embora. Mas não pude almoçar. Sabia que era questão de horas. Via o rosto, o travesseiro, a injeção e os cabelos. Voltei à tarde. Hora após hora, acompanhei a marcha com verdadeira angústia.

— Não tem parentes, doutor. Sentiu-se mal na fábrica onde trabalha. De lá a trouxeram para cá.

A enfermeira percebia minha preocupação. O que ela não sabia é que eu igualmente não tinha família. Que estava só, imensamente só no mundo. Que a única coisa que me restava era um pouco de ciência e o mêdo crescente frente à jovem pálida, de pestanas longas e coração ferido. Olhava-a como se fôsse uma irmã, ou uma noiva. "Viva" — dizia-lhe em pensamento. "Viva, criatura, viva. Se você vive, alguém a amará na vida. Logo encontrará o amor, outro amor, o verdadeiro. Aquilo que a feriu não era amor. Viva!". A enfermeira, as demais doentes da sala e eu vimos cair o crespúsculo triste através das janelas do hospital. Eu sentia que a moça e eu estavamos sozinhos no mundo.

— Vai ficar aqui, doutor?

— Sim.

Só aos vinte anos se adoece de tristeza, se enamora dessa maneira. Tinha os lábios bem feitos, a testa nobre, os pomulos salientes. Quando lhe tomei o pulso, sua mão pendia como uma flor branca.

— Quer café, doutor?

— Não.

Não precisava de café. Não dormia sôbre o incômodo tamborete. Precisava era de um gesto dessa garota, cujo coração lutava para viver.

— Sente frio, doutor?

— Não.

Reagia. A enfêrma reagia. Que me importavam o frio, o sono ou outra qualquer coisa que não fôsse êsse ritmo compassado, que pouco a pouco se ia tornando mais vigoroso, pondo gritos de júbilo em minha alma? Viveria. Isto era tudo. Tudo? Não. A pequena viveria, mas também eu desejava que sua solidão se dissipasse, que a felicidade fizesse novamente vibrar seu coração enamorado. Não se pode viver sem amor. Que o dissesse eu próprio, que tinha lutado tanto para não sucumbir à falta dêsse doce milagre em minha vida...

Dois dias depois, já a doente estava em condições de trocar breves palavras comigo:

— ... depois dêsse fracasso, tudo o que eu sentia pareceu acumular-se aqui — disse pondo a mão sôbre o coração. Não tinha vontade de viver. Sofria muito. Depois, desmaiei na fábrica. Eis tudo...

Tinha os olhos castanho-escuros, mansos, profundos. Eu procurava falar-lhe com a maior doçura possível, como se

(Conclui na página 58)



Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON n.º 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON n.º 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil
Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda.
Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda.
— Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" n.º ....
NOME ....
RUA .... N.º ....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

INDISPENSAVEIS!



á Vida, Beleza e Vigor dos cabelos

PRODUTOS PHENOMENO TARRÉ



LOÇÃO fortifica



ÓLEO ondula



BRILHANTINA fixa

O PROGRAMA MANOEL BARCELOS

TÔDAS as quintas-feiras, a partir das onze horas, enche-se o auditório da Nacional para o programa Manoel Barcelos. Ali desfilam habitualmente grandes figuras da P.R.E.-8, como sejam Marlene, Linda, Dircinha, Carmélia Alves, Angela Maria, Marly Sorel, Nora Ney, Ademilde Fonseca, Neusa Maria e tantas outras, só falando nas "estrêlas" e sem esquecer os elementos não menos festejados do "cast" de cantores da estação. Têm, assim, o público rádio-ouvinte de todo o país um dos mais bem feitos e bem cuidados programas do broadcasting brasileiro, um programa que se impôs tanto pelo seu animador, como pelos artistas selecionados que ali se apresentam. Aqui damos hoje aos nossos leitores uma série de flagrantes fotográficos tomados numa destas últimas

(Conclui na pagina 56)

O Dr. Infezulino e Nilza Magrassi. Os dois se entendem, mas pelo sim pelo não, Nilsa toma uma posição defensiva: vê lá, heim?





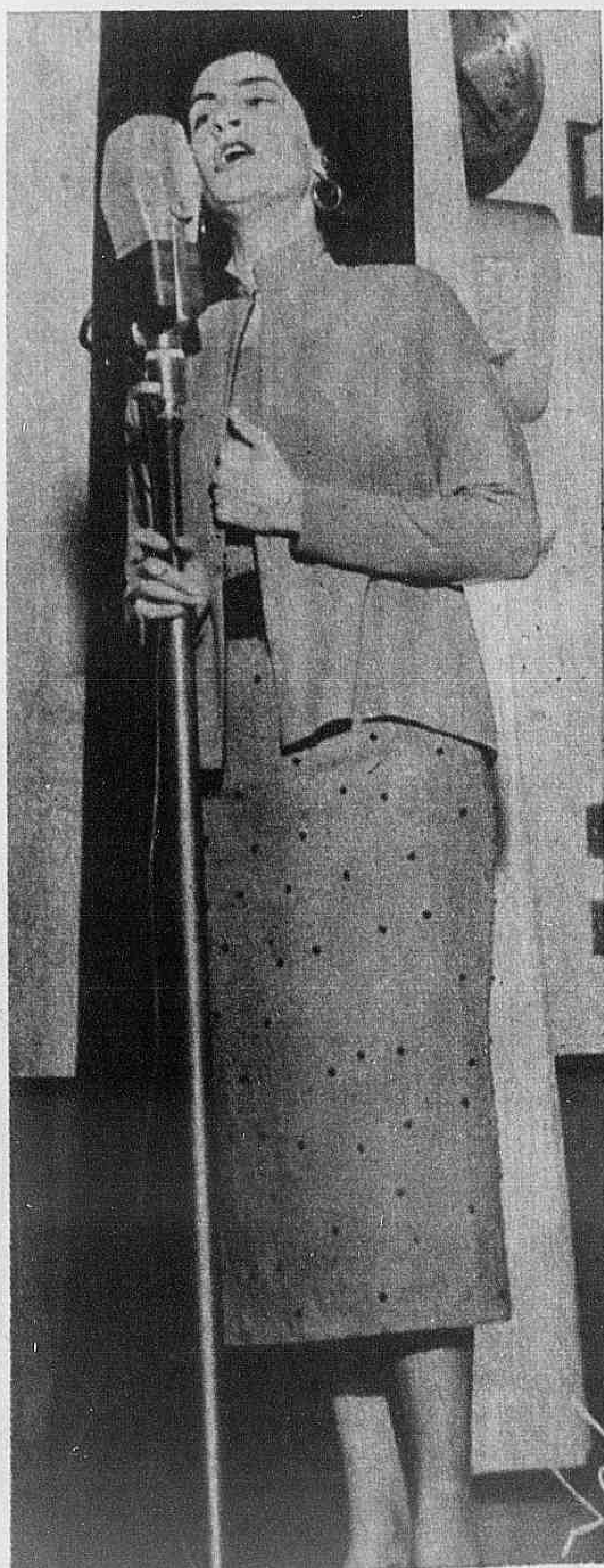
No meio de Rainhas, Barcelos se sente sempre muito bem. Ei-lo aqui, sorridente e feliz, entre duas soberanas da cidade: a Rainha do Rádio, Angela Maria e a Rainha do Cinema Marly Sorel



Ao lado do festejado animador, a "estrêla" permanente de seu programa, aquela que nunca perde a majestade: Marlene



Barcelos apresenta o popular cantor Gilberto Milfont, figura obrigatória em todos os grandes programas da Nacional



Nora Ney apresenta sua última gravação, seu último sucesso: As Duas Lacraias



Ademilde Fonseca, que vem de estrear na Nacional, ao lado de Dircinha Batista no programa de Barcelos

Manoel Barcelos ao lado de Marly Sorel, a revelação de cantora de 1954





Olivinha Carvalho abraça a aniversariante e canta o seu número em homenagem a ela.



Vera Lúcia e Cesar de Alencar quando se comemorava em seu programa o aniversário da «estrêla».

O ANIVERSARIO DE VERA LUCIA

Expressiva homenagem prestada à "estrela" do Programa Cesar de Alencar

Reportafem fotográfica de NELSON SANTOS



A princesinha do rádio num grupo de fãs que lhe foram levar os seus votos de felicidades.

VERA Lúcia fez anos outro dia e ao ensejo da data recebeu expressiva homenagem no programa Cesar de Alencar. Vera Lúcia é uma das figurinhas mais simpáticas da Nacional. Foi ali que ela fez, a bem dizer, sua carreira artística. Dali se projetou par ao grande público. A Nacional tem sido, em verdade, o cenário de seus sucessos. O aniversário de Vera Lúcia faz recordar Portugal. Porque foi lá que nasceu a nossa estrelinha de hoje. Mas Vera veio para o Brasil ainda pequena. Aqui cresceu, se educou, tomou os rumos decisivos de sua vida. Não fala com pronúncia portuguesa. E' uma pequena perfeitamente identificada com tudo quanto possa existir de mais brasileiro. Brasileira é a sua formação. Brasileiro é também todo o seu repertório de cantora, o que não quer dizer que a Vera não saiba o fado ou canções lusas, que interpreta com igual sentimento. De qualquer forma está longe de ser uma cantora portuguesa. E' de fato e por todos os motivos uma autêntica e legítima cantora brasileira. A jovem e encantadora «estrêla» da PRE-8 merece bem o sucesso que alcançou e continua

alcançahdo em sua carreira. Vera é uma pequena delicada, distinta, extremamente simpática. Escolhe com acêrto o seu repertório e tem tido a sorte de encontrar boas músicas. Por isso o seu nome se conserva constantemente no cartaz. Assim conseguiu reunir muitos fãs e ainda em começos dêste ano deu uma linda prova de seu prestígio por ocasião do concurso para a escolha da Rainha do Rádio. Vera Lúcia não foi a candidata vitoriosa. Mas apresentou uma votação brilhantíssima que avultou de maneira bem expressiva a sua contribuição pessoal à grande obra que é a construção do Hospital do Radialista. Mas voltemos ao aniversrio da princesa. Foi bonita a sua festa no programa Cesar de Alencar. Recebeu muitas flores e muitas faixas. Inúmeras fãs enchiam o auditório e aplaudiam a aniversariante. A essas homenagens associaram-se as suas colegas de estação, que a cumprimentaram a lhe dedicaram os seus números. Aqui fixamos alguns flagrantes dessa comemoragão, que deve ter sido a mais grata possivel ao coração de Vera Lúcia.

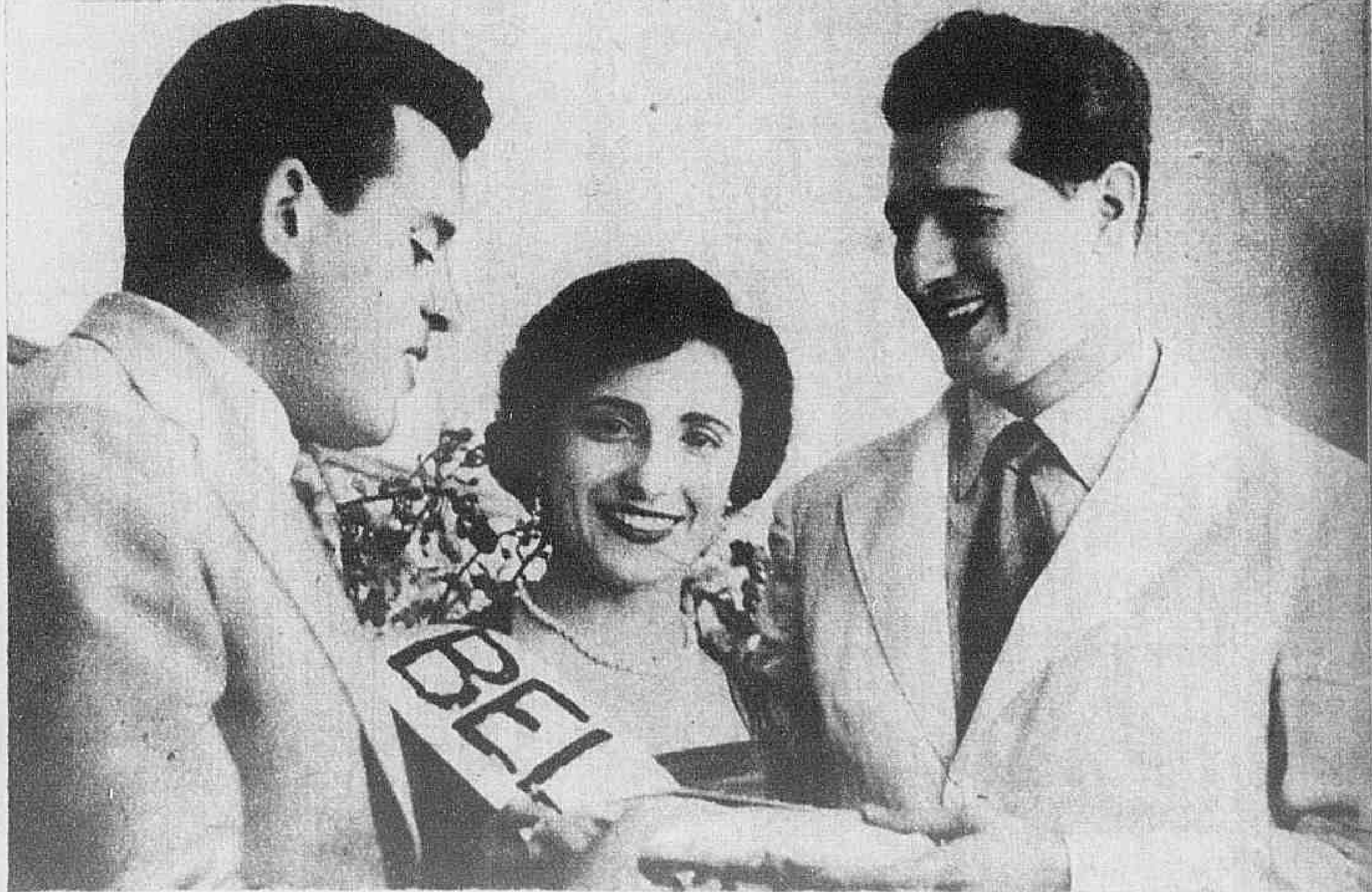


No meio das flôres que lhe foram oferecidas em sua festa no programa Cesar de Alencar. Em baixo dois outros flagrantes colhidos na mesma ocasião



Ivan Curi não faltou a Vera com o seu abraço de colega e admirador.







O maestro Chiquinho no meio de um grupo de admiradores, no dia da inauguração do seu fã-clube.

FÃ-CLUBE DE UM MAESTRO, PELA PRIMEIRA VEZ NO BRASIL

Reportagem de GETÚLIO MACÊDO **Fotos de NELSON SANTOS**



Marlene, a consagrada «estrêla» da Rádio Nacional, junto de Luis Delfino, diz para o maestro, cantando: «ai, quem não conhece o lenço do Chiquinho».



Marly Sorel, Rainha do Cinema e revelação de cantora de 54, recorda que foi no programa do maestro Chiquinho que fez sua estréia na Nacional.

A Broadway famosa regorgitava esplendorosa, quando o admirador inveterado, ou do teatro ou do cinema, aguardava a saída do artista. Era o fã; estadunidense irrequieto à procura de autógrafo. A «doença» pegou. Chegou até nós de um modo diferente, é bem verdade, mas, implantou essa veneração quase incabida ao «astro» ou «estrêla».

O fã brasileiro observa com mais atenção o rádio, que soube captar ràpidamente a simpatia popular. Surge entre nós o Fã-Clube, de cantores e artistas do cinema, inicialmente. Agora, pela primeira vez, aparece a figura de um maestro, dono de um lenço famoso, merecendo a admiração dos fãs: Chiquinho. Um grupo de moças da sociedade carioca resolveu prestar essa homenagem muito justa ao maestro Chiquinho, fundando o «Fã Clube Maestro Chiquinho». A diretoria é a seguinte: presidente, Neide de Barros Duarte; vice-presidente, Nilma de Sá; tesoureira, Adelaide de Almeida Pereira; secretária, Wanda Rodrigues. Séde, Av. Rio Branco n. 18, 18º andar. Sala 1804. Tel. 23-3556. Rio de Janeiro.

No meio artistico radiofônico o fato

(Conclui na página 60)



Na hora da despedida, os fãs se despedem amàvelmente do maestro Chiquinho



O querido maestro recebe um abraço de duas «estrêlas» do nosso rádio, Norma Suely e Margot Morel.



Norma Suely, o compositor Almeida Batista, Manoel Barcelos e Margot Morel, numa palestra animada com o maestro da simpatia popular.



O «Fã-Clube Marlene» se fez representar por moças bonitas, no dia da inauguração do fã-clube do popular maestro.

A MORTE DO "VELHO" CHICO TORNOU-O COMPOSITOR

Declarações de Guido Medina – Suas últimas produções

Reportagem de Edel Ney
Fotos de Euclides

HOMEM ligado ao mundo dos discos, lidando, por isso mesmo, diàriamente, com gente de rádio, Guido Medina, jovem simpático e atraente, tornou-se, desde há muito tempo, grande amigo de cantores e cantoras. Dono de uma simplicidade a tôda prova, cativava a todos.

Sempre convidado por êles, passou a frequentar as emissoras e os programas e, daí, a participar de suas festas e reuniões, não havendo semana, agora, que não tenha convites para almoçar com um, jantar com outro e sempre bem acompanhado.



Roberto Paiva gravará duas valsas de Guido Medina: uma para o Natal e outra para o Ano-Novo. No flagrante, êle ensaia com o autor.



Guido Medina toca, de ouvido, o piano e o acordeon.

A amizade de Guido Medina com os nossos intérpretes, entretanto, era simplesmente amizade, pura amizade, pois Guido nunca pensara em se tornar cantor ou compositor.

«NASCE» O ATOR

A morte do «velho» Chico, — grande amigo de Abraão Medina, irmão de Guido — contudo, acendeu-lhe uma inspiração que êle não julgara possuir e, da noite para o dia, passou a compôr lindas melodias e a escrever lindos versos, que vinham do seu mais profundo íntimo. Dessa maneira, nasceu o autor Guido Medina. Até agora, entretanto, nada compôs, ou escreveu, sôbre o sempre lembrado «astro» tão tràgicamente desaparecido. Dêle, guarda, apenas, um grande e belo retrato autografado, e que está pendurado na principal casa de negócios de seu mano. Segundo afirma, não há dinheiro que o faça vender aquele quadro.

INICIO DE CARREIRA

Guido Medina toca «de ouvido» o piano e o acordeon. E foi nos dois instrumentos que tocou para nós várias de suas composições, cantando-as numa voz baixa, porém bonita (para um autor, é claro), e com uma dicção perfeita. Carioca da gêma, começou a compor, como quase sempre acontece, para o Carnaval, treinando em 1953, com o samba «Deixa-me em paz», gravado por Roberto Luna. Já no Carnaval seguinte — o do ano em curso — apareceu com duas músicas, um samba, «Como bebe êsse rapaz!», gravado por Eri-

(Conclui na página 58)



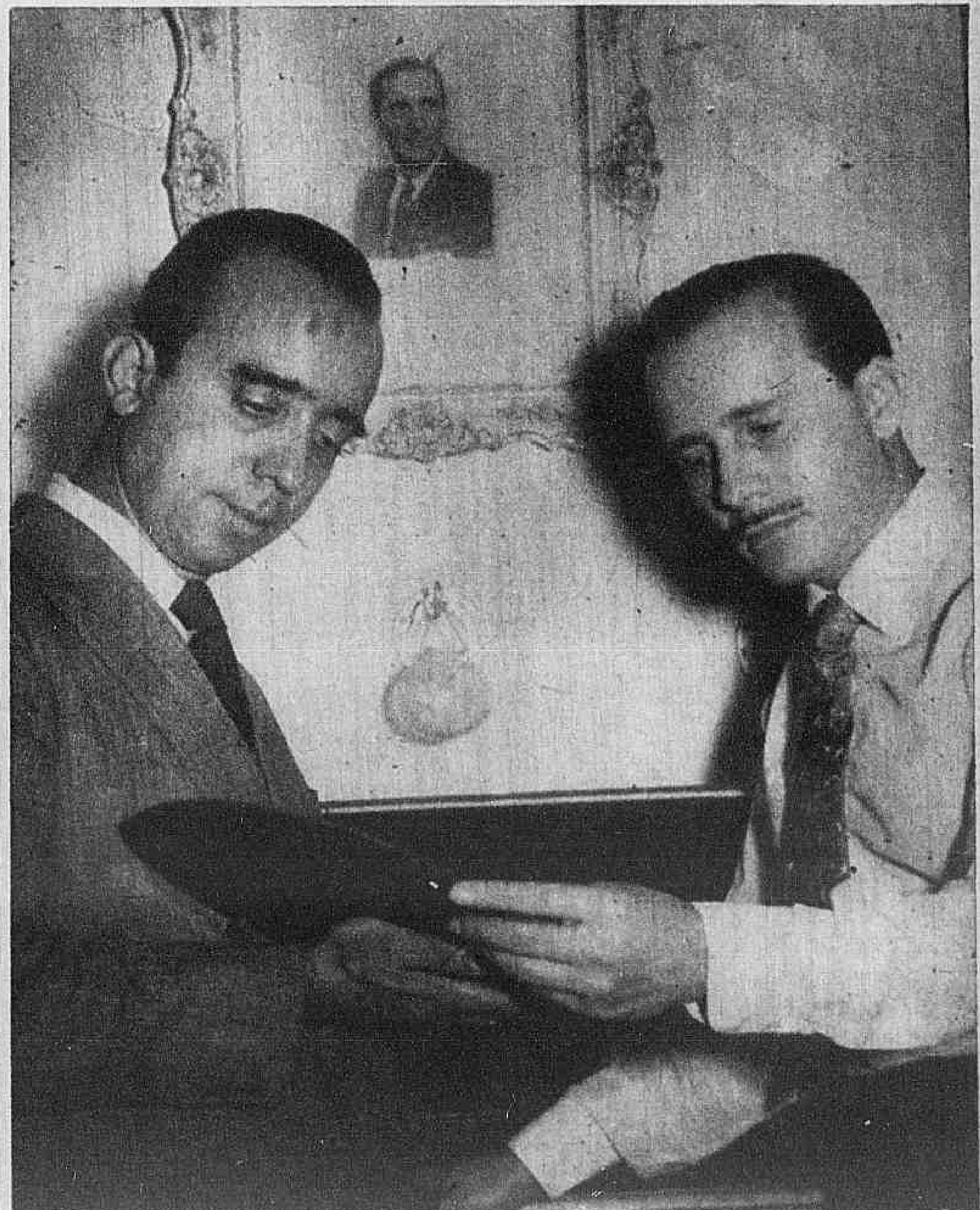
Alcides Gerardi é um dos grandes amigos e incentivadores do Guido. Há pouco, gravou o seu bolero «Recordando», que vem fazendo carreira.



O compositor mostra ao Roberto Paiva o quadro de Chico Alves que está pendurado no estabelecimento comercial de seu irmão Abraão Medina.



Newton Teixeira gosta das composições de Guido, o que representa um grande elogio para o novo autor, pois Newton é um dos bons compositores veteranos.



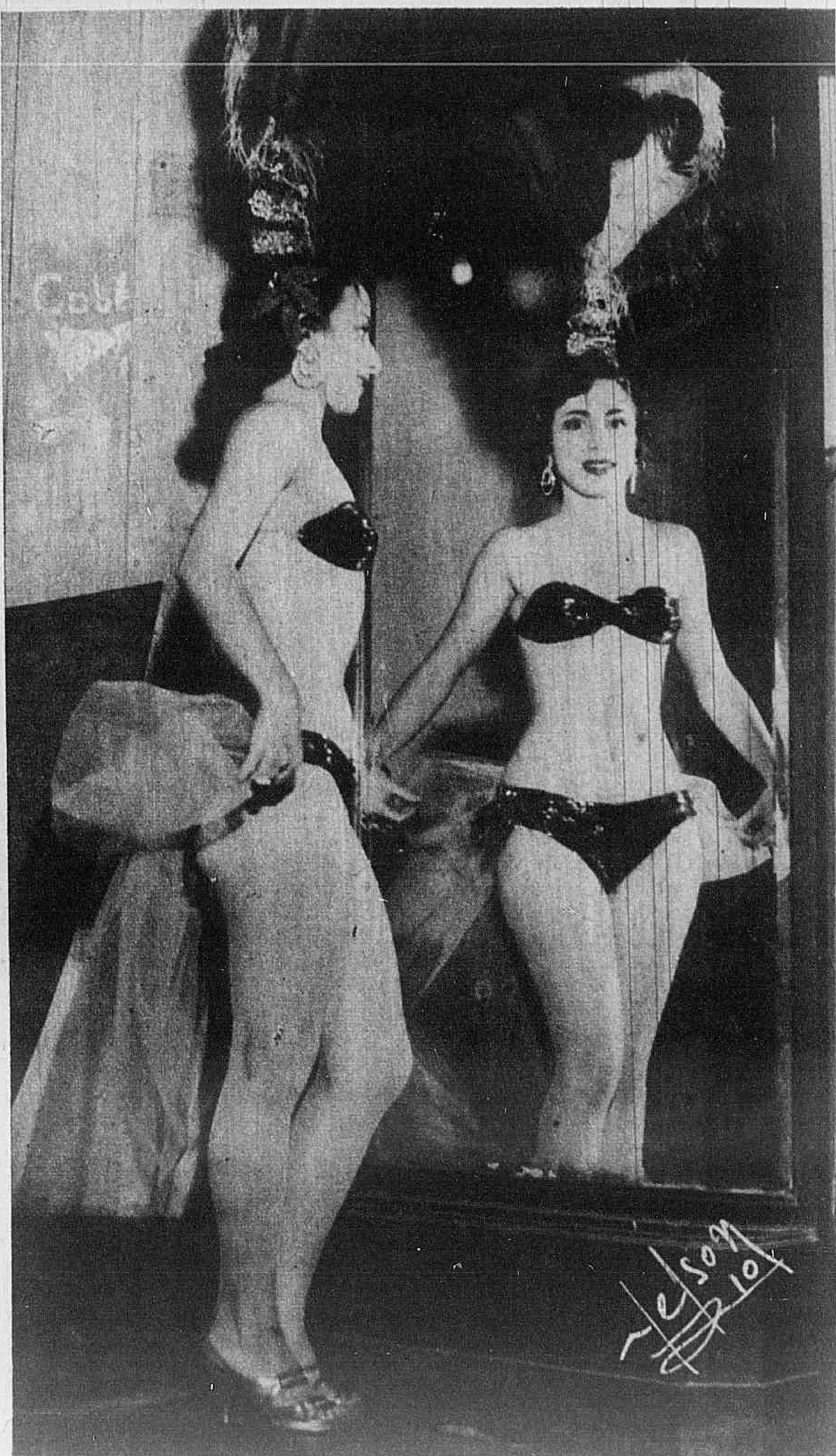
Newton Teixeira fez sucesso com o samba-canção «Reflexo», de autoria de Guido Medina.

JANETE JANE,

A REVELAÇÃO DO TEATRO DE REVISTAS



Janete Jane, a revelaão do teatro de revista.



Ela está fazendo sucesso no palco.

Um inicio vitorioso na Companhia Joana D'Arc -- Começam a aparecer os bons contratos

De AL PETRA
e NELSON SANTOS



Janete no quadro «História do Brasil».



«Sou café, **sou bem forte, faço bem** ao coração. **Já livrei** velho da morte, **aumentando-lhe a pressão»** — **Cançoneta do quadro** «**Cafèzinho», 4º quadro** de «Pernas Provocantes».



TEMOS acompanhado, desde o início, a carreira artística de Janete Jane. Desde que despontou como estrelinha de programa de rádio, tocando seu acordeon e agradando sempre, até a sua recente ida para São Paulo, ocasião em que anunciamos que ela estrearia no palco, na Companhia Joana D'Arc, co-estrelando a peça «Rainha da Alegria».

Em S. Paulo, onde trabalhou também em «Pernas Provocantes», a segunda revista da companhia, e, logo depois, em «Tudo de Fora», Janete encantou os espectadores, recebendo imediatamente um convite para fazer alguns de seus números na «boite» Oasis, o que ela aceitou.

Agora de volta ao Rio, a estrelinha da Rádio Mayrink Veiga, que tirou férias temporárias do microfone, aparece, pela primeira vez, ao público carioca, mostrando um outro lado de suas possibilidades: a plástica de um corpinho bem proporcionado e a graciosidade na maneira dos gestos.

Muito desembaraçada, tirando bom partido dos números que apresenta, apesar de, em alguns, estar substituindo de última hora outras «estrêlas», como o quadro «A Rosinha dos Limões» da peça «Pernas Provocantes», Janete tem arrancado aplausos da platéia e, pelo que parece, pois a sua atuação é grande na peça, tem agradado muito também aos dirigentes da Companhia.

Janete inicia sua nova carreira como uma flor que desabrocha. E' muito novinha ainda, bonita, corpo bem feito, tem boa voz, toca acordeon e... é muito viva. Dessa forma, inicia o brotinho uma carreira promissora que, sob a boa tutela da espetacular Joana D'Arc, se estenderá, por certo, por estradas magníficas que a conduzirão à fama.

Diante do sucesso que Janete vem fazendo no Teatro Glória, resolvemos dar um pulo a seu camarim, a fim de entrevistá-la. Escolhemos uma quarta-feira.

(Conclui na página 56)

ROSSANA PODESTÁ

De figurante a vedette internacional — Feliz encontro com o "Indio" e o Grande Prêmio Internacional de Cannes — Peripécias para aprender espanhol — Seu próximo filme, "A Rêde", é "silencioso"

Reportagem de RAMALHO NETO
Especial para CARIOCA

ROSSANA Podestá surgiu no cinema italiano, fazendo pequenas «pontas» sem maiores importâncias. Sua carreira ia decorrendo morosa e sem grandes perspectivas de sucesso, apesar de seu talento e rara beleza, quando Pabst lhe deu uma pequena «chance» em «A Casa do Silêncio». Foi o suficiente para que ela marcasse com personalidade o seu desempenho. Apesar de ter conseguido mostrar seu talento e suas possibilidades, os diretores italianos ainda relutavam em confiar-lhe um papel de mais destaque e importância. Aos poucos, graças a outras «pontas», Rossana começou a ser notada, até que o «Indio» (Emílio Fernandez) vai a Veneza e encontra a bela italianinha num dos «sets» de filmagem.

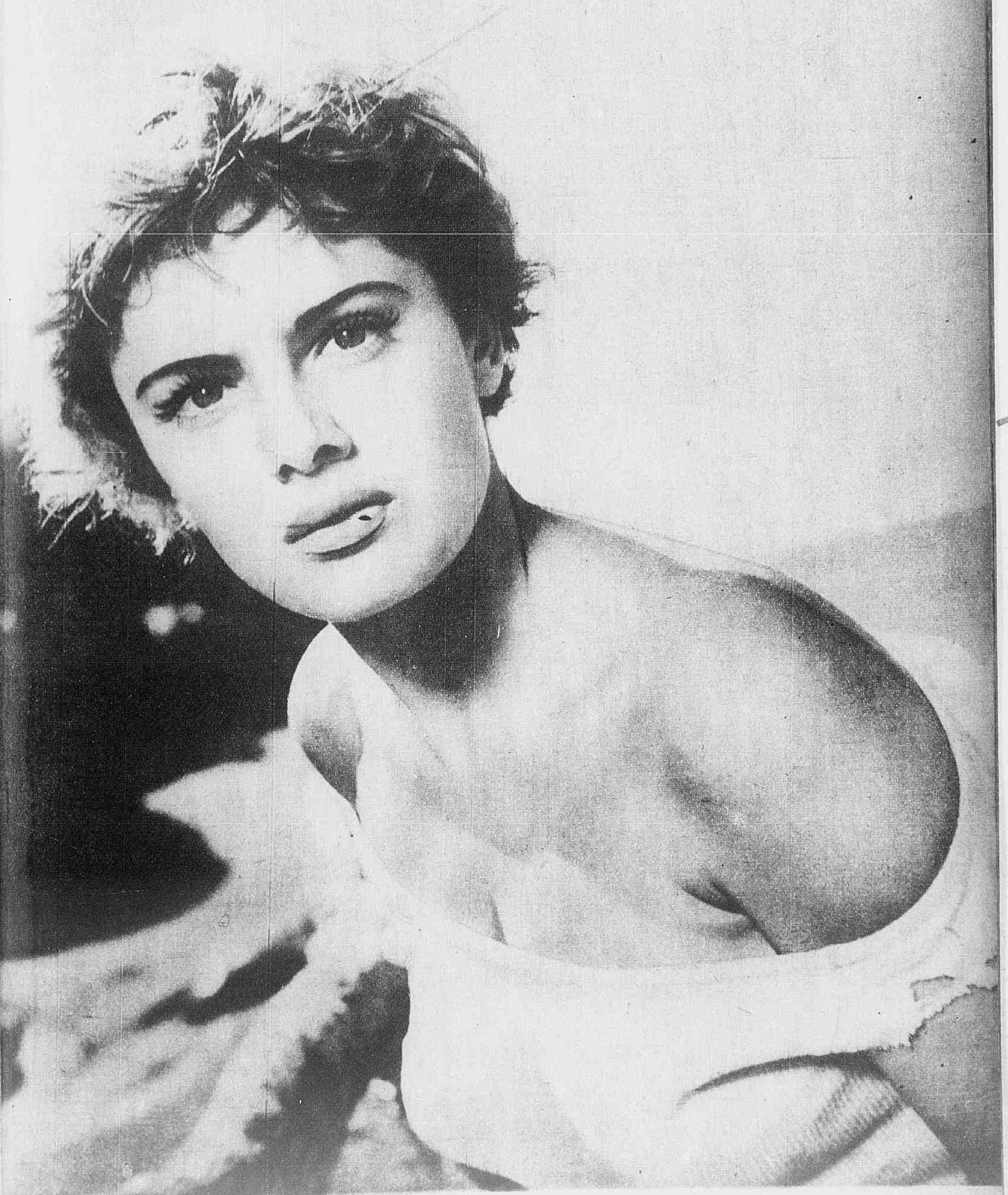
Emílio Fernandez vê, naquela mocinha de apenas 17 anos, a pérola com que poderia ornar uma história que há muito pensa produzir. Convida-a.

Era a grande oportunidade de Rossana Podestá: participar, como «estrêla» principal, de uma película. Mas Rossana não tem coragem de enfrentar a câmera como atriz, num filme de



Uma das fortes cenas de «A Rêde», com Rossana Podestá e Crox Alvarado.

Pertencendo ao cinema italiano, ficou famosa filmando no México.





Assim veremos a provocante Rossana Podestá em «A Rêde», seu recente filme.

alta responsabilidade e, além de tudo, num país de costumes e língua completamente estranhos para ela. Fernandez insiste, faz várias visitas à mãe de Rossana, para que o ajude a convencê-la. Finalmente, depois de relutar por algum tempo, Fernandez conseguiu a aceitação tão ansiosamente esperada.

Rossana embarca para o México. Chegando, dedicou alguns dias à leitura de uma tradução para o italiano do «script», e achou-o maravilhoso. Mas havia uma grande dificuldade a ser vencida. Não falava espanhol e, mesmo que viesse a aprender ràpidamente, seu sotaque não convenceria. Um curso intensivo foi feito, mas, por mais que decorasse a sua parte no diálogo, sua pronúncia era sempre defeituosa, e com isto o início da filmagem foi sendo retardado.

Certo dia, estando reunidos diretores, jornalistas, a mãe de Rossana e o «Indio», para uma espécie de ensaio, Rossana continuava se expressando mal. Fernandez desesperou-se, os jornalistas ajudaram a corrigi-la, sua mamãe zangou-se. A «estrêla» perde a paciência e solta, com uma excelente pronúncia, uma imprecação. Todos se fecham em silêncio, estupefatos, observando Rossana. Sua mãe, que conhece bem o gênio da filha

(Conclui na página 60)

Rossana e Crox Alvarado em outra cena →



A bela e insinuante atriz italiana numa passagem de «A Rêde».

DAWN ADDAMS FOI SEREIA EM COPACABANA!

Trabalhou no Rio, na redação do "Brasil Herald" — Agora é estrela de Hollywood e esposou um príncipe de verdade.

J. Canosa

Dawn esposou um príncipe de verdade. Na foto, ela aparece em sua última caracterização

VIMO-LA no filme "The Moon is Blue", já exibido entre nós, sob o título "Ingênua até certo ponto", no qual fez o papel da irrequieta filha de David Niven, que terminou vindo para o Brasil, onde viviam seus pais, em vez de ficar nos braços de William Holden, onde gostaria de estar.

O Brasil é bastante familiar para Dawn Addams na vida real. Aqui passou diversos anos, vivendo no Rio de Janeiro, residindo em Copacabana, e visitou os demais paises da América do Sul, onde conta com inúmeros amigos. Dependendo, naturalmente, de seus contratos em Hollywood, Dawn Addams pretende, em breve, vir à América do Sul e um dia ser outra vez sereia em Copacabana...

"The Moon is Blue", comédia extraida de uma peça da Broadway, ofereceu a Dawn Addams grande oportunidade artística. Ela incarna uma entusiástica socialista, que perde o seu namorado para Maggie McNamara. Dawn Addams veio diretamente da Coréia, onde se exibia em "shows", para divertir as tropas, a fim de desempenhar êste papel.

Foi no Brasil que Dawn Addams se decidiu a abraçar definitivamente a car-

A jovem "estrêla" atuando ao lado de William Holden

reira artística. Após terminar seus estudos na Inglaterra, Dawn comunicou ao pai o seu desejo de se tornar artista. Mr. Dawn, querendo pô-la à prova, mandou-a visitar amigos no Rio. Comentava êle: "Assim ela poderá ter certeza de que realmente quer tornar-se uma atriz". Nove meses mais tarde, firmemente resolvida, Dawn retornou à Inglaterra e seu pai providenciou a sua matrícula na Academia Real de Arte Dramática.



Ela era ingênua até certo ponto...



Dawn Addams já viveu no Rio e foi sereia em Copacabana

Dawn Addams nasceu num dia 21 de setembro, em Felixstowe, Sulfolk, Inglaterra, filha de James Addams e da falecida Ethel Mary Hikkey.

Com um ano de idade, acompanhou seus pais à India, por ter seu genitor sido nomeado comandante de um esquadrão da R. A. F. naquele país. Viveram em Calcutá, Simla e Delhi.

Seis anos mais tarde, os Addams retornaram à Inglaterra. Em Londres, Dawn cursou a escola dramática por pouco tempo e, após a morte de sua mãe, foi para a companhia da avó, Mrs. Inez Addams, em Surrey, cursando a Rowanbrea School.

Em 1941, seu pai, que tinha ido para os Estados Unidos em 1932, como piloto de provas da Comissão Aérea Britânica, designado para a Lockheed Aircraft Corporation, retornou à Inglaterra para inspecionar fábricas britânicas. Dawn foi residir com êle, perto do Aeroporto de Londres.

Dois anos mais tarde, viajou para os Estados Unidos indo residir com Arline Judge, sua madrasta, em Hollywood. Lá chegando, cursou as escolas de Beverly

(Conclui na página 58)

CONTRATADA PELA RECORD

CARMELIA ALVES

Reportagem de
CARLOS MARIA
Fotos de
NORBERTO ESTEVES



Jimmy Lester e Carmelia Alves, novos contratados da Rádio Record de S. Paulo



Jimmy e a Rainha do Baião travam conhecimento com o amigo de todos: o caixa da Record

AO "cast" da Record juntou-se mais uma "estrêla". Ela é a Carmelia Alves que, baião vai, baião vem — é a maior cantora de baião. Todo mundo sabe esta verdade. Sabe o Brasil e sabe o exterior, donde há bem pouco tempo ela e Jimmy Lester (também contratado pela Record) regressaram triunfantes.

Ambos estrearão no dia 2 de setembro, sendo a expectativa imensa, não só por causa da enorme popularidade de que ambos gozam, mas também porque Carmelia e Jimmy prometeram apresentar números novos, que não podem deixar de ser novos sucessos.

Carmelia e Jimmy tiveram uma recepção muito carinhosa por parte de seus novos colegas, no dia em que vieram assinar contrato. Isaurinha Garcia, José Tobias (um barítono estupendo do rádio pernambucano, que todo ano faz sua temporada em São Paulo) e Inezita Barroso apareceram "como por encanto" na discoteca da Record, quando eles foram lá, de visita às instalações. Depois, dois maestros que são dois "astros" — Hervé Cordovil e Gabriel Migliore, vieram abraçar Carmelia e Jimmy e aproveitaram a ocasião para tomar conhecimento dos novos baiões do repertório de Carmelia. E depois mais outros artistas foram chegando, e, de repente, estava acontecendo um coquetel muito divertido.

Está de parabens, mais uma vez, a Record, que dia a dia valoriza seu "cast", para maior satisfação de seus ouvintes de ponta a ponta do país.



Grupo na Record de São Paulo, onde se vêem José Tobias, Jimmy, Carmelia, Inesita Barroso e Isaura Garcia



A grande "estrêla" paulista Isaurinha Garcia ladeada por Jimmy e Carmélia



Carmelia e Jimmy com os maestros Hervé Cordovil e Gabriel Mibliore

DESCENDIA de uma linhagem de artistas célebres. A avó fôra, até que um malfadado acidente lhe truncara a carreira, a incomparável Roxana Howell, que representava as rainhas da História, como se a vida consistisse para ela apenas em cobrir-se de mantos de arminho arrengar para um povo imaginário ou subir o cadafalso como uma iluminada. A mãe era Belle White, a quem um destino adverso oferecia sempre a oportunidade de morrer comovedoramente no final de cada peça.

Aquela glória que a precedera estendera sôbre ela a sombra de uma responsabilidade e de uma vocação inelutáveis. Entretanto, durante tôda sua infância, jamais a pequena Charlotte só gostava das janelas que se abriam para a avenida do bairro residencial. Porque através daquelas vidraças lhe foi revelada a graça fugitiva das nuvens que, mais felizes que ela, dispunham de todo o céu para fugir indefinidamente.

A medida que o tempo transcorria, a lembrança do pai começava a obcecá-la. Se como êle, fôsse uma pessoa adulta ao invés de uma mocinha indefesa, tê-lo-ia imitado abandonando para sempre aquela atmosfera estranha, onde tudo era falso até o carinho que não eram capazes de sentir.

Seus bracinhos frágeis mais de uma vez se estenderam num gesto de súplica às nuvens, e foi nessa atitude que a surpreendeu um dia Roxana Howell.

INATINGIVEL

Conto de S. DORIVAL

lotte desejara prolongar aquela brilhante trajetória. Talvez porque assistisse alternativamente ao que acontecia no palco e entre os bastidores, e mais, o que o público, que aplaudia frenético as incomparáveis mortes da doce Belle e a majestade inigualável de Roxana não via, não participava de modo algum da ternura e da nobreza que elas representavam.

Na vida real Roxana era um ególatra insuperável e Belle tinha com frequência crises de histeria que a tornariam irreconhecivel aos olhos dos seus admiradores. A filha, menos feliz que êles, assistia desde pequena àquelas cenas que a aterrorizavam, conquanto não pudesse compreendê-las. Só o pai, enquanto esteve ao seu lado, conseguia acalmá-la. E quando êle abandonou a espósa, foi Nancy Brown quem o substituiu. Nancy a dama de companhia, e que mais lhe deu até então a impressão de mãe verdadeira. Muito depois soube por que o pai deixara o lar, e conquanto o não perdoasse de todo, não pôde no intimo deixar de dar-lhe razão.

Na vida daquelas megalomanas, os maridos foram sempre as personagens menos interessantes. Se o avô não houvesse morrido cêdo, teria por certo seguido o mesmo caminho que seu pai, quem, apesar do seu desvelado amor pela garôta não pôde resignar-se a passar a vida num palco.

A infância de Charlotte foi em meio de tanta ficção, de tanto artificialismo, realmente desditosa. Mas nem Roxana nem Belle tinham tempo de notá-lo. Só a compreensiva Nancy levou um pouco de ternura à criança que alternativamente vivia com a mãe ou com a avó, em casas suntuosas ou em frios apartamentos de hotel quando exigências profissionais as afastavam do pais. O acidente que Roxana sofrera fez com que a pequena ficasse definitivamente com ela.

Daquele casarão decorado como os cenários palacianos tão caros à avó, Não a avó, mas a atriz que naquele movimento de desespêro só soube ver a vocação incipiente de uma dançarina. Nos anos torturados pela recordação de sua perdida glória, foi aquela sua primeira alegria. Já tinha com que distrair as horas de tédio de sua imobilidade forçada. A neta até então ignorada se revelava de súbito como uma dígna continuadora da tradição artística que na família com ela se iniciara.

Observava-a com olhar aprovativo. A pequena sentiu que alguém a espreitava, voltou-se bruscamente e enrubeceu ao ver a avó. Esta lhe disse com uma doçura que lhe era estranha:

— Não tens porque envergonhar-te. Um dia, orgulha-me-ei de ti.

Não compreendeu o sentido daquelas palavras. Breve, porém, e para seu desespêro, iria compreendê-lo.

Tôda tentativa de rebelião fôra inútil. Roxana nascera para governar, no palco e fora dêle. Durante anos triunfara sempre sôbre a vontade alheia, conseguindo vencer muitas rebeldias. Que podia a indefesa Charlotte contra aquela rocha de soberbia?

De volta de uma de suas "tournées", Belle inteirou-se da decisão de sua mãe e naturalmente, não deixou de aprová-la. Para ela, fôra sempre um motivo de preocupação, não muito grande, mas preocupação em todo caso, o futuro daquela criança tímida que em nada se assemelhava a ela. Achou que a an-

(Conclui na página 59)



ASSEGURE O SEU FUTURO

ESTUDANDO POR CORRESPONDENCIA

PORTUGUÊS - INGLÊS - SECRETÁRIO AUXILIAR E CAIXA - CORRESPONDENTE ESTENO-DATILOGRAFIA

Realize a sua independência econômica, melhorando o seu "standard" profissional e intelectual. A vida em tôda parte, é dirigida pela lei biológica: vence o mais forte. Seja um dêles, desenvolva sua inteligência, aumente o seu valor. UMA NOVA VIDA ABRE-SE A SUA FRENTE. Não vacile e avance confiante, firme e orgulhoso de si mesmo.

CONTABILIDADE

O Brasil sente atualmente uma tremenda necessidade de contabilistas realmente competentes. V. S. poderá fàcilmente chegar a um dêstes postos almejados. Nós lhe proporcionaremos o preparo necessário pois, além de um estudo teorico-prático profundo, CADA ALUNO FAZ A ESCRITURAÇÃO COMPLETA DE UMA CASA COMERCIAL. Ficará habilitado a ganhar os melhores ordenados e realizará o sonho de uma vida brilhante.

DESENHO ARQUITETÔNICO - DESENHO MECÂNICO DESENHO ARTÍSTICO

inclusive desenho comercial e publicitário

Confie na sua personalidade e ganhe respeito, admiração e uma posição social destacada. UM FUTURO BRILHANTE aguarda V. S. e uma vida cheia de possibilidades ilimitadas. Ajudá-lo-emos a desenvolver o seu talento, a ampliar a sua imaginação e a aplicar a sua capacidade construtiva e organizadora.

CORTE E COSTURA BORDADO E TRICÔ

Centenas e centenas de moças e senhoras tiveram a vida completamente transformada graças ao estudo pelo nosso método fácil, rápido e eficiente. Em pouco tempo e com despesas insignificantes VIRA V. S. A SER UMA VERDADEIRA ARTISTA, perfeitamente capaz de executar todo e qualquer trabalho, inclusive trajes de casamento, lingerie fina, vestidos para esporte, etc., etc.

RÁDIO E TELEVISÃO ELETRICIDADE

São incontáveis e maravilhosas as oportunidades que se oferecem aos técnicos especializados. V. S. pode ser um dêles e desfrutar de UMA POSIÇÃO SOCIAL E ECONÔMICA INEGUALÁVEL, ocupando os cargos de maior destaque e ganhando ordenados verdadeiramente excepcionais. Tudo isso está ao seu alcance. Não perca tempo! Afirme sua personalidade e torne-se um homem independente.

...EIS O QUE CONSEGUEM OS NOSSOS ALUNOS, FELIZES E TRIUNFANTES...



Quero informar-lhes esta grande alegria que já estou costurando para fora e, já recuperei todo o dinheiro que gastei com meus estudos.

Ilza F. Paroni
ARAPONGAS - Paraná



Cumpre-me noticiar que, graças a êsse Instituto, estou bem colocado, pois atualmente funciono como fiscal de obras na Diretoria de Obras e Viação da Prefeitura Municipal de Rio Grande, onde já tenho vários projetos meus aprovados.

José Jurandir Peres Rega
RIO GRANDE
Est. do R. Gr. do Sul



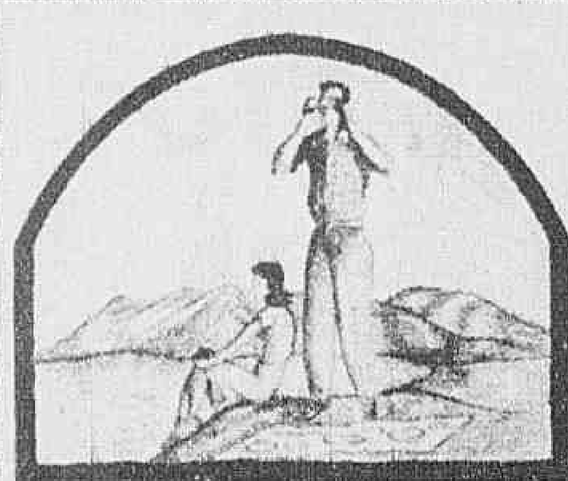
Nunca pensei que pudesse cortar com tanta facilidade. Tenho costurado muito, e já ganhei o suficiente para pagar três vêzes o Curso.

Margarida Dadonas
PATROCINIO PAULISTA
Est. de S. Paulo



Hoje o meu ordenado ultrapassa a cinco mil cruzeiros, graças a Deus que em boa hora me inspirou com ardente desejo a inscrever-me no Instituto Universal Brasileiro.

Vicente W. de Melo
ATIBAIA - Est. de S. Paulo



Desenho de aluno nosso, Sr.
ULYSSES [illegible] MARINHO
Jundiaí - Est. de S. Paulo



Quando iniciei o Curso de Contabilidade, residia e trabalhava na roça, em serviços árduos e infrutíferos, sem nada conhecer de comércio.

Hoje trabalho numa grande firma, conheço todo o serviço e tenho boa prática de comércio; já encarreguei-me até de uma parte da escrituração da mesma.

Assim, espero jamais ser preciso voltar para a roça, uma vez que conheci o Instituto Universal Brasileiro.

Euclides Bento Silva
BEBEDOURO
Est. de S. Paulo



Antes de me inscrever nesse Instituto era um simples pedreiro, sem qualquer conhecimento de desenho ou de aritmética, mas hoje graças ao seu ensino, faço os mais intrincados orçamentos e estou construindo obras por mim projetadas, as quais são muito apreciadas pelos proprietários, que vêem em mim um construtor e desenhista experimentado.

Teodor Kaszuba
PÔRTO ALEGRE
Est. do R. G. do Sul



Fui lavrador e hoje graças a êsse brilhante Educandário, sou funcionário de uma firma comercial desta praça, gozando de elevado aprêço no meio social.

Curral R. de Oliveira
PEDRO AFONSO
Est. Go



Graças ao "Instituto Universal Brasileiro" com seu eficiente e prático método, já estou trabalhando há dois meses nesta bela e [illegible] profissão com um ótimo ordenado inicial.

Eliseu T. Guiraldo
TIETÊ - Est. de S. Paulo



Sou atualmente Despachante Estadual junto à Exatoria desta cidade, tendo agora um futuro mais brilhante.

José R. de Melo
PÔRTO DA FÔLHA
Sergipe



Comunico-vos que apenas num mês ganho o dinheiro gasto durante todos os meus estudos.

Ernesto Vanzim
SANTO ANGELO
Est. do R. Gr. do Sul



Trabalho por conta própria em construções, podendo assim com toda clareza e sem receio executar qualquer serviço de acôrdo com desenho, e percebendo um ordenado três vêzes maior do que antes.

Mateus Szymcsak
LONDRINA - Est. Paraná



Tenho aconselhado a tôdas as minhas amigas que façam o Curso de Corte e Costura no Instituto Universal Brasileiro, o melhor ensino por correspondência

Isaura Gomes
ITAMBARACÁ - Paraná



Sinto-me hoje um homem feliz, ganhando bom dinheiro com minha nova profissão

Victor Braguini
MACAUBAL - São Paulo

não perca tempo

e mande-nos

HOJE

o coupon ao lado



1758

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO

CAIXA POSTAL **5058** — SÃO PAULO

Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me GRATIS o folheto completo sôbre

o curso de .... *por correspondência*
(indicar o curso desejado)

NOME ....

RUA .... N ....

CIDADE .... ESTADO ....



Dulcina, que interpreta uma das duas personagens de «O homem de minha vida», poderá prosseguir com a sua temporada, salvo se fechar outro negócio.



Aimée disse que sim, mas agora diz que não ... Também dizem que ela vai ser a «estrêla» de Jayme Costa.

GANGORRA TEATRAL

LUCIO FIUZA

É sempre no meio do ano que se pode avaliar como caminha uma temporada de teatro aqui, no Rio de Janeiro. Como é do conhecimento de todos, 1954 tem sido brilhantíssimo para todos os empresários. Assim é que afirmamos que sòmente com a antecedência de muitos dias se consegue poltronas para espetáculos como «Sua Ex.ª em 26 poses», «Doll Face» e outros.

«Dona Xepa», vitoriosa peça de Pedro Bloch, desafiou duas temporadas e, o que é mais interessante, apesar de ser retirada no fim, dêste mês do cartaz, do Teatro Rival, continua a ser representada com casas incrivelmente lotadas.

Quanto aos teatros Serrador e Dulcina, a coisa vai seguindo os bons caminhos que 1954 tem oferecido. Eva Todor e seus artistas, no Teatro Serrador, estão cumprindo ótima temporada, mesmo porque seu teatro, onde se exibe a maliciosa comédia «História proibida», é um dos mais luxuosos com respeito à montagem. E' um espetáculo de qualidade, montado com muita arte e impecàvelmente representado. Quanto à comédia que Dulcina e Odilon vivem no Teatro Dulcina, tôdas as noites, é outro trabalho maravilhoso, tanto mais que não vai além de dois personagens. Dulcina e Odilon, realmente, em três atos, ou seja, o tempo regular de um espetáculo comum, são surpreendentes, quer pelo desempenho que dão às personagens, quer pelo lado poético, humano e psicológico que a peça «O homem de minha vida» apresenta.

Deixando o recinto «cinelândico», com tão poucos teatros, é indispensável dizer duas palavras do que acaba de ser a temporada do poucos dias de Dercy Gonçalves e seu conjunto, no Teatro Ginástico. Dercy pretendia ali não fazer mais do que uma semana e acabou, dado o ines-



Maria della Costa, há muito afastada dos palcos cariocas, mas com a data marcada para a estréia de seu próprio teatro, em São Paulo.

perado sucesso, realizando uma verdadeira temporada de um mês e qualquer coisa. Foi outra grande vitória de Dercy Gonçalves e sua divertida peça «Uma certa viuva», que também teve a sua brilhante carreira, anteriormente, ao ser representada no Teatro Dulcina.

Agora, em pleno mês de agosto, as «pedras do taboleiro» terão de ser mudadas. E' coisa aparentemente fácil, aqui para nós, que não passamos de simples espectadores. Todavia, diante do ambiente promissor de uma temporada, quando muitos ou quase todos estão felizes com seus sucessos artísticos e financeiros, quanta gente sofre por certas contingências que não permitem o contáto do artista com o público.

Mesmo quando o artista é reconhecidamente um consumado valor, quando possui uma interminável fila de fãs, a ausência por um, dois e mais anos é prejudicial. Aquele que faz arte de representar tem necessidade de todos os anos realizar sua temporada, cumprindo uma espécie de promessa com seu público, dando um pouco de sua arte aos seus aficionados. O afastamento do ator das ribaltas é sempre uma espécie de prova de retrocesso artístico. E' evidente que a maioria de nossos principais artistas e empresários não são responsáveis pelo seu não aparecimento às platéias cariocas. O fato é sempre decorrente da falta de teatros, coisa demasiadamente conhecida de todos e sobejamente criticada pela imprensa.

Há, é verdade, alguns empresários que dispõem de casa de espetáculos, ou porque, estòicamente, decidiram adquirir um teatro, ou porque se sujeitaram a custosos convênios.

Luiz Iglesias tem um entendimento com o dono do Teatro Serrador; portanto, sua temporada é garantida; Dulcina-Odilon resolveram comprar o Teatro ex-Regina e mandam e desmandam na bela casa de arte; Zilco Ribeiro arrendou o Teatro Follies e mantem sua gente no adaptado teatro para revistas de bolso; há ainda os entendimentos entre outros responsáveis de arte teatral e por isso mesmo não «choram as maguas» como muitos, coitados, que, para continuarem a ser artistas, resolvem fazer trabalhosas e difíceis temporadas pelo interior. São as chamadas excursões artísticas, que as mais das vezes são «defesas» com pouca arte e onde os prejuizos são constantes.



Angelita Martinez, muito jovem, já é «estrêla» de teatro, de rádio e «boite». Um cartaz permanente...



Lourdes Mayer, primeira figura feminina da companhia Rodolfo Mayer, parece que não representará para nós, êste ano...

Outros artistas, alguns com imenso prestígio, ficam a mercê da sorte, esperando que uma oportunidade caia do céu. Afinal, existe o grupo dos que programam temporadas de arte e nada podem realizar, devido às determinações celestes e terrenas, que inúmeras vezes, destroem as pretenções e planos de um futuro côr de rosa....

Na arte de representar, como em tôdas as artes e na vida em geral, há uma verdadeira gangorra, desnivelando criaturas. Neste mundo, jamais as pessoas estão igualadas, há sempre os que estão por cima e ha os que mantêm os pés em contáto com o solo. Não sobem todos ao mesmo tempo. Contudo, quantas vezes os que estão nas alturas, vertiginosa

(Conclui na página 61)



FIGURA VIVA

Theófilo de Vasconcelos

Locutor

EM Jaú, no Estado de São Paulo, nasceu Teófilo de Vasconcelos. Sua casa era na rua Major Prado. O mês de seu nascimento foi março. Seu dia é cinco, do ano mil nocentos e quinze. — Portanto, carneiro é o seu signo. De sua infância — até aos doze anos nada lhe sobra na lembrança que possamos citar — entretanto, o que sabemos exatamente é que sua vida dos doze aos vinte anos lhe fôra particularmente feliz.

Seu pai, Sr. João Batista de Vasconcelos era conhecido fazendeiro de café e abastado comerciante do gênero. Seu gôsto pelo rapaz Théo, era insinuante. Queria ver o filho militar. Em 1927 o Sr. João Batista Vasconcelos, morre, e a nossa figura fica órfão. Muda-se para a capital e vem morar com sua mãe na rua Conde de S. Joaquim. Sua casa tinha o número 16. Torna-se aluno do "Ginásio do Estado de São Paulo", e bacharela-se em ciências e letras. Quando cursa o ginásio conhece o médico Marco Tabacow (já falecido), o advogado Pierri, Paulo Penteado e outros cidadãos que são nomes conhecidos, que Théo quer muito bem, e os guardas na lembrança como bom contemporâneo.

No ano de 1929 morre sua progenitora. Théo vai passar uns tempos em Vitória e antes de alcançar a Leopoldina visita o Rio e leva uma impressão passageira e lisonjeira dêste mundão de coisas e reboliços que já era naquela época o Distrito Federal. Retornando a São Paulo ver possibilidade de satisfazer o desejo de seu falecido pai. Segue para o Rio para fazer o vestibular na "Escola Militar". Faz tôdas as provas e obtem notas excelentes — entretanto, sua altura trai os seus sentimentos de cursar a escola que o Sr. João Batista tanto lhe desejou. Foi reprovado. Retornou novamente a São

(Conclui na página 59)

SHORT

De PAULO DE SINHÁ

HOUVE lua — cheia e clara. Uma réstia branca iluminava o mar. A capota do carro do Bené Nunes não coube um piano. Tocava-se violão. Numa rua estreita, e uma casa com várias janelas, um vocalista desta praça cantava canções. Inconformado e lírico — apoiado num côro vocal, disse: «Abre a janela, formosa mulher, vem dizer adeus a quem te adora». Ibrahim não se conteve e leu a carta que veio de Minas Gerais. Uma moça Glória, assinando Marina de Almeida, dizia-se apaixonada pelo cronista do «O Globo». Ela acha o cronista Ibrahim bonito e famoso. Diz não frequentar reuniões sociais, porque é inteiramente burguesa. Já a moça Odete Lasmar, do mesmo país mineiro, sòmente deseja uma foto do cronista do «Café (Sued) Society»).

O «Clube da Chave» voltou a funcionar. Elizeth foi dizer a todos os presentes que: «Se o tempo entendesse de amor, devia parar».

Diz uma «charge» da «Revista do Globo» que Sampaio assistiu «a fuga das feras do circo» e o realizador de «Nem Sansão Nem Dalila» disse: «As 7 luvas do Barba Azul» está criando môfo.

Ontem o «Ferrôlho» se abriu. Diana Morel recebeu o cronista. Houve peixada e tôda a turma da diretoria estava satisfeita com a frequência.

Na ABI, a rainha Rosângela Maldonado fez anos. Houve «cock-tail» Pixoxó. Marina Benjamim Constant fez anos. O Sr. Paulo Namorado não compareceu. Como já tinhamos comparecido ao aniversário dela — no princípio do ano, não foi necessário voltar ao assunto. O Sr. Waldemir Paiva continua na Paraíba. Miriam Moema mandou perguntar se mamona e carrapicho dão dinheiro. Claro que pega.

....Continuam as filmagens de «Rio 40º». O talentoso jovem, Alcebiades Ghiu, e José Melo são dois intérpretes arrojados que integram o elenco dessa película. Ambos estão queimados das filmagens.

O Sr. Hélio Fernandez fez batisado no domingo último. Reconheceu na Igreja Católica, Apostólica Romana o seu herdeiro Hélio Fernandes Jr. No dia seguinte, Millor Fernandes fez anos e ofereceu almôço. Millor é irmão de Hélio e tio de Hélio Jr.

Rubem Braga, cronista afamado desta praça e de Cachoeira de Itapemirim, regressou a êste Estado.

O «Correio da Manhã» descobriu que o «trust» cinematográfico carioca é cearense. Disse o Padre entura, da revista «Radiolândia», que o Sr. Ribeiro Jr. é judeu. O mesmo Sr. Luiz Severiano Ribeiro Jr. é também romântico.

Iracema Vitória é naturalmente empresária. Lançará por êstes dias uma «Cia. de Comédias» que abafará a banca. A polícia mineira não conseguiu prender o Sr. Colé. Dizem ser o «show» da «Boite Beguim» bom. Paulo Soledade encontrou Solano Trindade. em. grande .performance». Achou as «gires»: medeirianas...

Humberto Teixeira viajou para sua terra natal. Êle é candidato a deputado e merece o voto dos seus conterrâneos. Grande Otelo é candidato a vereador — «votando nêle, não votarás em branco...».

Levantará vôo, de uma pista autorizada, a aeronave que levará os cronistas Francisco Torres e Newton Couto à cidade de Paris. Seguirá junto com os dois jornalistas a senhorita Armênia. Ela é aluna da «Escola Nacional de Belas Artes» e se aperfeiçoará.

Carmélia Alves regressou da Argentina. Na festa que o «Clube da Chave» ofereceu a ela, a cantora Stelinha Egg cantou um número neo-realista... Impondo arrojo ao quadro — caiu.

O «Clube de Cinema Mudo» continua no primeiro andar do «Vogue». «O «Vogue» é do Barão Stuka. O Barão Stuka é dono do «Posto Cinco», («boite» existencialista).

Leon Eliachar va itrabalhar na Metro. O formidável humorista está deixando o cabelo crescer para tomar o lugar do leão.

O cronista Braga Filho, de «O Radical», me telegrafou: «Paulo de Sinhá: Djalma Ferreira fez quarenta e um anos. Teve catapora. Abraço. B. F.».

Braga, a vida começa aos quarenta. Djalma pintou o corpo no dia do seu quadragésimo primeiro aniversário.

A VIDA NO RÁDIO

Renato Murce completou, há pouco, trinta anos de serviço no rádio brasileiro. Os que acompanham a sua trajetória sabe quanto tem sido ela brilhante e proveitosa. Com a sua inteligência, seu esfôrço, sua grande capacidade de trabalho, Renato Murce, como produtor e diretor de programas, soube se impôr à admiração e ao apreço de todos. Os seus anos de rádio foram comemorados festivamente num espetáculo que se realizou no João Caetano, no correr do qual os amigos e admiradores de Renato foram levar-lhe o testemunho de sua constante simpatia.

•

Duas vêzes por semana, às quintas e sextas-feiras, Angela Maria está cantando em São Paulo. Sua estação naquela cidade: a Rádio Nacional bandeirante.

•

E a seguinte a distribuição de papéis da nova novela da Nacional, "A Voz do Sangue", no horário das 10,30, às terças, quintas e sábados:

•

"Alberto" — Orlando Melo; "Claudio" — André Villon; "Cintia" — Olga Nobre; "Leonor" — Amelia de Oliveira; "Hortencia" — Amélia Ferreira; "Marcelo" — Paulo Cesar; "Dona Augusta" — Elza Gomes; "Senhor Martins" — Sergio de Oliveira, e "Margarida" — Teresinha Nascimento.

•

Terminou o concurso promovido pelos nossos confrades de "Radiolandia" para a escolha de "a maior das fãs de 1954". A candidata vitoriosa foi Virginia Antunes, eleita pelo Fã Clube Emilinha Borba. Virginia Antunes é uma jovem distinta, bonita e prendada, aluna da Escola de Filosofia. Em segundo lugar aparece na votação Lygia Rosa, do Fã Clube Marlene, e em terceiro Maria Helena, do Fã Clube Elsa Martins. Virginia Antunes foi apresentada, sábado último, por Emilinha Borba, no programa Cesar de Alen-

(Conclui na página 63)



Renato Murce é sem favor uma das grandes figuras do rádio brasileiro. Ele acaba de completar 30 anos de trabalho a serviço da radiofonia brasileira



Uma trinca do barulho: Germano, Ema Davila e Altivo Diniz

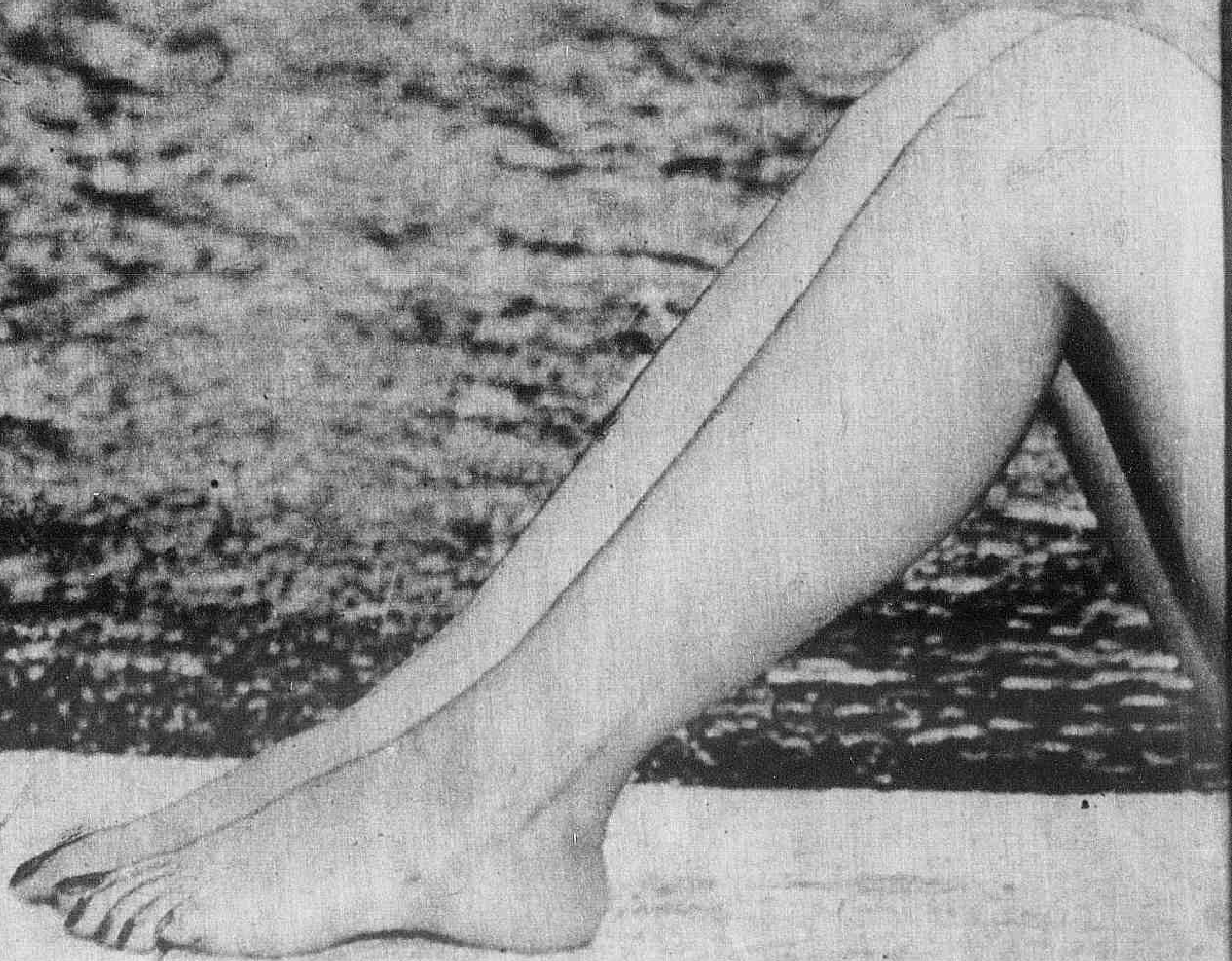


Uma figura simpática e querida de todos: Jair Amorim

Flagrante onde se vêem Marlene, o compositor Bené Alexandre e Miguel Gustavo



BERTA CARDONA — Ela esteve há pouco tempo no Brasil na temporada de Bernard Hilda e deixou muitos fãs entre nós. Agora chega-nos de Paris a notícia de que a formosa Berta virá de novo ao Rio de Janeiro, pretendendo fixar residência nesta capital, pelo menos durante um longo tempo







DISCOTECA

UM INTÉRPRETE CARACTERÍSTICO

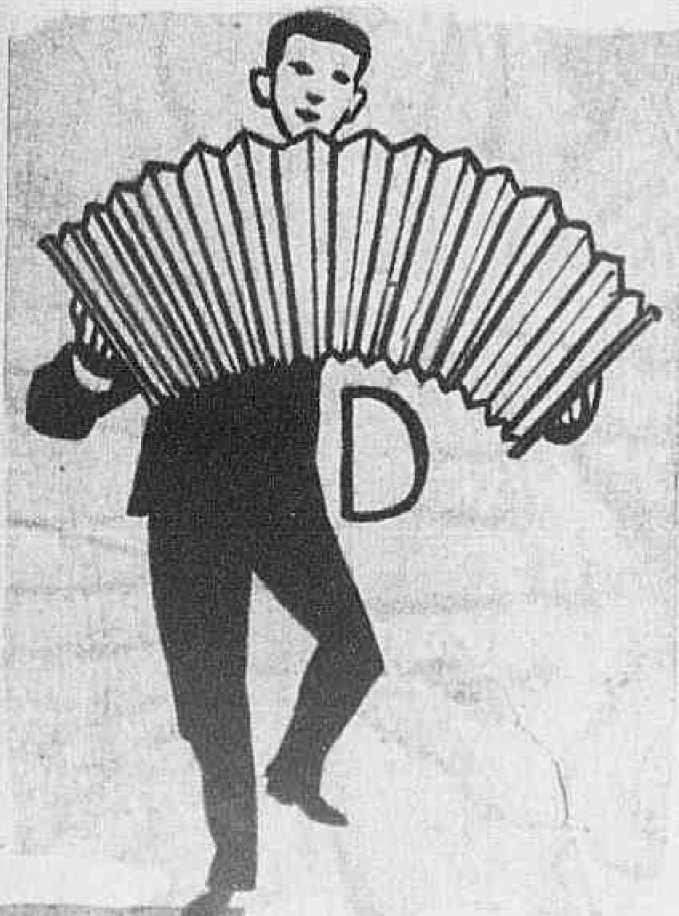
NÃO têm sido esporádicas, nos últimos anos, as revelações no âmbito do mundo artístico brasileiro. Valores provenientes dos mais longínquos pontos do país surgiram, inesperadamente. Compositores, intérpretes e instrumentistas trouxeram nova roupagem à música popular, impondo classe de superior quilate. Dentre êstes, assinalamos a presença de **Jackson do Pandeiro**, artista de personalidade inconfundível, arrebatando entusiasmo das platéias. Simples, não cultuando a vaidade efêmera — doença incurável, que hoje contagia os setores das hertzianas e da fonografia, na Capital da República — nunca traiu a mais nobre qualidade do homem do Nordeste: a sinceridade. Não é fácil, devemos frisá-lo, ser leal divorciado do interêsse mesquinho. Há indivíduos, nas hostes do rádio e do disco, no Rio de Janeiro, que nenhuma cultura possuem e vivem a menosprezar as qualidades de seus semelhantes. Imaginam-se gênios e por isso têm a mania de aparecer de qualquer forma, utilizando publicidade remunerada, explorando espontâneas amizades, numa vã tentativa de impor um mérito que na realidade não existe! No caso do pernambucano Jackson, isso não se verifica. Êle é uma criatura modesta, porém, de recursos interpretativos excepcionais. Apareceu, promissoramente, no Recife, através o microfone respeitável da "Rádio Jornal do Comércio". Lá, no aconchêgo de sua gente, realizou as primeiras gravações. Música, letra, costumes, ambiente, regionalismo vivo, atuante, se estravazam do conteúdo admiravelmente humano de tôdas as suas criações. Considerámo-lo, sem favor, o cantor mais completo no gênero. Nas quatro primeiras composições — "Forró em Limoeiro" (Rojão), de autoria de Edgar Ferreira — "Sebastiana" (côco), de Rosil Cavalcanti — "1x1" (Rojão), de Edgar Ferreira — "Mulher do Anibal" (côco), de enival Macedo e N. de Paula — tô-



Jackson do Pandeiro.

das levadas à cêra nos
túdios da mencionada
nambucana, com ótim
mentos ritmicos e ins
Gaúcho e seu Conjunt
consagrar êste intérpre
mostra autêntica de se
cursos artísticos, da ex
mental de sua grande a
tino, do afeto próprio
tros que, igualmente n
cheiro da terra úmid
mugir do gado nos curr
da mata, o calor diferen
ras e o sol inclemente
tranhamente o leito in
tradas! Jackson do P
trou, na Copacabana, c
gente e perspicaz de V
facultando-lhe tão ma
longe das plagas norde
o Rio o principal centro
de sucessos artísticos, co
nacional, nenhuma "cha
fim de que viesse a co
aspirações. Boi "Brabo
Rosil Cavalcanti, e
(baião), de Marçal Araú
seu mais recente disco.
rificou-se, no início, to
eram totalmente descon
o mérito ainda mais e
êxitos dessas páginas d
nalissimo. Aos estudios
rítmos populares, colec
conados em geral, cham
ção para essa nova feiç
tiva das gravações dêsse

CLARIBAL



DISC JOCKEY "CARIOCA"

* Apreciamos, aqui, o disco "long playing" 33 1/3 RPM, sêlo "Musidisc", sob o titulo "Tangos Famosos", reunindo bela coletânea musical do saudoso intérprete e compositor argentino — **Carlos Gardel**. Nas várias criações instrumentais e vocais, a cargo, respectivamente, da **Típica D'Avlis** e do cantor **Emílio Rossal**, o aficionado do gênero encontrará momentos de indelevel prazer artístico. Na face A, temos: "Tomo Y Obligo" — "Sus Ojos Se Cerraron" — "Melodia de Arrabal" — "Mi Buenos Aires Querido". Apenas na segunda dessas composições, na ordem acima, aparece o intérprete carioca Emilio Rossal. Não gostamos, para sermos sinceros, de sua atuação vocal.

Há instantes em que em
pidamente, prejudicando
são eufônica no curso
lização; talvez, a circ
um estreante da fonogra
a segunda vez que
co) explique tais def
no entanto a colabora
cujas execuções são prin
B: — "El Dia En Que
"Cuesta Abajo" — "
"Amargura", apresentam
terísticas. O cantor apa
e terceira das composiç
ainda fora do desejado
cia. Tecnicamente, o dis
de boa qualidade. — Co
P. P.



Louis Serrano.

DISCOS "COLUMBIA"

* Claudete Soares, simpática intérprete do rádio carioca, é uma das novas conquistas desta etiqêta orientada artisticamente pelo Alfredo Ribeiro. Dentre as últimas gravações, do suplemento nacional, destacamos:

* Silvio Caldas, o grande "seresteiro", após o sucesso de "Poema dos olhos da amada", bela canção de Vinicius de Moraes e Paulo Soledade, e reaparece com outra composição dos mesmos autores, intitulada "São Francisco", e o samba "Vivo em Paz".

* Geraldo Pereira oferce aos aficionados "Professor de Natação" (samba-chôro), de Avarése e Maurillo Santos.

* Walter Damasceno (papel carbono de Jackson do Pandeiro), nas criações do gênero regionalista: "Quem me chama mentiroso", rojão de Jayme Florence, e "Segura êsse homem", rojão de Vicente Amar.



Carmélia Alves.

Roteiro de Novidades

* Encontra-se no Rio, há vários dias, o radialista e famoso "Disc Jockey", Louis Serrano, irmão do fundador da "Sinter", Paulo Serrano. Aqui permutará reportagens e noticiário da maior atualidade, com agências, jornais, emissoras, além do lançamento em grande escala das realizações artisticas norte-americanas através da "Serma". A foto, ao lado, é da chegada de Louis Serrano, que aparece à esquerda, sendo cumprimentado por Paulo Serrano e Ramalho Netto.

—o—

* "Boite", será o próximo disco LP "Mocambo" com oito belas gravações instrumentais de Romeu Fussati e seu Conjunto, com as seguintes melodias: "Blue Gardenia" (fox) — "Voltarei" (samba) — "Águas Passadas" (bolero) — "Adormentarmi Cosi" (canção italiana) — "Folhas Mortas" (canção francesa) — "Melancolie" (canção francesa) — "Sábado em Copacabana" (samba-canção) — "Usted" (bolero).

* Utilizando grande orquestra e côro, a Mocambo gravou, recentemente, a página de Joracy Camargo e Heckel Tavares "Adeus Guacyra", e a bela valsa de Romeu Fussati, "Crepúsculo", num notável disco de 78 RPM (sêlo vermelho).



Claudete Soares.

NOTAS DA CONTINENTAL

* Segundo informações recentes, Carmélia Alves, a "Rainha do Baião", deixará a Rádio Nacional carioca, transferindo-se para a Rádio Record, de São Paulo, com um grande salário. Artista da "Continental", em breve, lançará novas criações em disco.

* Dóris Monteiro, jovem intérprete da nossa música popular e elemento de relêvo do "cast" da Tupi, assinou contrato com a fábrica dos três sinos.

* Também foi contratado pela mesma gravadora o acordeonista Manoel Macedo.

* Edú, o "mago da gaita", gravou nesta etiquêta: "Numa Pequena Cidade Espanhola", linda valsa de Mabel Wainer, e "Ruby", fox, de Mitchell Parish e Heinz Roecheld, com acompanhamento de grande orquestra. Êsse artista firmou contrato na TV carioca.

* Bill Farr, após o auspicioso êxito de "Oh!", reaparecerá com "Zum-Zum-Zum" (fox), rival do "Neurastênico", composição de autoria do cantor Lucio Alves, e também a versão de Haroldo Barbosa, da belissima página americana "Relógio Sincopado" (Sincopated Clock), de Leroy Anderson e Mitchell Parish.

DISCOS SINTER-CAPITOL

* O renomado intérprete norte-americano, Frank Sinatra, que volta aos seus melhores dias, reaparece no Brasil, no suplemento "Capitol", com uma das suas mais expressivas criações: "Don't Worry About Me."

* Nat Cole oferece aos milhares de fãs brasileiros "Walkin' My Baby Black Home" e "Funny", gravações em sêlo Capitol.

* "Convite ao Romance", com oito sambas gravados na "caliente" voz de Mary Gonçalves, é o novo disco "long playing" da Sinter.

* Atendendo aos desejos da crítica especializada com rara proficiência, Eduardo de Castro Silveira e Genivaldo Peregrino estão correspondendo plenamente às expectativas, à frente do Departamento Artístico e de Divulgação desta gravadora. São rapazes atenciosos, educados, não cultuando vaidade alguma nem má política contra os verdadeiros críticos fonográficos da Capital da República. O Sr. Alberto Pittigliani agiu muito bem, entregando a tarefa de publicidade aos autênticos cavalheiros acima mencionados.



Frank Sinatra.

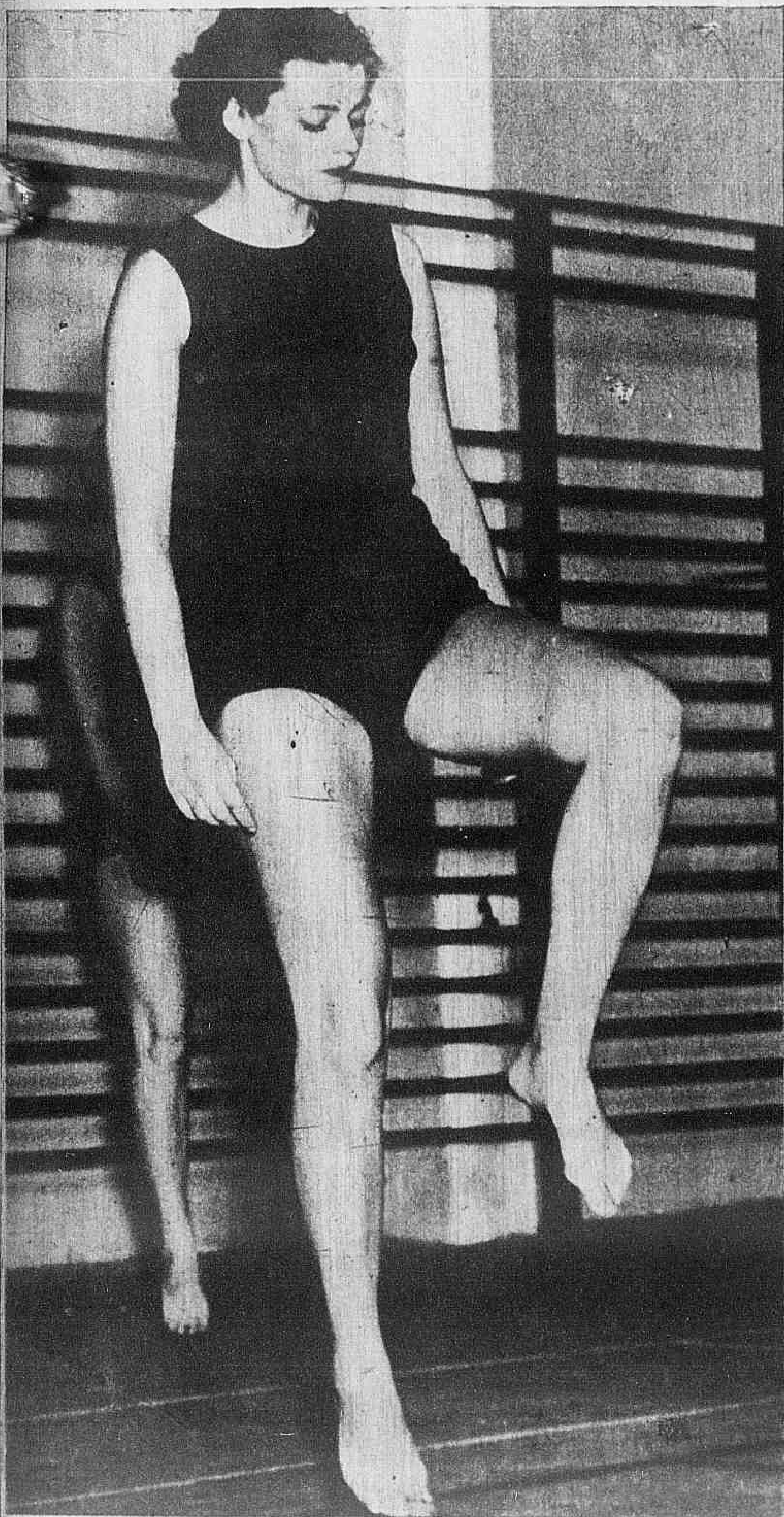
AS MOÇAS DA SUECIA MARAVILHARAM O RIO

Duas vezes casada, mãe de um lindo garoto, nem por isso deixa de ser admirada por sua beleza juvenil

De Carlos Fernando

MUITA gente teria pensado, e muita gente que entende ou pensa entender da puríssima ginástica, coisa bem diversa daquela apressada visita de um pequena, mas esplêndido conjunto de moças da Suécia que se exibiriam, como relâmpago, no Rio de Janeiro. Mas as duas demonstrações, uma noturna e outra matutina, a curto espaço de intervalo de horário, então surgiu o extasio pela maravilha dos espetáculos inéditos de tipos variados de ginástica, perfeitamente derivados para os passos graciosos da dança clássica.

De qualquer forma, sabe-se que a ginástica entre os europeus é um verdadeiro sacerdócio e as maiores escolas, dirigidas por verdadeiros mágicos — técnicos, pululam principalmente nos paises nórdicos, na Alemanha ou na Finlândia. Vulgarmente, porém, a Suécia foi e ainda conserva o título de berço magnífico da arte de preparar o físico humano de ambos os sexos, desde a infân-



Na fase inicial, há movimentos assim: movimentos de elevação das pernas e sempre nas pontas dos pés



Esta jovem é a guia de uma equipe. Comanda movimentos de respiração

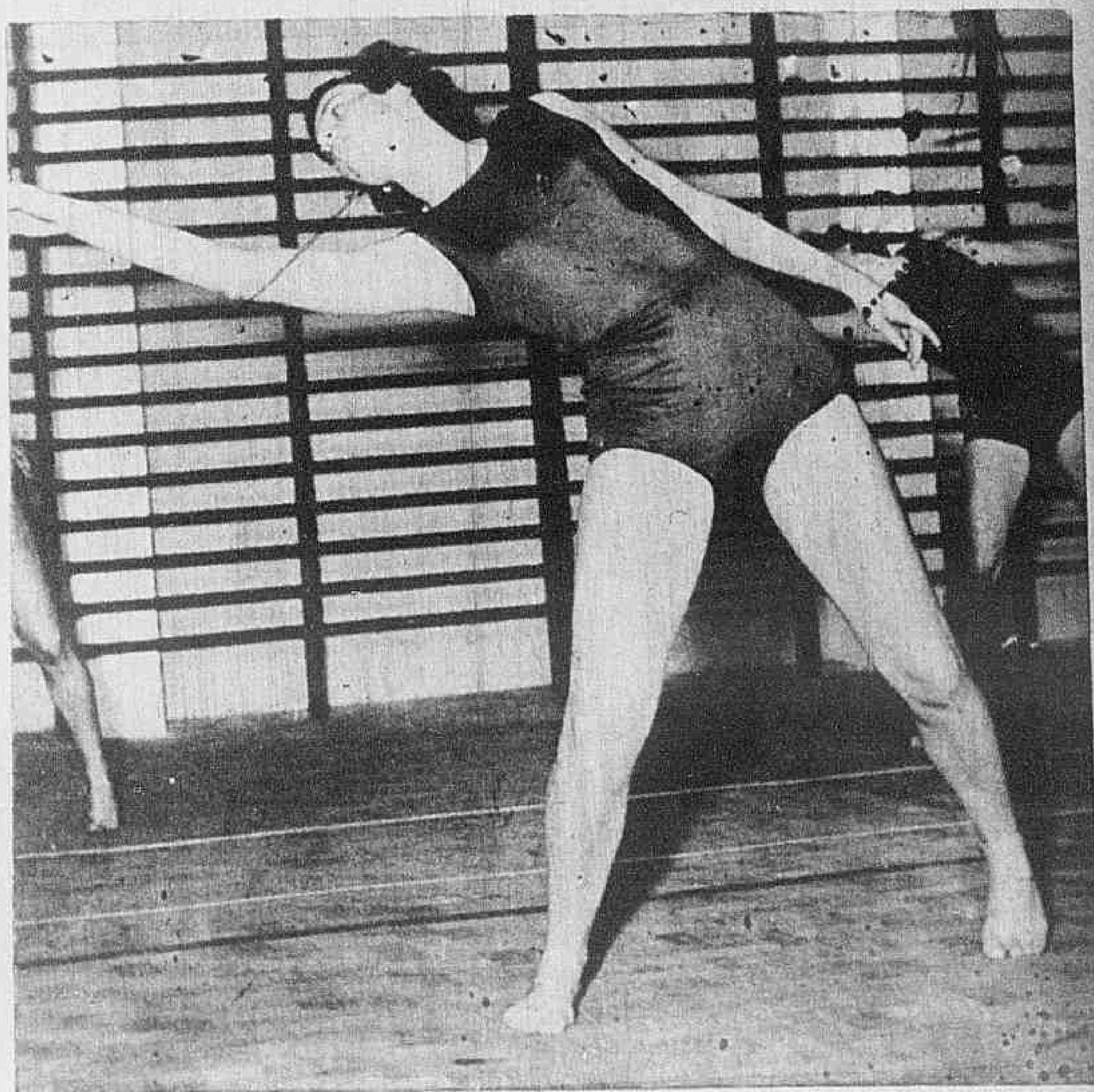


Eis um detalhe de dança em plena sessão de ginástica, no Ginásio do Anglo. Observe-se a perfeição dos movimentos

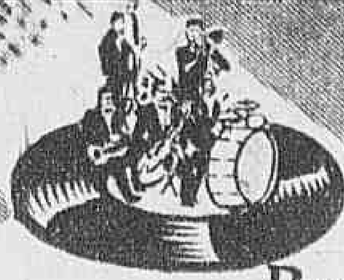
cia, derivando os múltiplos tipos dos tradicionais colé-gios. para os esportes em geral, para o aletismo ligeiro ou aplicado, como se denomina a ginástica de apare-lhos, e ainda para a dança clássica, estilizando, de acôrdo com a técnica dos dias modernos, aqueles mes-mos passos que as moças da Grécia criaram para a eternidade.

Essas dezenove moças da Suécia, alunas-mestras de um dos mais famosos professores, Ernest Idler, depois de uma demorada visita às principais províncias da Ar-gentina, estiveram no Rio por algumas horas somente, por fôrça da magnífica boa vontade dos nossos profes-sores de educação física e cooperação do C. R. do Flamengo. E todos nós fomos ver aquelas jovens fortes e saudáveis exibir em noitada maravilhosa no Flamengo e na manhã seguinte no ginásio do Anglo-Americano, justamente vários tipos de ginástica e de movimentos suavíssimos, mas de uma perfeição extraordinária, uma ginástica que não era exatamente o que os compêndios divulgam, mas um espectáculo bem diferente, atraindo felizmente uma quantidade considerável de esportistas e de jovens que praticam a dança clássica. Tudo foi completo, admirável naquela vertigem de menos de 24 horas. No Flamengo, estiveram o "grand mond", o embaixador da Suécia, figuras de relêvo da nossa alta sociedade, para assistir às jovens louras e fortes, com saiotes graciosos, fazendo ginástica de conjunto bai-lado, perfeito, admirável. No dia seguinte, com a luz do sol e claridade suficiente, as mesmas garotas sue-cas lá estavam em Botafogo, com os seus discretos

(Conclui na página 60)



Outra atitude da ginástica derivada para a dança — ligeiro flexionamento e atitudes clássicas




VARIEDADES MUSICAIS

Por DANIEL TAYLOR

N.º 268

NOTÍCIAS DIVERSAS

Após uns doze anos de ausência dos meios fonográficos, o ator-diretor Dick Powell volta a gravar discos. Sua «reentré» dar-se-á com as canções que êle interpreta na comédia-romântica da RKO Rádio, fotografada em tecnicolor, «Romance de minha vida» («Susan slept here»); são estas as canções que serão lançadas pela Bell Records: «Hold my hand» e «Susan slept here», ou seja, o próprio título original da referida película. —— Abbe Lane, cantora vocalista da Orquestra de Xavier Cugat, foi contratada pelo produtor executivo San Wiesenthal, para uma atuação especial no filme «O americano». —— Debbie Reynolds e Red Skelton também estão no elenco de «Romance de minha vida». —— O aplaudido cantor americano Eddie Fisher vem recusando várias ofertas para trabalhar no cinema. —— Marion, a consagrada «estrêla» do rádio e cinema brasileiros, que acaba de regressar de uma exitosa «tournée» ao sul do país, está obtendo, agora, o maior sucesso em tôda sua careira fonográfica, com o samba-canção «Destinatário desconhecido», de Daniel Silva e César Brasil, gravado no seu primeiro disco para o Mocambo. —— Segundo declarações do cantor Nelson Gonçalves, o compositor e ex-cantor Adelino Moreira foi o autor que mais o impressionou até hoje. O mesmo, Nelson já disse em relação ao crítico radiofônico e poeta, nosso amigo e colega de trabalho, Miguel Curi, cujos poemas adaptáveis à música calam fundo na sua alma... —— Prosseguindo na ampliação de seu já enorme «cast», a gravadora Copacabana «segurou» o popular sambista Black-Out, artista de justificada projeção (pelo seu gênero, bem dito) em todo o país. —— «Blue rain», uma das melhores coisas gravadas pela Orquestra de Glenn Miller, com refrão vocal de Ray Eberly, pode ser encontrada entre nós.



Aqui está uma cantora (**ela também encanta, não acham?**) que vem fazendo sucesso na **Rádio Quitandinha de Petrópolis**. Seu nome: **Carmem Lúcia**.

HIT PARADE

Segundo as estatísticas, aqui vão as dez melodias classificadas no mês de agôsto:

1.º) — «Neurastênico» — Betinho.
2.º) — «Quase» — C. Costa.
3.º) — «É o amore» — C. Augusto.
4.º) — «Blowin' wild» — F. Laine.
5.º) — «Secret love» — D. Day.
6.º) — «Till I waltz again with you» — T. Brewer.
7.º) — «Moonlight serenade» — G. Miller.
8.º) — «Carlos Gardel» — N. Gonçalves.
9.º) — «Xóte dos meninos» — I. Cury.
10.º) — «Saca-rôlha» — Aloysio.

A MÚSICA DO LEITOR

Victor Becker — (Rio) — Se publicamos letras de músicas que estão fazendo sucesso nos Estados Unidos, antes mesmo de chegarem ao Brail, é porque interessam a muitos. Anote a letra do bonito melódico de Paul Francis Webster e Sammy Fain, «Secret love», apresentado por Doris «Sweety» Day no filme da Warner, «Ardida como pimenta»:

Once I had a secret love
That lived within the heart of me,
All too soon my secret love
Became impatient to be free.
So I told a friendly star,
The way that dreamers often do,
Just how wonderful you are,
And why I'm so in love with you.
Now I shout it from the highest hills,
Even told the golden daffodils;
At last my heart's an open door,
And my secret love's no secret anymore.

*

Judith Assaf — (Maceió) — A senhorita tem razão. Eis a letra do tango «Por uma cabeça» («Por una cabeza»), de Gardel, em versão brasileira de Ghiaroni, gravado por Alcides Gerardi:

Por uma cabeça,
um potro valente,
Que corre na frente,
primeiro a chegar!
E que ao galopar, parece falar:
«Joga velho amigo,
que nasceste p'ra jogar»!
Por uma cabeça, leve cabecinha

Da mulher que é minha, talvez...
talvez não!
Que ao jurar mentindo todo o amor
que está fingindo,
Põe uma fogueira no meu coração!
Por uma cabeça!
Ai, quanta loucura!
Se ela me abraça,
A tristeza passa,
Passa a desventura!
Por uma cabeça!
Se ela me olvida,
Que importa que eu perca
Mil vêzes a vida!
Para que viver?
Por uma cabeça, todo o meu futuro!
Quanta vez eu juro:
Não torno a insistir!
Mas quando eu a vir,
basta um só olhar!
Seus lábios de fogo
outra vez quero beijar!
Chega de corridas!
Não vou mais ao prado!
Não sou viciado! Não quero perder!
Surge um favorito...
e o domingo está bonito!
Jogo até a alma!
Que é que eu vou fazer?

*

Altamiro Fernandez — (Rio) — Gratos pelas gentís palavras. Sôbre o «fã clube», «Later, who knows»?... E, agora, queira anota ra letra de «Oh! my pa-pa», grande sucesso de John Turner, Geoffrey Parsons e Paul Burkhard, esplêndidamente interpretado pelo notável Eddie Fisher:

Oh! my pa-pa
to me he was so wonderful
Oh! my pa-pa to me he was so good
No one could be
so gentle and so lovable
Oh! my pa-pa he always understood
Gone are the days
When he would take me on his knee
And with a smile
he'd change my tears to laughter
Oh! my pa-pa so funny, so adorable
Always the clown so funny in his way
Oh! my pa-pa
to me he was so wonderful
Deep in my heart I miss him so today.

*

Dr. Alfredo M. Duarte — (Belo Horizonte) — Então o senhor também tem notado isso? A seguir, com os nossos mais vivos agradecimentos pela preferência que o amigo tem por esta seção, segue a letra do fox «The breeze and I», gravado por Tommy Dorsey e sua Orquestra:

The breeze and I
are saying with a sigh
That you no longer care
The breeze and I
are whispering goodbye
To dreams we used to share
Ours was a love song
that seemed constant as the moon
Ending in a strange, mournful tune;
And all about me, they know
You have departed without me



Julinho, o «líder do samba», mostra aos autores Severino Oliveira, (à esquerda), e Fernando Martins a prova de seu disco («Tragédia na Lapa»), que deverá ser lançado, em breve.

And we wander why,
The breeze and I.

*

Jurema Sampaio — (Rio) — Aqui vai a letra do samba-canção de Adelino Moreira, «Profeta», gravado por Nelson Gonçalves, que, na sua opinião, é «o maior!»:

Mesmo não sendo profeta
Eu previ o teu fracasso,
E a tua jornada incerta
Acompanhei passo a passo.
Eu te mostrei na hora certa
A tua trilha ruim.
Mesmo não sendo profeta
Profetizei o teu fim.

Conselhos foram brinquedos,
P'ro teu coração devasso,
E hoje conto nos dedos
Os degráus do teu fracasso.
Quando estiveres cansada
Das madrugadas da rua,
Sobe os degráus dessa escada,
Que esta casa inda é tua.

RITMOS GRAVADOS

Na RCA Victor

O repertório argentino da gravadora em epígrafe, a ser lançado em setembro, está condignamente representado, com um disco de Antonio Prieto, um dos grandes cartazes da Argentina, apresentando a valsa-canção «Violetas imperiales», do filme «Violetas imperiais», e, na outra face, o bonito bolero «Contigo en la distancia». Acompanhamentos por Vieri Fidanzini e sua Orquestra.

Na Sinter

Para os apreciadores de músicas melódicas, Lírio Panicali e sua Orquestra Melódica oferecem duas fantasias: «Virgem de Fátima» e «Nossa Senhora da Luz de Curitiba».

Na Odeon

Gosta mos do disco de Grant-Lyttelton e sua Orquestra de Jazz, que executam, a contento, os foxes «King Porter stomp», de Morton, e «Original Jelly Roll blues», também de Morton. Ambos estão sob medida para os dançarinos.

Na Decca

Um disco bastante agradável da excelente Orquestra de Cordas de Victor Young — «The Melba waltz», de Spoliansky e Newell, do filme «Melba», que apresenta, na outra face, com Victor Young e sua Orquestra de Concerto, a melodia «Cathy», de Alfred Newman, apresentada, como «background», no filme «O morro dos ventos uivantes».

7ª ARTE

POR VAN JAFA

"É proibido beijar

Vera Cruz — Columbia Pictures — Direção de Ugo Lombardi — Cenario de Fabio Caspi e Mauricio Vasques — História de Alexandre De Stefani — Fotografia de Ugo Lombardi — Música de Henrique Simonetti.



Tonia Carrero e Mario Sergio



Mariana Villar, formosa estrela lusa

Mais do que nunca continuarei afirmando que dois são os defeitos, ainda sem solução, do cinema brasileiro — falta de cenário ("script") e ausência de diretor.

Longe de negar que cinema seja equipe, o que é evidente; quero acentuar a importância maior da adaptação cinematográfica como contribuição direta e até certo ponto responsável pelo agrado do espetáculo, como diretor que faz o argumento render cinematograficamente e exige dos artistas trabalho, dirigindo-os evidentemente.

O que não é possivel continuar é o improviso de certos cavalheiros em funções-chaves, como a de cenarista ou de diretor, que de modo algum podem ser realizadas por improvisadores. O cenário de "É proibido beijar", de autoria dos Srs. Fabio Caspi (pretensioso) e Mauricio Vasques (ingenuo), é de uma ingenuidade que atinge a maioridade. Os diálogos são postiços, errados, ou cretinos. Certamente que de cinema esses cavalheiros devem ter ouvido falar, pois o que há de estúpido mesmo, no fita, prova e confere a incompatência desses maus copiadores.

A história do Sr. Alexandro De Stefani, de onde foi extraido o "script", é um amontoado de sandices das mais variadas e que soam falsa ao nosso clima. Para completar, o "diretor" Ugo Lombardi, que nada entende de direção cinematográfica e nem ao menos sabe orientar os artistas, posto ele próprio necessitar de orientação, completa a asneira cinematográfica. Ainda por cima, é o diretor de fotografia, que louvo somente na parte referente a exteriores.

A música do Sr. Henrique Simonetti nada tem a ver com cinema. Quanto a sua melodia, "É proibido beijar", cantada na apresentação da fita, êle próprio não soube aproveitar como fundo. Mesmo os artistas estando inocentes até certo ponto, vou passar uma revista. A bela Tonia Carrero, destituida de sua beleza (creio que Tonia não bem, loura), está uma caricatura de Heloisa Helena, na sua representação. Mario Sergio, sem direção e expressão, mais uma vez comparece para não dizer nada. Ziembinski surpreende pelas suas variações de bigode, ora negro, ora branco. Oteldo Zeloni, fraco. Inesita Barroso, sem a sua graça, relegada a um segundo plano injustamente. Renato Consorte, Margot Bittencourt, José Rubens, Vi-

cente Leporace, Victor Merinov, Aires Campos e outros, como Tito Livio Baccarin, que compõe bem uma pontinha no agente de polícia que vai prender a estrela, completam o elenco.

O Sr. Fabio Carpi, desde início, deu prova da sua incapacidade para cenarista, ao adatar sua própria história, "Uma pulga na balança", que de certo modo era uma história inteligente. E o Sr. Ugo Lombardi tambem em "Uma pulga na balança" havia comprovado o seu temperamento para fotografar jornais e "shorts". Todo o defeito e mesmo frustração de "E proibido beijar" advem da incompetência desses cavalheiros que no Brasil fazem livremente o que na sua terra de origem jamais poderiam fazer. Abaixo os maus estrangeiros do cinema nacional, todos aqueles que não dão o melhor de sua capacidade para o progresso da nossa cinematografia. "E proibido beijar" é a penúltima barbaridade do condado italiano de São Bernardo do Campo. E' uma comédia americana, realizada por italianos em São Paulo.

*

Notícia sôbre Mariana Villar

Mariana Villar é uma das mais novas e formosas estrelas do cinema luso. Inteligente, sensivel e de reconhecidos méritos, fez sua estréia na fita "Duas causas", ainda inédita entre nós.

Esplendidamente fotogênica, Mariana Villar, está em plena atividade e já compareceu nas fitas "Rosa de alfama" e recentemente em "Quando o mar galgou a terra", tambem ainda não exibidos no Brasil. Mariana Villar presentemente prepara-se para estreiar no teatro e conta, entre outros sonhos, no seu itinerário futuro, uma visita ao nosso país. Aqui estamos para aplaudir a formosa Mariana Villar, quer na tela, quer no palco, e que sua carreira seja de culminâncias.

*

"Vivamos hoje"

(Edouard et Caroline)

França Filmes — Direção de Jacques Becker — Cenário de Jacques Becker e Annette Wademant — Diálogos de Annette Wademant — Fotografia de Robert Lefebvre — Música de Grunenwald — Produtos Robert Bossis.

Com "Eduardo e Carolina" ("Vivamos hoje") — prefiro o título original, muito mais expressivo que o batismo brasileiro, qque aliás é o mesmo de uma antiga fita de Joan Crawford na Metro), fica mais uma vez comprovado que os grandes filmes são feitos com pequenas coisas. Acontece que as pequenas coisas têm a grandeza da vida, e sua trama é a própria vida.

"Eduardo e Carolina" segue a mesma linha da admirável obra "Antonio e Antonieta", que o mesmo Jacques Becker realizou com tanta inteligência e sensibilidade.

"Eduardo e Carolina" é uma comédia doméstica, onde desta feita os personagens fazem uma incursão no "grande mundo" e Becker oferece com fidelidade um retrato satirico da realidade vivida. Tudo feito à base da alta comédia, mas com um cunho extraordinário de veracidade, onde o cinismo aparente se dilui em riso constante. A malícia é autêntica e o que Jacques Becker consegue é de pleno êxito e, sobretudo, ter realizado uma comédia de alta classe e de cinema no seu mais amplo significado.

"Eduardo e Carolina" põe mais uma vez à prova a qualidade de diretor que é Becker. Daniel Gelin teve excelente rendimento em Eduardo, um pianista de gênio e um apaixonado. Becker colheu trabalho tão apreciável de Gelin como o que Mav Ophuls conseguiu dele em "La Rende" (Conflitos de amor). Anne Vernon vive com naturalidade Carolina. Jean Galland, que teve ótima aparição no episódio "A máscara", na infeliz realização de Ophuls, "O prazer" faz o teórico com propriedade. Jacques François, que vimos num dos episódios de "Gigolô e Gigolette" (Encore), contracenando com Kay Walsh, é o primo. Betty Stockfield e Jean Toulant fazem o casal Barville. Elina Labourdette é a que dava olhares de gazela, casada com o americano de Chicago, feito pelo ator Williams Tuls, compõem bem seus tipos.

Excelente fotografia, e movimento de camera vivo de Robert Lefebvre. Jacques Becker, entre "Antoine et Antoninette" (1947), realizou, em 1949, "Rendez-vous de Jullet" (Eterna ilusão), pois "Edouard et Caroline" é de 1951. Entre suas fitas mais recentes se encontra "Casque d'or" (Amores de apache), de 1952, que já foi exibida, e "Touchez pas

(Conclui na página 56)

O QUE VAI PELO CINEMA NACIONAL

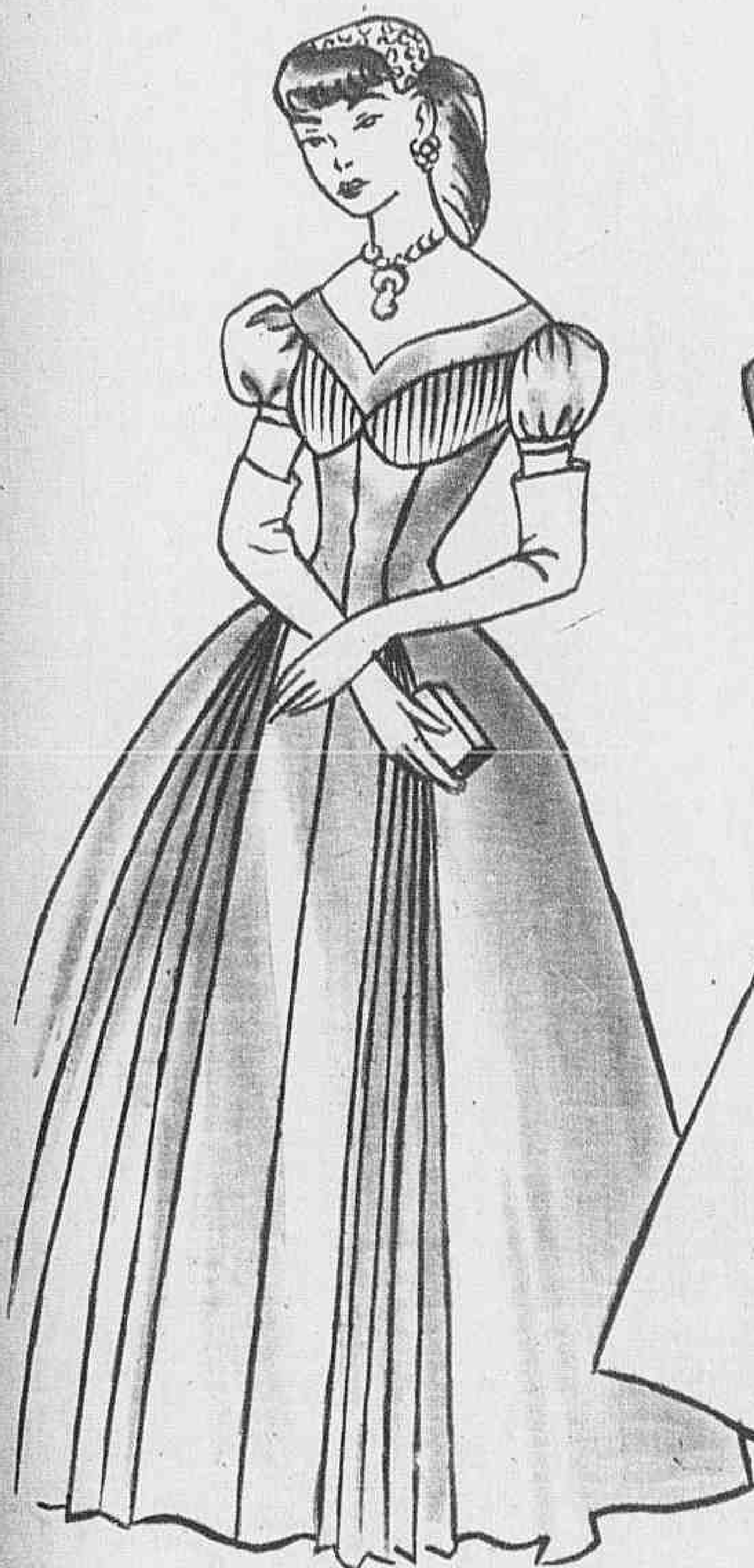


John Herbert e Cacilda Becker, em «Florada na Serra», direção de Luciano Salce. Vera Cruz — Columbia Pictures

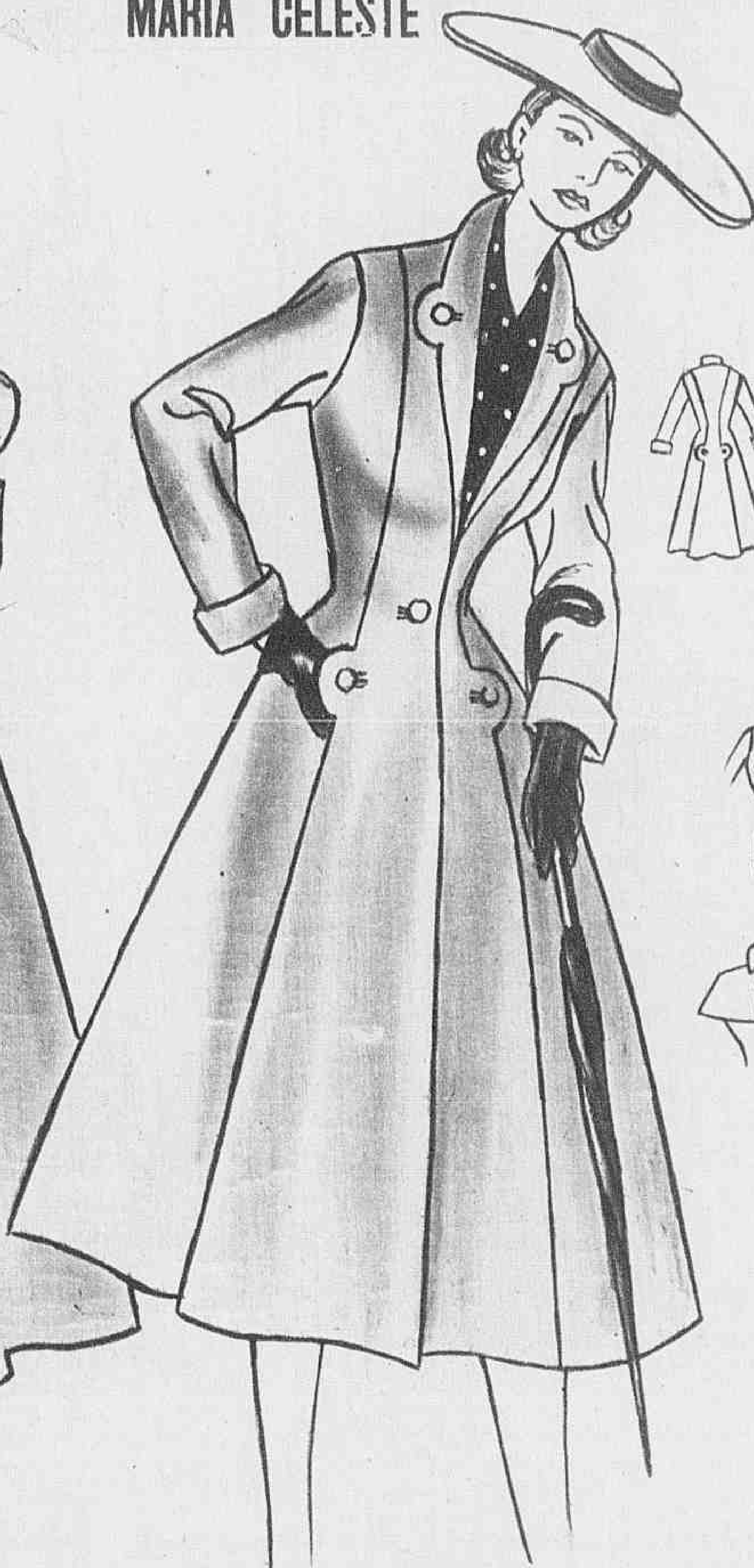


O jovem Edson Silva, que já fez «pontas» no cinema. Estreou na peça «Terra Queimada» e vai participar em São Paulo da Companhia de Sergio Cardoso

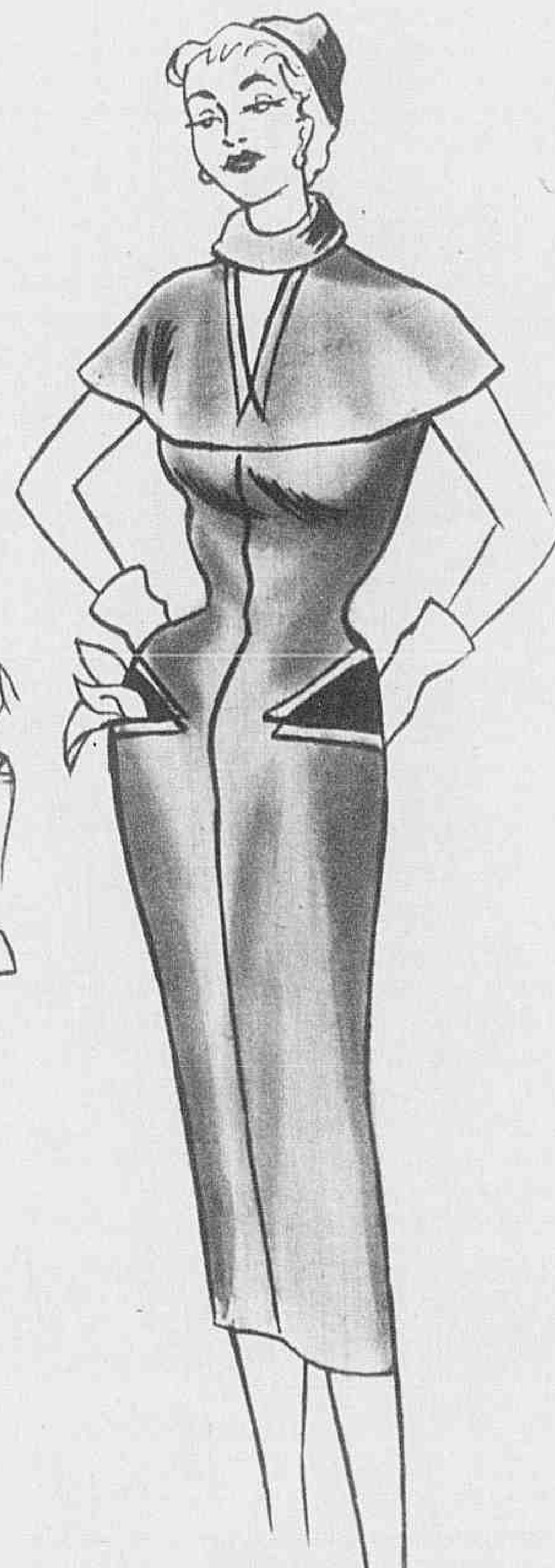
RITINHA



MARIA CELESTE



MORENA



RESPOSTAS ÀS LEITORAS

As cartas para esta seção devem ser dirigidas a MARION — Redação de "CARIOCA", Praça Mauá, 7 — Queiram juntar aos pedidos de modelos a data completa do nascimento para o horóscopo.

RITINHA — Rio — Muito gracioso êsse figurino para sua fazenda. A saia bem rodada ficará bem para o seu tipo. — Horóscopo: você é sociável, afetuosa e firme quando quer bem. Precisa dominar o seu gênio para não ter expansões e impulsos desagradáveis. Tendências artísticas que cultivadas poderão conduzí-la ao sucesso. Viagens agradáveis. Não confie demasiadamente nos outros, isso lhe trará desenganos. Pense antes de agir. As resoluções impulsivas nem sempre lhe serão favoráveis. Gosta de mandar. Quando se casar convém dar ao menos a seu marido a impressão de que êle é quem manda. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 24 de outubro e 22 de novembro, 22 de abril e 21 de maio, 20 de fevereiro e 21 de março.

MARIA CELESTE — Sorocaba — Sugiro-lhe êsse modêlo que é elegante e prático. Guarneça-o com botões forrados. Horóscopo: — Espírito prático, metódico e vontade firme. E' modesta e reservada. Não gosta de fazer confidências e não revela as ambições que tem. Precisa vencer uma timidez que só pode prejudicá-la. Não receia trabalhos e sabe que sua melhoria depende do seu esfôrço pessoal. Se pudesse viajar encontraria mais facilmente o sucesso e a felicidade. Ama a ordem e a tranquilidade e será uma excelente dona de casa. Escolha com cautela o seu futuro espôso. Harmoniza-se melhor com as pessoas nascidas de 22 de dezembro a 20 de janeiro.

MORENA TRISTE — Rio — Eis um modêlo que atende exatamente ao que você deseja. Repare na originalidade da gola. Seu estudo: — Imaginação fértil e uma grande sensibilidade que precisam ser controladas. É inconstante nos seus desejos. Muda frequentemente de rumo e aspirações, não conseguindo chegar ao fim de nenhuma realização.

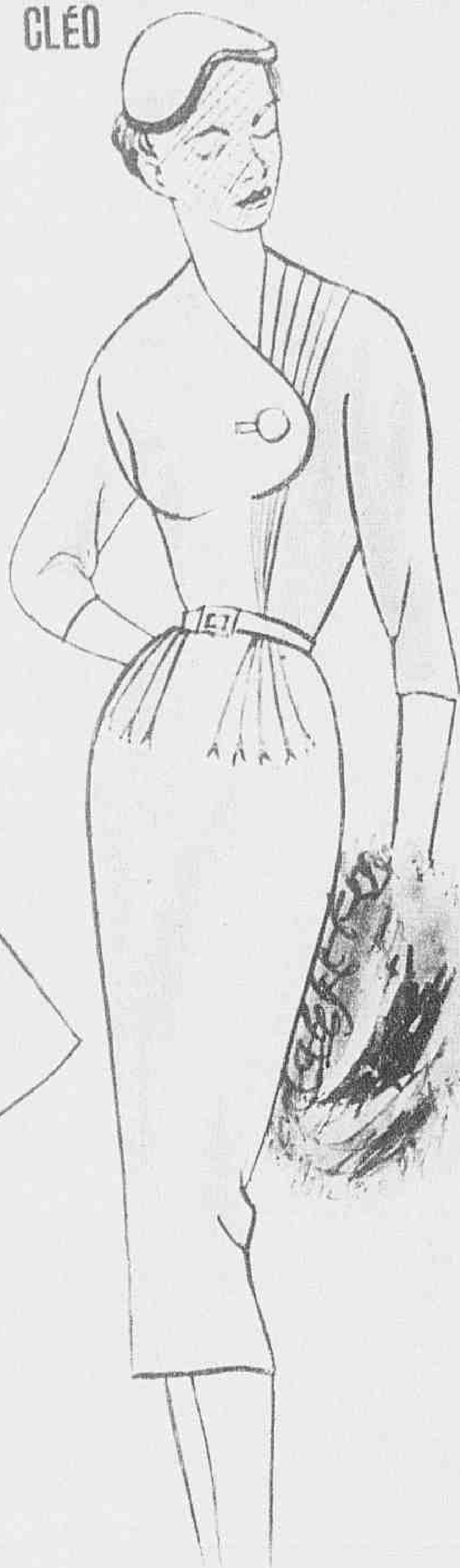
Desenvolva sua fôrça de vontade e não mude de objetivo na vida com tanta facilidade. Seu futuro depende da sua perseverança. Prepare-se para enfrentar com coragem tôdas as dificuldades que surgirem no seu caminho. Vencerá porque tem qualidade de inteligência e aptidão que podem levá-la a bom êxito.

Harmoniza-se bem com as pessoas nascidas de 23 de outubro a 21 de novembro e de 20 de fevereiro a 21 de março.

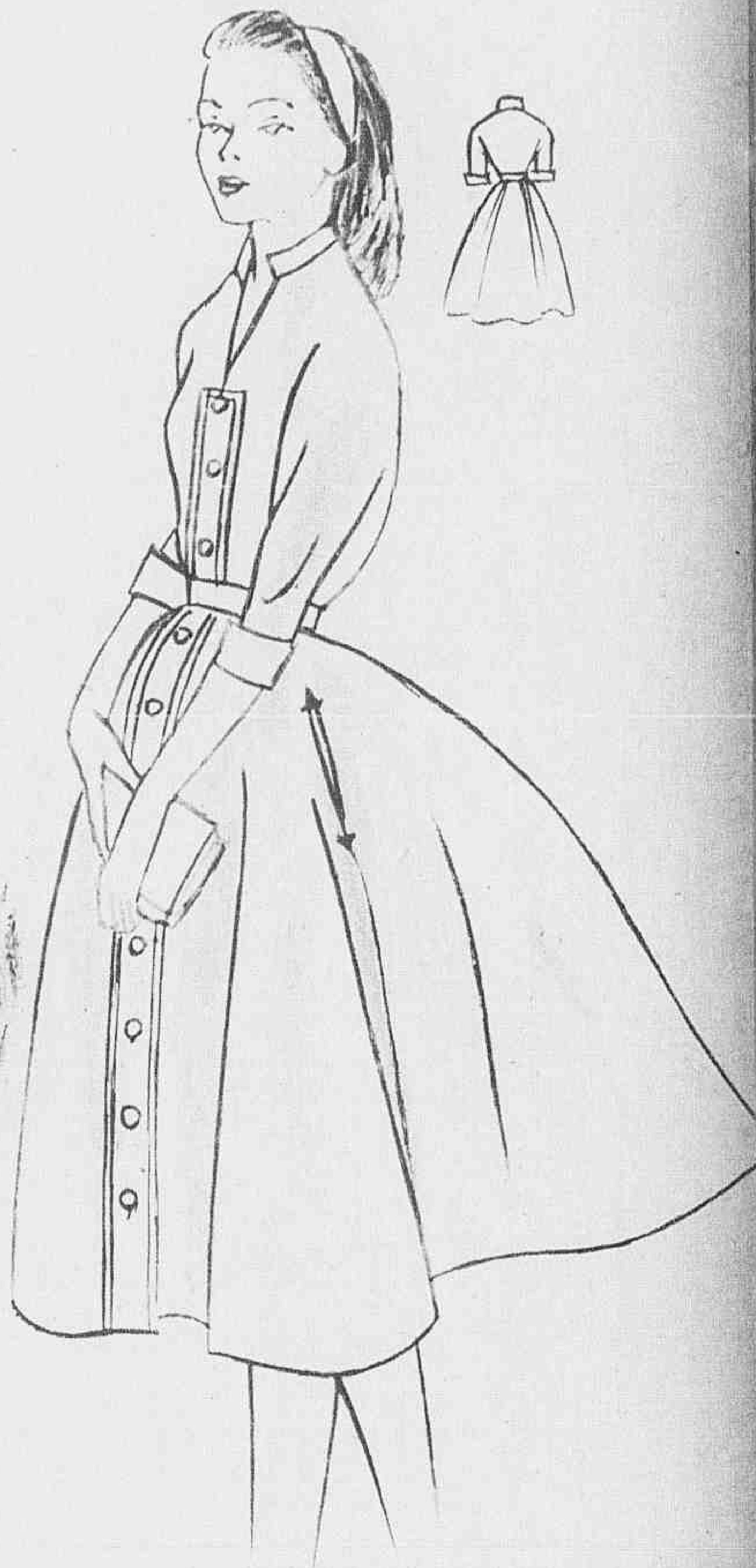
MARILIA



CLÉO



JUPIRA



MARILIA — Niterói — Aproveite êsse modêlo para a sua fazenda verde. A sáia é bem rodada como você deseja. Guarneça-o com debuns de tecido preto.

Seu estudo: — Coração bondoso, natureza afável e espírito de justiça. Você ama a vida ao ar livre e tem tendências artísticas. É prudente e fiel aos seus amigos. Terá o auxílio de pessoas que a estimam e poderá obter posição destacada na sociedade. Seu progresso na vida será lento, mas certo. Embora não possua constituição física muito robusta, terá vida longa e isenta de doenças se tiver regime certo. Sua determinação de vencer é firme e conseguirá o que deseja, embora sofrendo decepções e lutando sempre. Harmoniza-se melhor com as pessoas nascidas de 23 de setembro a 22 de outubro.

CLÉO MARIA — Pôrto Alegre — Escolhi para você êsse original e elegante modêlo. Parte da blusa é trabalhada em pregas bem finas. Seu estudo: — Você tem boas qualidades morais, que devem levá-la a uma vida calma e relativamente fácil. Mas, às vezes, deixa-se dominar pelo nervosismo e cria dificuldades e problemas que realmente não existem ou não têm a gravidade que você lhes empresta. Seja prudente e domine-se. Estude os casos com atenção para não se assustar inutilmente. Você é sincera, fiel e não tem receio de trabalhos. Mas nem sempre tem a necessária coragem, nem presença de esprito para enfrentar e resolver questões que lhe parecem difíceis. Harmoniza-se bem com as pessoas nascidas de 23 de agosto a 22 de setembro.

JUPIRA — Rio — Eis um modêlo gracioso que ficará bem para o seu tipo. Guarneça-o com botões pretos. Seu horóscopo assinala vitórias nas emprêsas em que você se empenhar, embora tenha que enfrentar dificuldades. O necessário é que você se resolva a fixar um determinado objetivo com perseverança. O maior impecilho ao seu progresso é a inconstância nos seus desejos. Está sujeita, por isso, a grandes desgostos até no seio de sua própria família. E modere o mais possível o seu gênio, evitando atitudes agressivas, que não a ajudam e só lhe podem acarretar inimizades. Não se esqueça que, com ternura e persuasão, se podem conseguir mais fàcilmente concessões do que com maus modos e exigências, muitas vezes descabidas. Harmoniza-se bem com as pessoas nascidas de 23 de outubro a 21 de novembro.



DAYSI MAY

COMEÇOU COMO "GIRL..."

Foi vedette no Teatro Jardel e agora está no Recreio — Pretende viajar aos Estados Unidos e na sua volta tornar-se empresária

Reportagem de LUIZ ANTONIO

Dona de curvas e formas atraentes, as portas do êxito estão abertas para ela.



Daysi pretende viajar aos Estados Unidos e na volta tornar-se empresária de uma companhia de revistas.



Ela está agora no Recreio ao lado de Mesquitinha e Mara Rúbia.

O Teatro Revista, nos últimos anos, vem experimentando uma fase de intenso progresso. Cada nova peça que surge, oferece ao público um conjunto harmonioso, integrado por belas garôtas, cujo trabalho no palco empolga às multidões que ali comparecem.

Entre os nomes de maior realce neste gênero da ribalta, está Daysi May, uma paulistinha de 23 anos, cujo ingresso na revista é bem recente, pois data de 1952, e já constitui um dos mais acentuados valores da arte.

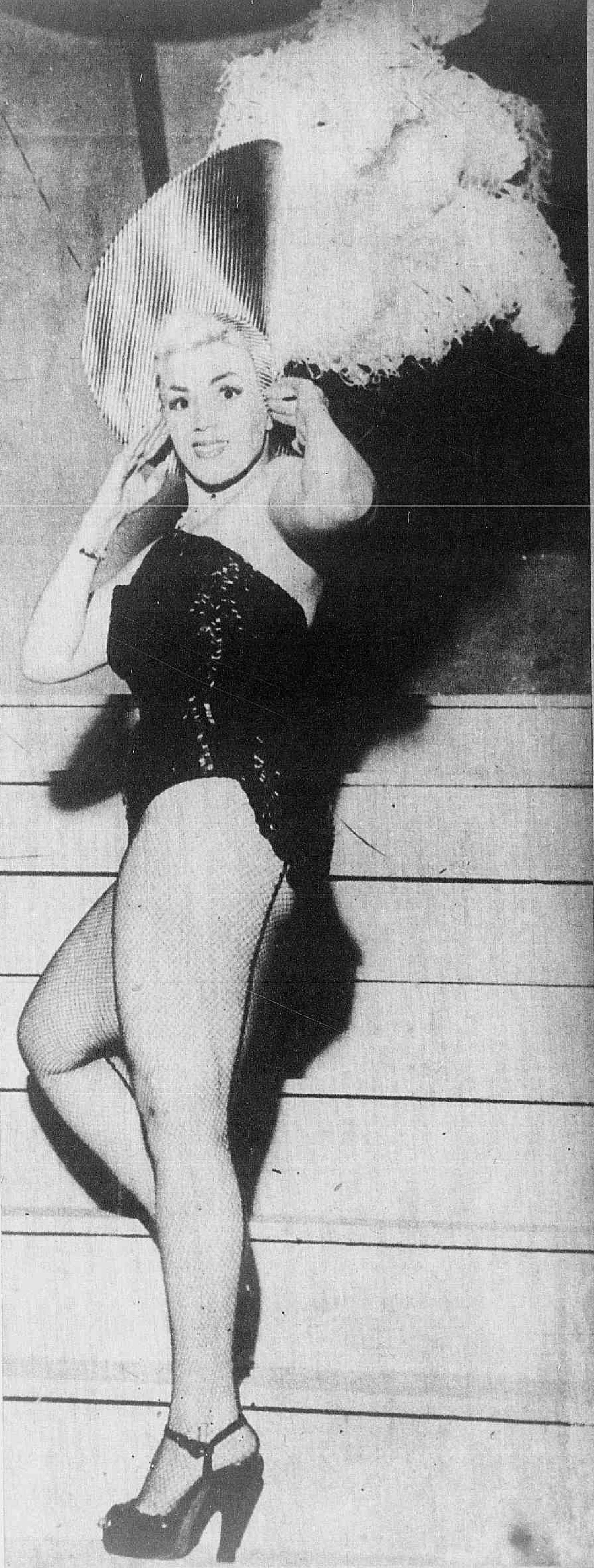
Daysi iniciou a sua carreira como «girl» da Companhia Mary Lincoln, no Teatro João Caetano, daí passou para Miguel Khair, um ano depois e mais foi para o Carlos Gomes, onde integrou o elenco da Companhia Siwa. Graças aos seus méritos pessoais, Daysi projetou-se de tal maneira que passou a ocupar no Teatro Jardel nesta última emprêsa, o posto de «vedete», onde tão bem se saiu.

Siwa abriu-lhe assim as portas do sucesso. Foi Siwa, que, com o seu senso de oportunidade e desejo de oferecer aos novos uma chance, quem viu na graça, beleza e talento da jovem estrelinha um caminho certo para o êxito.

Hoje, decorridos, portanto, poucos anos dos seus primeiros passos na carreira artística, Daysi, a linda lourinha dos nossos palcos, dona de curvas e formas atraentes, está trabalhando no Recreio, na Companhia Ferreira da Silva, onde aparece ao lado de Mesquitinha, Mara Rúbia e outros.

O seu sucesso, no entanto, não parou aí. Daysi, brevemente, gravará para uma fábrica de discos, sambas e boleros, com exclusividade.

Certa do seu esfôrço e desejando conhecer melhor os grandes centros artísticos do mundo, Daysi seguirá, em breve, para os Estados Unidos, em viagem de estudos. De regresso, estreiará como empresária de uma companhia. Êsses são, pelo menos, os seus projetos.



Daysi May começou a sua carreira como «girl». Pouco depois era «vedette» no Jardel.

Escada de Lances

HILDON ROCHA

ASSUNÇÃO DE SALVIANO (II)

TENDO-ME perdido em considerações talvez inúteis na primeira nota, nada foi dito sôbre "Assunção de Salviano", o romance de Antonio Calado. Depois das naturais hesitações, fruto das desagradáveis experiências relatadas anteriormente, decidi-me a falar da espécie de Calado, como romancista. Será de modo mais rápido do que desejaria, pois o livro, em si mesmo, pela aventura que encerra, pelas implicações com que se apresenta, dá oportunidade a observações do maior interesse. E' possível que o autor não haja pensado em tôdas as intenções que descobrimos no transcorrer de suas páginas, e que, sòmente algumas lhe tenham acudido. Mas, já se sabe que os ficcionistas e os criadores em geral podem ir mais além do que conscientemente pretendiam, e é quando se deixam trair e ultrapassar aquilo que êles conceberam.

A posição do crítico se lhes torna com isso muitas vezes incômoda, e quem sabe talvez surpreendente? No caso em questão, não pude desvendar alguns dos propósitos encontrados no livro por certos apreciadores. Confesso mesmo que tais "propósitos" só me fizeram adiar a leitura do mesmo, por os não considerar bastante lícitos como base e conteúdo de uma obra que se pretenda autônoma e decididamente artística.

Sem dúvida, é um romance social no seu sentido, no sentido geral e não no de um simples aspecto ou caracteristica.. Como romance social êle se desdobra em vários planos e preocupações. Para começar, devo procurar assinalar tais planos e preocupações, que, sem esfôrço, ao correr das páginas, me foram revelados. Dentro disso, — quero dizer, antes que me esqueça — há o razoável, o legítimo e o que não me parece nem razoável nem legítimo. O que não me parece digno de um romancista bem orientado como Antonio Calado e que estréia com uma tão indiscutivel madureza de expressão, de forma literária. Êsse desvio ou essa concessão que chamarei de excessivamente politica, não lhe usurparia os direitos já adquiridos por fôrça de outras qualidades possivelmente fundamentais para o romancista. De início, não poderemos negar a Antonio Calado o direito de conceber sua história dentro dos moldes como o fez em "Assunção de Salviano". As suas intenções não são propriamente as que "descobriu" o Sr. Gustavo Corção, pelo menos quanto à luta entre o espírito católico e o comunismo. O romancista vai mais longe, vencendo as tentações dêsse esquema já desmoralizado pelo primarismo com que tem sido explorado. Vai mais longe e mais fundo, num mergulho à índole e à psicologia da gente sertaneja, em que vê a religiosidade nata, as superstições mais arraigadas, como essência inalienável à sua condição. O que Calado fez foi mostrar o misticismo cego da gente brasileira, principalmente da população nordestina. Misticismo ancestralmente enraizado, junto ao qual não poderá encontrar repercussão a linguagem dos comunistas, apoiada numa dialética e num programa que por si sós não terão o poder de arrastar as massas camponesas.

Tão pouco existe no romance a preocupação de defender a religião católica ou mesmo a religiosidade espontânea e hereditária do povo, contra o afluxo de advertências e esclarecimentos novos, firmados em termos de simples luta econômica entre classes. Disso se libertou Antonio Calado — o que me surpreendeu — a mim que fui ao livro mal informado por críticos orais e escritos. O ponto de vista do romancista (encarnado em Salviano, o caboclo que o misticismo recupera das hostes comunistas em que se havia enfileirado) é outro, indestrutivel até certo ponto: o de que o misticismo da gente sertaneja será eternamente uma cidadela inatingivel à fala e à catequese exclusivamente revolucionárias. (O exemplo de Canudos parece ser a fonte em que se inspira o romancista para o reforço de suas convicções, por sinal bem aceitáveis). Deixando implícito êsse pensamento (o que o recomenda como descobridor de um tema apaixonante e bem contemporâneo) só faz com que se torne claro e incisivo, por intermédio dos seus personagens. Não nos esqueçamos de que os mesmos, inclusive o mais social e intelectualmente superior, falam bem demais em relação às suas possibilidades culturais. (Este é um dos aspectos em que Calado foge à verossimilhança).

Quanto às demais preocupações (a de que tratamos, entre as que fazem a filosofia do livro), é uma das mais legítimas, embora com seus pontos vulneráveis. Há uma outra série de argumentos que lhe seriam apresentados por um marxista que estivesse em posse da base doutrinária indispensável à justificação dos argumentos. O personagem comunista que foi caracterizado nada tem do comunista representativo. Sabemos que um comunista pode ter todos os defeitos oriundos do sectarismo e da paixão revolucionária, entre os quais alguns deformadores dos melhores sentimentos que justificam a vida. Entre esses defeitos será dificil, embora não impossivel, encontrar-se aquele que marca a personalidade de Julio Salgado, tipo que não representa de nenhum modo o comunista que conhecemos. Este, em geral, é homem de virilidade à prova de sacrifícios e renúncias, geralmente exacerbado na negação de tudo que se esquive à sua concepção das coisas, mas, por outro lado igualmente implacável em questões de honestidade pessoal, de dignidade humana.

A própria capacidade de eliminar fisicamente o inimigo não pode ser considerada dentro do exemplo que o romancista nos aponta. Em circunstâncias diferentes, ou mesmo fictícias, ou sejam politicamente oportunas, matam todos os exaltados (não incluo os bandidos nem os criminosos por índole), todos os fanáticos, todos os que se escravizam a seitas e ideologias salvadoras; e às vezes, sem acreditarem em tal espécie de crime. No caso de Julio Salgado, um "fanático" sem fanatismo, um cretino principalmente na sua pederastia romântica e bem comportada, o romancista entregou-se à exageração e à deformação da verdade humana. O crime, tal como foi colocado no enredo, é puramente um recurso da imaginação. Não obedece a uma razão convincente, a uma saida ou a uma solução inevitável, não se prenunciava no temperamento (anódino e amorfo) do seu "personagem símbolo".

A solução em causa, inesperada e desconcertante, foi um êrro psicológico bem perceptivel. Personagem como êste de Calado, agitador de botequim, pequeno-burguês até mesmo nas suas diretivas táticas de agente comunista sem credenciais dos núcleos dirigentes do Partido, dominado, acima de tudo por um objetivo sórdido (a sedução do companheiro), — não seria capaz de matar com aquela despreocupação de autômato, sem uma razão decisiva (mesmo política), sem a vocação do ódio e do verdadeiro fanatismo. Dentro da própria psicologia do comunista, êle não mataria, simplesmente por não ser um comunista. Como Julio Salgado, o autor de "Assunção de Salviano" pretendeu fazer sátira ou caricatura (em que estaria na melhor tradição do romance social), tendo, no entanto, falhado originalmente: na caracterização do tipo utilizado, que se realiza (talvez um paradoxo) como personagem em si, liberto das pretensões do seu criador, particularmente por meio de alguns traços de carater negativo. Não encarna, como desejou o seu plasmador, o lider, mesmo de segunda ordem. Como lider e como chefe de agitação é todo êle uma anedota, uma brincadeira que não atingiu os resultados que o romancista esperou do seu destino. A sua atividade fugindo quase completamente à linha partidária, mesmo na propaganda junto aos espoliados do latifúndio, obedecendo arbitràriamente a decisões e invenções pessoais, sem ligação com palavra de ordem central e geral. (A imprensa comunista não faz segredo disso).

A deliberação de realizar uma verdadeira sátira, paralela a outras deliberações, proporciona ao livro uma simultaneidade de planos que alterna entre o

(Conclui na página 56)

ARMANDO VIANNA

H. PEREIRA DA SILVA

O acontecimento artístico mais importante antes do Salão Oficial é, sem dúvida alguma, a exposição de Armando Vianna, no Museu Nacional de Belas Artes.

A significação dessa mostra de arte foge à rotina das vulgaridades plásticas. Trabalhador infatigável, pintor de larga atividade profissional, quer como professor, quer como expositor em todos os Salões, organizados em diversos Estados do país, Armando Vianna vem prestando, com a sua assiduidade, um serviço às artes que merece todo nosso respeito e admiração.

Dentro dêsse critério, passaremos à análise da sua obra, uma das mais extensas que possuimos. E' precisamente a quantidade aliada à qualidade em bom número dos seus trabalhos, que faz dêste pintor um nome, senão popular — que isso só mesmo Portinari conseguiu entre nós — ao menos dos mais conhecidos.

Pintando para viver, ou vivendo para pintar, a produção de Armando Vianna, forçosamente, teria que pesar na balança do julgamento crítico. Não se pode, honestamente "fazer de contas" que a sua arte é total e inteiramente realizada dentro da mais pura concepção — como sucede a alguns quadros seus — artística. E' inegável que para viver, o pintor muita vez teve que pensar no gôsto burguês antepondo-o ao estético. Essa contingência, mais de caráter econômico que plástico — diga-se a bem da verdade — não é uma particularidade do artista. Ela poderá ser notada — e já a salientamos tantas vezes — em quase todos os outros pintores que estudamos.

As concessões ao público, possíveis compradores, são frequentes quando o artista expõe individualmente. E não se poderá, sem prejuizo à interpretação crítica, colocar êsse fator tão importante quanto comum, à margem, como se êle nada significasse. Na carreira de um pintor, com as características de Armando Vianna, há um certo "que" de mundano devido à afluência um tanto "snob" de certos elementos de posição social destacada que revelam preferência pela sua arte com tonalidades digamos assim, chiques e agradáveis à vista. sto, não se ria criterioso ocultar — prejudica, intrinsecamente o mérito essencial da sua palheta: o de ser a fonte de onde êle extrai a sua subsistência, conseguindo se impor como um dos representantes mais expressivos, no seu gênero, da pintura nacional.

Armando Vianna poderão objetar não se integra nos movimentos de vanguarda, mantem-se, ao contrário, distante deles, num evidente conformismo artístico. Mas essa objeção terá fundamento? Não nos parece que a sua pintura, marcada nitidamente por várias fases, possa ser, com justiça, considerada "conservadora", têrmo que, pejorativamente, serve para definir uma palheta acadêmica intransigente, mergulhada na poeira de um classicismo simplesmente imitado em nossos inquietos e renovadores dias.

Certo, não há em Armando Vianna nada que nos autorize a incorporá-lo nos instáveis — se nos permitem a designação — alicerces da arte moderna. Mas, por outro lado, que vem a ser, em última análise, modernismo plástico? O fato de um artista pintar obedecendo a cânones estabelecidos pelos chefes de correntes estéticas, diversas da acadêmica, será suficiente para que se lhe aponte modernismo nas suas produções? Modernos foram todos os vigorosos mestres da antiguidade. A Renascença outra coisa não foi que o advento de umba nova era para as artes. E Giotto, fim da idade média e início daquele deslumbramento artístico, não é ainda hoje um moderno do passado?

As definições são sempre perigosas, expõem o definidor, não raro, a equívocos de consequências imprevisíveis. Ademais, os limites ,as fronteiras das escolas estão, em nossos dias, de tal forma dilatadas remarcadas, que seria uma puerilidade pretender dizer onde começa ou termina esta ou aquela região espiritual onde elas ditam normas.

Em conjunto, o que distinguimos em Armando Vianna, ou mais exatamente, na sua pintura, são precisamente os indícios de sua passagem — às vezes demasiadamente rápida — pelas escolas do passado e do presente, não será inferindo daí estágio algum no abstracionismo, nem mesmo no surrealismo de Dalli. A fusão das escolas, por mais diversas que elas sejam encaradas isoladamente, é notória na confecção de um quadro. Quem poderá, no momento, pintar exclusivamente dentro dos rigores acadêmicos ou inteiramente liberto de tôda e qualquer influência renovadora?

A arte não estaciona. O artista é que, sem fôlego, não pode muitas vezes, acompanhá-la na sua trajetória para o infinito. Este é o caso daqueles menos evoluidos. Nascidos com qualquer coisa na sensibilidade que os tornam, de certa forma, legítimos representantes humanos das mais eficientes máquinas "Ko-

(Conclui na página 62)



Tela do professor Armando Vianna, exposta no Museu Nacional de Belas Artes



DA NOITE PARA O DIA

PROGRAMAS, "SHOWS", CONCURSOS E CARTAS DE FÃS

Escreve MARLY SOREL
Rainha do Cinema Brasileiro
Especial para CARIOCA

Depois de várias semanas seguidas em que quase não tinha tempo para nada, cheia de coisas a fazer, passo uma semana mais ou menos tranquila e sem maiores novidades. Fico até mesmo sem assunto para escrever, pensando no que hei de dizer aos meus queridos leitores. Paciência! A seção tem que sair e os assuntos hão de acabar por aparecer. Para começar, posso contar por exemplo, que cantei, terça-feira, no Carroussel Musical, um dos bons programas matinais da Nacional, e que possui um número elevado de ouvintes não só aqui como no interior do país. Apresentei o samba de Luiz Antonio, "Beijo no Leblon", e pouco depois, lá mesmo na Nacional, começava a receber telefonemas de fãs que me felicitavam pela minha interpretação. Estive também, mais duas vezes no Trem da Alegria, da minha querida Yara Sales, na Mayrink Veiga terça e sexta-feira. No que se refere a "shows" desejo mencionar o de que participei, no Clube Central, de Niterói, e um outro, promovido pela Nacional em Bento Ribeiro.

•

Tenho sido convidada para entrar em vários concursos. Um deles — o do "Fon-Fon", essa revista tão simpática — para a escolha da "mais elegante artista do rádio". O outro para e eleição da rainha dos Músicos. Desejo esclarecer, nesta coluna, que não sou propriamente candidata em nenhum dos dois concursos, embora inscrita em ambas. Entrei no primeiro para atender a um apelo do meu colega da Nacional, Paulo Neto, que é um incansável incentivador de boas iniciativas. Entrei para dar o meu apôio à idéia e porque o "Fon-Fon", uma das mais antigas e tradicionais publicações cariocas, é uma revista merecedora do maior apreço por parte de todos os artistas. Quanto ao concurso para a rainha dos Músicos o meu propósito não é "correr no páreo", nem ser eleita a rainha, mas prestigiar o certame. Por isso peço às minhas fãs que adquiram votos, lembrando que o produto do que for arrecadado se destina a fins de beneficência. E' preciso que o público se interesse por êsse concurso e traga a sua contribuição à iniciativa do Sindicato dos Músicos.

E hoje, sábado, cantei nesse grande programa que é o de Cesar de Alencar. Como sempre o auditório repleto. E ai se vê quanto Cesar é querido.

•

E continuo recebendo muitas cartas de fãs... Do Rio e dos Estados, a minha correspondência aumenta cada vez mais. E' uma alegria ver o artista como é compreendido pelos seus ouvintes. As fãs são admiráveis na sua simplicidade, na sua delicadeza, na curiosidade que demonstram. Ainda hei de fazer uma reportagem sôbre as cartas de fãs. Elas são tão espontaneas e dizem coisas tão agradáveis que chegam a emocionar. Estou respondendo e mandando fotografias a todos. E no próximo número sortearei cinco cartas de fãs que me escrevem.

•

Afinal, como vêem os leitores, o assunto acaba sempre aparecendo... Comecei a escrever sem saber o que havia de dizer. Palavra puxa palavra, frase puxa frase, surge um pensamento aqui, uma idéia ali, e quando menos se espera já se encheram duas tiras e a... crônica está pronta. Agora, meus amigos, até o próximo sábado. E uma boa semana para vocês...

O "NOSSO CHÁ" NA RADIO GLOBO



Flagrante tirado no programa "O nosso chá", da Rádio Globo, vendo-se Marly ao centro ladeada pelo maestro Bené Alexandre e Mario Luiz, diretor do programa



E AS CIDADES CONTINUAM A CRESCER...

JÁ não causa espanto aos cariocas e aos paulistas o levantamento de novos arranha-céus em suas cidades. Lares e escritórios se formam diàriamente exigindo mais energia elétrica.

São Paulo e o Rio cresceram de modo surpreendente.

Assim cresceu, também, a produção de energia elétrica e a produção industrial.

Foram atendidos 605 000 pedidos de novas ligações de fôrça e luz, e 13 000 novas fábricas começaram a funcionar, no período de 1939 a 1953, na região abastecida pelas Companhias Light.

Não obstante as dificuldades de expansão da capacidade geradora, a produção de energia elétrica continua a crescer com as cidades.



MEIO SÉCULO A SERVIÇO DO BRASIL!



COMO PENSAM

CARTAS SELECIONADAS

Sr. Paulo José — Não obstante já ter eu externado minha opinião sobre diversos valores do nosso rádio, através dessa seção, volto a fazê-lo, aproveitando, assim, a oportunidade que CARIOCA nos oferece. Falarei hoje dos dois cantores que eu reputo como os "Mestres" de nossos ritmos populares. Seus nomes: Carlos Galhardo e Dircinha Batista. Neste momento, em que o rádio brasileiro está em plena época de faixas coloridas e criação de "Fãs-Clubes", êstes cantores continuam a cantar com o sucesso de sempre, sem se preocuparem com organização de "Fas-Clubes" e o desejo vulgar de possuir o maior número de faixas possível. Não é bem isso o que consagra um artista. Os troféus de Galhardo e Dircinha são bem diversos. De certo êles sabem que possuem muito valor. E, para os verdadeiros valores, em qualquer parte há sempre aplausos.

E, para os verdadeiros valores, em qualquer parte há sempre aplausos. Foto interessante é que Carlos Galhardo, sendo o melhor cantor de VTEC e o Rei do Disco, e Dircinha Batista — a maior seresteira do Brasil —, não são convencidos. A fama e a glória não os afetou. Ambos estão bem perto de comemorar

O CARTAZ

FOI na cidade de Mogí das Cruzes, em São Paulo, no dia 28 de novembro de 1927, que Hamilton Frazão veio ao mundo. Depois de tentativas diversas, experimentando várias atividades, viu-se de repente diante de um microfone. Estava lançada a sorte e Hamilton sentiu que nascera para o rádio. A Rádio Sul-Fluminense de Barra Mansa foi seu ponto inicial, como locutor, rádio-ator, produtor e, posteriormente, diretor.

Começando assim a jato, Frazão não ficou contente com o pensamento de eternizar ali suas atividades e aceitou o convite para dirigir a Rádio Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo. Como acontece com todos os elementos de valor, Hamilton sonhava com a cidade maravilhosa e, em 1949, assinava contrato com a Tupi, como locutor e narrador. Isso foi no início do ano, porque, em junho, o rapaz se transferia para a Rádio Nacional, onde até agora permanece, atuando nos mais variados programas. É locutor do "Cesar de Alencar", narra os programas do João Dias, apresenta a "Crônica da Cidade" (enquanto Cesar Ladeira gosa suas férias), narra as "Audições Ondalite", "Quando Canta o Brasil", anima os programas "Coisas do Arco da Velha" e apresenta o programa de Angela Maria. Por seu talento invulgar, Hamilton recebe enorme correspondência, que lhe chega de todo o Brasil.

Sobre as preferências do artista, podemos adiantar que êle não torce por nenhum clube, mas gosta de cinema e aprecia, entre todos, Joan Crawford, Charles Laughton, Gregory Peck e Elizabeth Taylor. Entre outras coisas, adora os "brotos" e a boa leitura. Gosta de praia e lugares sossegados. Fala pouco, não bebe nada alcoólico, gosta de festas, dorme tarde, ouve boa música e gosta de Carnaval. O mais importante é que o rapaz ainda é solteiro, o que talvez não venha a ser por muito tempo, porque ultimamente os colegas têm observado certa mudança nos seus hábitos, já não o encontram à noite e é sempre visto com um "broto" "mignon" de ar inteligente. Será que vai sair casamento?

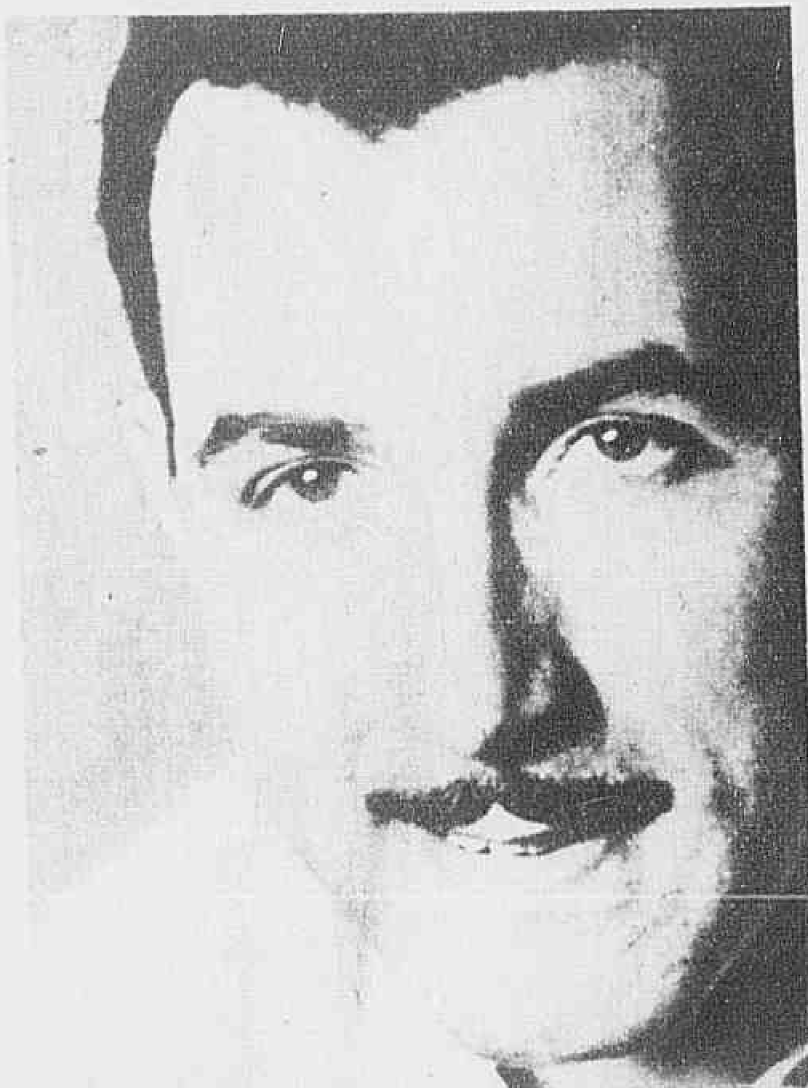


VALSINHO, o famoso «Dom Rafael do Juncal» (de «O Direito de Nascer»), somente porque não gosta de falar é um dos melhores violonistas da Rádio Nacional. Valsinho, embora seja homem de poucas palavras, é autor de vários sucessos musicais, como: «Doce Veneno», «8 de Outubro», «Tudo foi Surpresa», «Tormento» e outros. Se o rapaz não nasceu para orador, nasceu, entretanto, para compor e tocar seu violão sonoro.

OS RADIO-OUVINTES

os seus vinte anos de rádio. Vinte anos de glória e sucessos reais. Neste longo período, quantas revelações tivemos, mas sejamos sinceros, ninguém, até agora, conseguiu "abafar" estes intérpretes. Ele há muito que é conhecido como "o cantor que dispensa adjetivos" e ela, Carlos Frias cognominou-a tão bem de "Absoluta", restando, portanto, pouco o que dizer. No entanto, na condição de fã, tomo a liberdade de apontá-la como a "Professora" de nossa música popular. A Nacional e Mayrink Veiga bem poderiam apresentar o "Rei da Vilsa", e a "Rainha da versatilidade" num programa à noite, em que ambos cantassem como há pouco fizeram em "Casamento Musical". Seria um "brinde" aos apreciadores da boa música. Galhardo e Dircinha não são os melhores cantores deste ano ou do ano passado, mas sim os melhores de todos os anos. São talvez os únicos que possuem um repertório selecionado, do qual não se pode apontar êste ou aquele número, como o melhor. Tudo é sucesso ,tudo é prazer para os ouvidos. Carlos Galhardo e Dircinha Batista precisavam mostrar ao mundo tôda a beleza de nossa música, com aquele romantismo e sentimento que os caracteriza. Aproveitando o ensejo, desejo dizer a Galhardo e à Dircinha que os seus nomes estão gravados para sempre, com letras de ouro, na história da música brasileira. Aos caros leitores agradeço a atenção dispensada. Ao Sr. Paulo José e à sua peculiar gen-

(Conclui na página 62)



TITO FLERY continua brilhando nos mais variados papeis radiofônicos da Rádio Nacional de São Paulo. Elemento que se destacou no teatro e no cinema paulista, Tito, que foi um dos locutores oficiais na inauguração daquela emissora naquele Estado, é figura obrigatória nas grandes novelas que são ali irradiadas. Alem de grande «Cartaz». Flery é ainda um jovem muito simpático, atende a todas as fãs que lhe escrevem e que por isso mesmo o reconhecem como possuidor de uma cordialidade cativante. Tudo indica que sua carreira artística será um grande acumulo de sucessos

O RÁDIO HÁ DEZ



GESSY BARBOSA respondia à «enquete» do reporter dizendo que «as mulheres não preferiam os tolos», mas ela preferia um «tolo» que fosse «estupidamente» caidinho por ela»



A mesma «enquete», Maria Eduarda respondia que, «de certo as mulheres preferiam os homens inteligentes, o difícil era poder encontrá-los. Viviam tão ocupados...»

Uma jóia..



Produto puríssimo, atúa suavemente removendo dos poros toda a classe de asperesas e impuresas, embelezando a cutis. Acetina a pele, evitando PANOS, SARDAS, ESPINHAS, MANCHAS e RUGAS.

LEITE de BELEZA



Uma jóia no toucador da mulher elegante

Por trás do Dial

LIRISMO DE ATAUDE

A questão é cantar bem qualquer música com bons versos. O sucesso é infalivel. Ângela Maria, por exemplo, obteve êxito com o samba de Chocolate e Américo Seixas, "Vida de Bailarina", cuja melodia, reconhecidamente, não é das capazes de facilitar a sua aceitação. E' uma melodia densa, conforme a atmosfera dos próprios versos, que bem expressaram a vida de uma bailarina de cabaré, que eu conheço como "taxi-girl".

Não há dúvida de que só a voz de Ângela é bastante para vender disco, porque ela é cantora no duro, isto é, pode ser chamada de "cantora". Outra que vende disco, mas com a interpretação, é Nora Ney. Fio de voz, interpreta, diz, sussura, sublima os versos com fôrça de convicção e emoção sentimentais. Como Ângela, ou talvez melhor, possui um repertório selecionado, apropriado à sua voz, gênero e estesia.

Nomeei êsses dois exemplos, para, pelo contraste dos recursos orgânicos e interpretativos de ambas, mostrar, palidamente, que não é só o artista que vale. Êle e a composição se completam. Todavia, meu escôpo não é o de falar de cantoras; é o de, outra vez, despertar a atenção para o fato de que, em meio à tanta produção de sambas, boleros, baiões e toadas, o que vem predominando é a versão de tangos ou de músicas de sucesso no exterior ou a virem em filmes.

E' uma tristeza, em cujo bojo vejo a incompetência dos pseudos compositores profissionais ou, então, os compositores de méritos se contam nos dedos das mãos. Quando um poeta faz versos e um compositor os musica, o resultado é sempre auspicioso, ampliado quando o intérprete também é bom.

Poucas são as composições brasileiras de boa aceitação, no momento. Salvam-se da enxurrada e, como diria o Lúcio Rangel, são os lírios do lôdo.

Enquanto se pensar, se crer e se fizer música popular apenas por intuição, por "dom" — sem as luzes da cultura e vasias de sentido e conteúdo literários — vamos ouvindo êssas turvações de um lirismo de ataúde e de rufião

A culpa, em parte, da proliferação dos pseudos compositores deve-se aos cantores, que os acolhem, inibidos de distinguir entre o bom e o mau.

MIGUEL CURI

As cartas, para esta seção, devem

As cartas, para esta seção, devem ser enviadas a MIGUEL CURI. Redação de CARIOCA. Praça Mauá, 7, Rio.

Notícias

Depois de oito anos de Mayrink Veiga, Jimmy Lester vai para a Rádio Record, de São Paulo, com Carmélia Alves. Estrelará dois programas semanais, um, na TV. Com o sucesso que alcançou com os sambas, "Outro Caminho", de Cesar Cruz, e "Nosso Sonho de Amor", de Luiz Bandeira, em Buenos Aires e Montevidéu, as matrizes de gravação, a sair em breve, foram pedidas por aquelas capitais. Jimmy e Carmelia estrearão em setembro. Contrato de um ano — A Radio Jornal do Brasil instituiu um concurso para premiar uma peça teatral não encenada. Inscrições até 6 de novembro. Prêmio de vinte mil cruzeiros — Oswaldo Eboli, o ex-Vadeco do "Bando da Lua", é o novo diretor-geral da Rádio Mauá. O Bando voltou, na Jornal do Brasil — O trio Irakitan, excelente, saiu de Natal e andou mundo. Contratado, agora, pela Nacional-Mayrink — No concurso "A Maior das Fãs", promovido pela revista "Radiolândia", foi eleita a candidata do Fã-Clube Emilinha Borba, Virgínia Antunes, com 41.646 votos. Em segundo, a candidata de Marlene, Lígia Rosa, com 36 mil votos, prêmios: viagens a Buenos Aires e Hotel Quitandinha — No dia 5 de setembro, Jairo Argileu apresentará, no Teatro João Caetano, com os maiores cartazes do rádio e cinema, o "Show da Primavera". Ingressos à venda na bilheteria da Nacional — Aniversários: 25, Renato Braga, Brício de Abreu e Carmelita Pereda; 31, de Emilinha Borba.

Vamos trocar cartas?

As inscrições de Kalystainne Luches e suas colegas foram anuladas porque vieram sem nome de cidade, rua e Estado — nem no envelope. Outras anulações por falta de cupão, de idade, profissão, etc. E tambem porque foram escritas a lapis.

Cupão de inscrição

Isto aqui vale como um cupão. Mande-o junto com sua inscrição, na qual dirá porque pretende corresponder-se, dando, depois, o seu nome completo, idade, profissão, ocupação, endereço e, se os tiver, seus temas, idiomas e lugares preferidos. Recorte e envie este cupão.

Damos, a seguir, o nome das pessôas desejosas de iniciar uma troca de cartas com os nossos leitores, acompanhados de seus dados pessoais e preferências, se as tiverem.

DISTRITO FEDERAL — Bertha Olga Lima, 25 anos, doméstica, com o Br. e exterior, lit. e música sifônica; R. Limites, 1.563, Realengo — Nôla A. Sales, 25 anos, doméstica; R. Laura de Araujo, 112 — Daisy Stamille, 16 anos, estudante, com militares; R. Alfredo de Morais, 145, Campo Grande — Laura e Dayse Gallysa Pereira, 18 e 17 anos, estudantes, com maiores; R. Dr. Joviniano, 50, Madureira.

PORTUGAL — Maria Deodete Pereira, com maiores de 18 anos; R. Serpa Pinto, 33, Torres Vedras — Pio Rua e Leone Rosa, 21 e 20 anos, eletricistas de carros; com moças do Rio, S.P. e Minas; R. República, Vila Martorel, 10, Queluz.

ESTADOS UNIDOS — Raul Belo, militar luso, em port. e ing. com moças de 18 a 20 anos; endereço: U.S. 51314066 — co."B" — 271 St. inf. Regt. — 4th. PLT — 69 th. inf. Division — Fort Dix. New Jersey.

ESPANHA Guillermo Cabrera Rolo, com comerciantes do Br. e Chile; Fábrica de Licores y Aguardientes, Calle Jesus y Maria, 17, Santa Cruz de Tenerife, Islas Canarias.

AMAZONAS — Celia Regina Limongi, 29 anos, funcionária, com maiores de 23, de Pernambuco, R. G. do Sul, Bahia, S. C. e Sergipe; R. Major Gabriel, Vila Malheiros, 4, Manáus.

PARA' — Belém — Beatriz Martins, 18 anos, estudante, com cadetes; R. 14 de Abril, 420 — Delcirema dos Santos, 20 anos, estudantes; Trav. Timbó, 1.075.

PIAUÍ — Parnaíba — Rosamarie, Vilena, Carmen Lúcia e Mário Sergio Magalhães, 17, 18, 26 e 22 anos, Sr. M. Furtado Magalhães, Marion Lobo e Marcelo Furtado, 22, 24 e 22 anos, com 2 sexos do Br. e exterior; R. Riachuelo, 663 — Derlanfe Katia, 17 anos, estudante; R. Dr. Francisco Correia, 405.

CEARÁ — Fortaleza — José Constantino Filho, 34 anos, professor, com países de língua port., fr. e espanhola Trav. Nova Olinda, 28, Jacarecanga — Pedro Dantas Filho, 23 anos, chefe da seção comercial, em ing. e port. com Minas, Bahia, P. Alegre, S. P. e Estados Unidos, cartas e postais; R. Senador Pompeu, 1.099.

PERNAMBUCO — Recife — Sta. Sidney Vaniza Costa, 26 anos, comerciária; Vila dos Comerciários, grupo 12, casa 36 — 1.º andar, Tamarineira, Recife.

SERGIPE — Aracajú — José Alves, 19 anos, estudante; R. Capela, 199.

ALAGOAS — Maceió — Elza Freire de Almeida, 16 anos, estudante; R. Cônego Costa, 3.725, Bebedouro — Tânia Nuhia e Hugo Menezes, 22 e 19 anos, estudante e escriturário; R. do Comércio, 390 e 394.

MINAS GERAIS — Maria Antônia Rodrigues, 21 anos, industriária; Comp. Industrial Renascença, B. Horizonte — Marisa de Campos, 28 anos, professora; Fazenda Rancho Velho, C. Postal 127, Pouso Alegre — Débora Lacerda, 16 anos, estudante; Trav. Rio Branco, 35, Cons. Lafaiete — Mirela Campos, 20 anos, estudante; R. Cel. Tamarindo, 14, S. João Del-Rei — Franz Alfons Schlude, 17 anos, estudante, em ing. e port. com Br. e exterior; R. Batista de Oliveira, 1.145, Juiz de Fora.

ESTADO DO RIO — Otávio Barros e Paulo Roberto, 22 e 33 anos, balconista e contador; Trav. Silva Jardim, 247 e 195, S. Gonçalo, Niterói — Miriam Terezinha, 24 anos, professora, com maiores de 28 de S. Paulo, B. Horizonte e P. Alegre; Escola Isolada de Guapiaçú, Via Japuiba — Raimundo Ventura Ribeiro, 36 anos, em port., ing. e fr. com moças; Pres. 6.442, Colônia Agrícola do Distrito Federal, Ilha Grande.

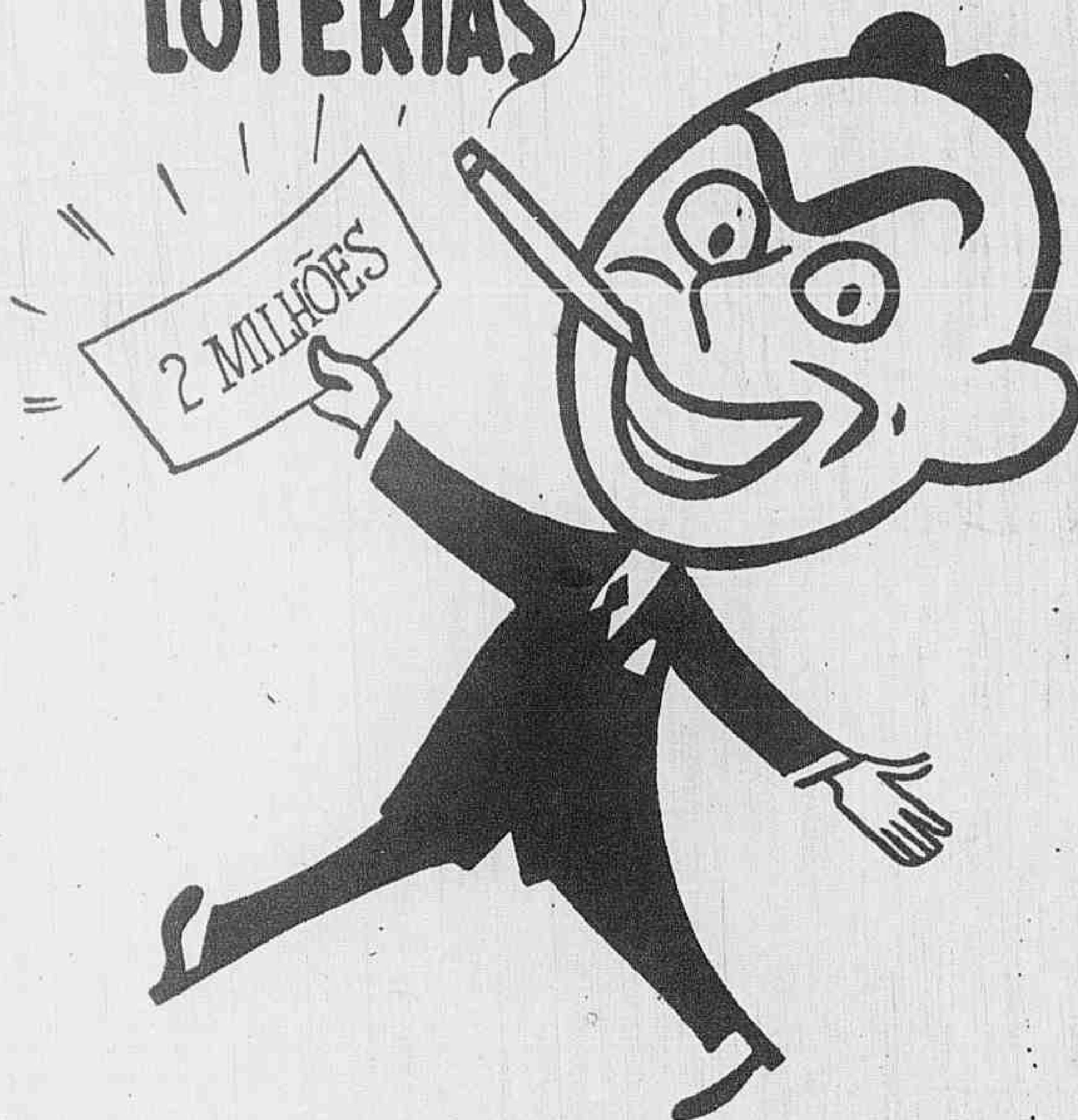
S. PAULO — Prof. Ely Ana Alcântara, com negociantes de São Paulo; R. João Teodoro, 664, Mogi Mirim — Vera Lúcia Lemos, 32 anos, funcionária; R. Padre José, 32, Mori Mirim — Gracy dos Santos, Luiz Antônio Cintra e Wilson Silva, 23, 17 e 22 anos, costureira, mecânico e pintor, cartas e trocas; R. Alberto de Azevedo, 162, Franca — Alberto Alves, 25 anos, comerciário; R. Prudente de Morais, 327, Santana, S. José dos Campos — Jorge da Silva Filho, ajudante de maquinista; C. Postal 9, Baurú — Elsa Mendes, 21 anos, normalista, com maiores de 22, cultura; R. General Carneiro, 1.009, Jaboticabal — Sônia Maria Pires, 30 anos, doméstica, com os dois sexos, do Br. e exterior; R. Pio XI, 377, Lala, S. Paulo — Ivete de Souza, 27 anos, aux. de escritório, com maiores de 26; R. Dr. Carlos Botelho, 427.

PARANA' — Curitiba — Angela Fernandes, 17 anos, normalista, com estudantes de 20 a 24, de Port., Esp. e México; C. Postal 1.374 — Regina Nascimento, 17 anos, normalista, com cadetes; R. Augusto Steffeld, 184.

SANTA CATARINA — Wilma Lídia Ramos, 16 anos, estudante, em port. e italiano; Capoeiras, Vila C. João, Estreito, Florianópolis — Osmar Ganz, 18 anos, estudante; R. Almeida Senior, 289, Curitibanos — Lisete Vieira, 26 anos, com o Rio, P. Alegre, S. P. e Curitiba; R. Hoepeke, 5, Florianópolis.

RIO GRANDE DO SUL — Solange Cristina, 16 anos, estudante; Av. Brasil, 610, S. Pelegrino, Caxias do Sul.

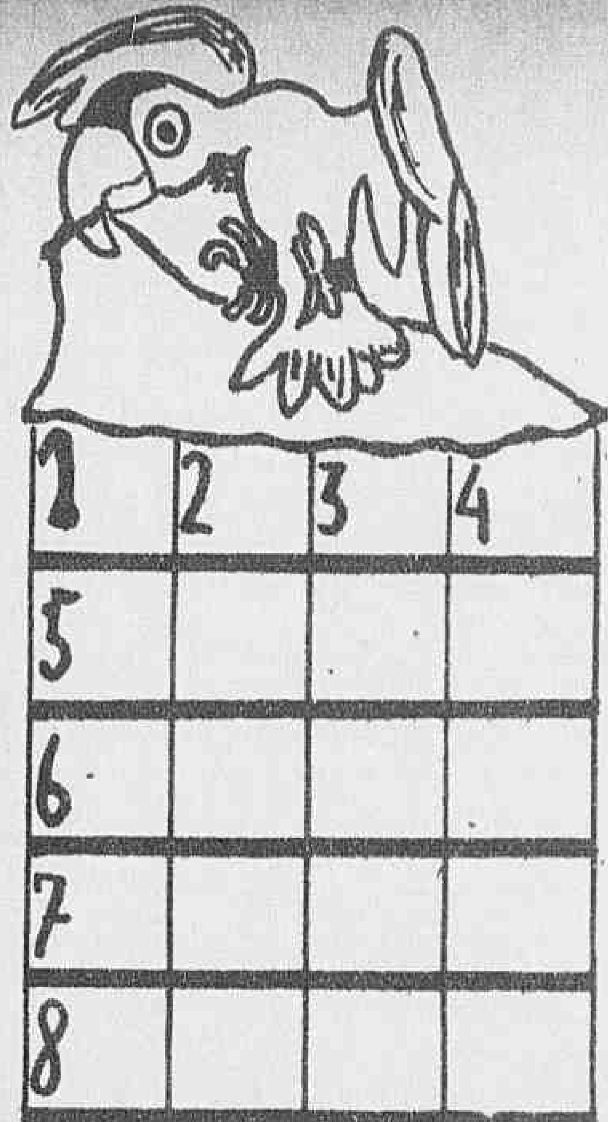
Enriqueça com um bilhete só da



Aceita pedidos do interior para remessa de bilhetes da Loteria Federal. Faça seu pedido mediante Vale Postal, carta com valor declarado ou cheque bancário pagável nesta capital.

Av. Rio Branco, 143 · Rio de Janeiro
TELEFONE: 52-5166

LEIAM
A NOITE Ilustrada
A REVISTA COMPLETA



Para seu RECREIO

POR WILSON COUTO

Problema Velo-Vela

HORIZONTAIS

1. Mamífero sul-americano da família dos roedores — 5. Pouca sorte — 6. Microscópio que faz ver muito maiores os objetos — 7. Levantar vôo — 8. Indígena do Norte.

VERTICAIS

1. Golpe dado em falso no jôgo da pelota (plu.) — 2. Dispara (gir.) — 3. Barbear-se — 4. Ave aquática do R. G. do Sul.

COLABORAÇÃO

Comunicamos aos prezados leitores que só serão publicados os problemas que vierem feitos em tinta nanquim, sem borrões e orientados pelo Pep. Dic. Bras. da Lingua Portuguêsa, de H. Lima e G. Barroso.

Pedimos-lhes também que sejam evitadas palavras incompletas, invertidas ou iniciais de nomes próprios.

KSAR — (Nestą) — Gratos pela sua colaboração. Volte sempre que puder. Um forte abraço.

Soluções dos problemas do número anterior

PROBLEMA NETTO

Horizontais: — Mor — Uva — Camadas — Adorara — Ariano — Astros — Tel — Asa.

Verticais: — Cá — Ad — Mó — Ara — Mudara — Ovarista — Rasaates — Orla.

PROBLEMA KSAR

Horizontais: — Mar — Sexos — Exato — Redor — Rás.

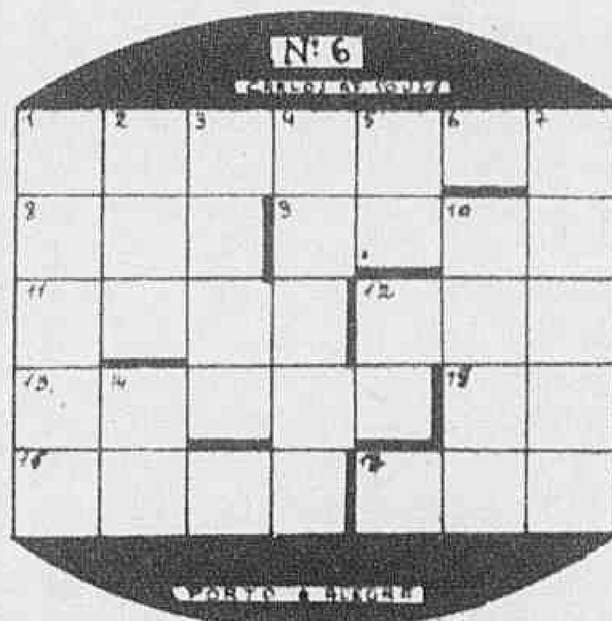
Verticais: — Ser — Mexer — Axada — Rotos — Sor.

PROBLEMA MR. ROBERT

Horizontais: Lar — Bis — Al — Re — Cai — Mor — Vai — Não — Ama — In — Ar — Aos — Ela.

Verticais: — Lacinia — Ala — Ano — Ivo — Mia — Iró — Mal — Serrara.







Problema Carlos Alberto

Horizontai: 1. Mortificação — 8. Raiva — 9. Traço — 12. Nota musical — 13. Escuridão — 15. Graceja — 16. Desacerte — 17. Designativa de oposição.

Verticais: 1. Ave palmípede, da família dos Anatideos de longo pescoço — 2. Pequeno círculo de metal ou madeira — 3. Ave da família dos cuculideos, o mesmo que senfim — 4. Intriga — 5. Caminhava — 7. Vegetação no deserto — 10. Mulher fantástica, sereia dos rios e lagoas — 12. Estuda — 14. Suf. indica o agente.

Problema Ksar

HORIZONTAIS

2. Burro selvagem — 7. Mocinha; namorada — 8. Unico — 9. Símbolo químico do ósmio — 11. (Bras. Norte) Temível — 14. Em má hora.

VERTICAIS

1. Brinco; mofa — 3. Em um — 4. Clima — 5. Peça que entalha no contracadaste do navio — 6. Raspadura (em escrita) — 10. Masca de fumo — 12. Símbolo químico do Érbio — 13. Perp. indica lugar, tempo, modo, etc.

Pergunte o que quizer

Esta seção responderá às perguntas dos leitores sôbre assuntos de cinema. As cartas devem ser enviadas a PERY RIBAS. Redação de CARIOCA. Praça Mauá, 7. Rio.

★

GRANDE FÃ DE C. — Bauru — A carta deve ter se extraviado. A filmografia de Madeleine Carroll a seguinte: «O que o dinheiro pode comprar», «The Gun of Loos», «First Born», «The American Prisoner», «Atlantic», «Escape», «The W. Plan», «Mme Guillotine», «Young Woodley», «Fascination», «The Written Law», «French Leave», «Kissing Cup's Race», «The School for Scandal», «Eu fui uma espiã», «O galã do expresso» (na Inglaterra); «A marcha dos séculos», (primeiro em Hollywood); «O grande ditador», «39 degráus», «Agente secreto» (novamente em Londres); de novo em Hollywood — «Sombra do pecado», «O general morreu ao amanhecer», «Lloyd's de Londres», «Avenida dos milhões», «O prisioneiro de Zenda», «Será tudo teu», «Bloqueio», «Borboleta de salão», «Solteira por capricho», «Legião de heróis», «Safari», «Virginia romântica», «Ilha dos amores», «Uma noite em Lisboa», «Minha loura favorita»; volta ao cinema inglês — «O hotel do Monte Branco»; na França — «La Petit Republique» (documentário); outra vez nos Estados Uniros — «O leque» e «Não confie no seu marido». Os dez primeiros filmes de Alice Faye foram: «Explorando os trouxas», «Escândalos da Broadway» (1934), «Quando Nova Iorque dorme», «Ela e os três marujos», «Um ano em Hollywood», «Escândalos da Broadway» (1935), «Às oito em ponto», «A mágica da música», «o rei dos empresários» e «Pobre menina rica». Alice deixou o cinema para dedicar-se ao lar.

★

SWING FEVER — Rio — Poderia mandar o seu endereço? Aliás, apreciaria que todos os leitores que me escrevem mandassem seus endereços. Desde já fico grato.

★

CARLOMAR — Rio — Mas eu aceito o oferecimento, e peço para mandar o seu endereço. Verá, então, que a aproximação difícil, porm, por motivo diferente daquele que imagina. Quem é a prima? A pergunta que faz nesta última carta será respondida depois, pois não tenho a filmografia de Pedro atualizada. Em todo o caso, repito aquela relação que publiquei há anos, relativa até 1944, mais ou menos, que é a seguinte: «Maria Helena» (Maria Helena), «Rosário», «Las Castro Milpas» (Alma de bravo), «Jalisco nunca pierde», «Amapola del Camino», «Adelita», «Mi candidato», «Los Millones del Chaflán», «Canto a mi tierra», «El Indio», «Con los dorados de Villa», «El Charro Negro», «Una luz em mi camino», «Pobre Diablo», «Los olvidados de Dios» «Mala Yerba», «Borrasca Humana», «El Jefe Maximo», «El Secreto del Sacerdote», «El Zorro de Jalisco», «Ni Sangre, ni Arena» (Nem sangue, nem areia), «Allá en el Balio», «La Epopeya del Camino», «Simón Bolivar», «Del Rancho a la Capital», «La Isla de la Pasión», «Soy Puro Mexicano» (Sou puro mexicano), «Flor silvestre» (Flor silvestre), «Terra de Pasiones», Konga Roja», «Distinto Amanecer», «Las Calaveras del Terror» (As Caveiras do Terror), «Maria Candelária» (Maria Candelária), «La Guerra de los Pasteles», «El Corsário Negro» (O corsário negro) e «La Campana de mi Pueblo». Agradeço as informações do título original de «Leviandade fatal» (que há muito andava procurando...), e de «Alma de bravo», que ignorava ter sido exibido. O seriado sabia que passou nos bairros. Pedro tem muitos filmes posteriores e não garanto informar todos êles, por falta de elementos, mas a maioria penso que conseguirei reunir. Aguardo sua carta. E prepare-se para uma surprêsa.

★

JOSÉ LUIZ — Salvador — De Joan Bennett não foram exibidos no Brasil: «Three Lives Ghosts» (que teria o título «Os três fantasmas», mas a película apenas foi prometida), «Crazy That Way», «Maybe It's Love», «Triau of Vivianne Ware» e «Arizona to Broadway» (?). Quanto aos títulos originais, são os seguintes: «Idílio amargo» (Surrender), «O homem que desbancou Monte Carlo» (The Man Who Broke the Bank at the Monte Carlo), «No turbilão parisiense» (Artists and Models), e «Bancando o Lord» (Puttin'On the Ritz». Não identifiquei «Grito da juventude», «Amante de emoções» é «B. Drummond». E o título brasileiro de «Wild Girl» é «Mulher indomável». Não conheço «Widow's».

★

GERALDO — Taquara — Aí vai a filmografia de Valentino: «Married Virgin», «The Fog», «Wonderful Chance», «Ilha dos amores», «Repudiada», «Irresistível Helena» (reprizado como «Nos cabarés de Nova Iorque»), «Amigos do escândalo» (depois «Sensação social»), «Uma idia feliz» (depois «Uma noite como poucas»), «Amores de um ladrão» (depois «Romance de um apache»), «Negra profecia», «Olhos da juventude», «Alimony», «O esplêndido amante», «Corações «Ambição», «A espoliadora», «Os quacegos», «Paixões indomáveis», «Os quatro cavaleiros do Apocalipse», «Eugenia Grandet», «A dama das camélias», «Esposas frívolas», «Paixão de bárbaro», «De marujo a comandante» ou «A ferro e fogo», «Espôsa mártir», «Sangue e areia», «O jovem rajá», «Monsieur Beaucaire», «O pecador divino», «Cobra», «O Águia» e «O filho do Sheik». Não sei como poderá obter as fotos e os números de «electa». Sim, «Ruddie» foi o maior galã da história do cinema.

★

R. BARCELOS — S. Paulo — Não tenho os elencos completos. Em «O trem ciclone»: John Wayne, Shirley Grey, Conway Tearle e Tully Marshall. Filme da Mascot. Em «Aveituras do Sargento Clancy»: Tom Tyler e Jacqueline Wells. Universal. Em «Sacrifício glorioso»: John Mack Brown, Mascot. Em «O cavaleiro fantasma»: Buck Jones. Universal. Em «Indios do Oeste»: Tim McCoy, Allene Ray, Edmund Cobb e Francis Ford. Universl. Em «Os três mosqueteiros»: John Wayne, Jack Mulhall, Raymond Hatton, Francis X. Bushman Jr., Ruth Hall, Lon Chaney Jr., Gordon de Main, Robert Paige, Noah Beery Jr., Al Ferguson, Edward Peil, William Desmond, George Magrill, Robert Warwick, Emile Chautard e Hooper Atchley. Mascot. Em «O jogador galopante»: Red Grange. Mascot. Em «A montanha misteriosa»: Ken Maynard e o cavalo «Tarzan». Mascot. m «O cavaleiro alado»: Tom Mix, Tony Jr., Joan Gale, Charles Middleton, Jason Robards. Mascot. Em «Os perigos de Paulina»: Evalyn Knapp, Robert Allen, William Desmond, Pat O' Malley e John Davidson. Universal. Em «A mão que aperta»: Jack Mulhall, Ruth Mix, Rex Bell, Marion Schilling, Robert Frazer, William Farnum, Mahlon Hamilton, Jon Hall, Mae Busch, Gaston Glass, Bryant Washburn, Frank Leigh, Reed Howes, Yakima Cannutt, Franklyn Farnam, Robert Walker («xará» do moço do mesmo nome, já falecido), Robert Kortmann, William Desmond, Tom London, Joseph Girard, Bull Montana e Richard Alexander. Filme da Weiss.

★

FÃ DE CARIOCA — Recife — Em «Um sonho em Hollywood» — Dir.: Delmer Daves — Andrews Sisters, Jack Benny, Joe E. Brown, Eddie Cantor, Kitty Carlisle, Jack Carson, Dane Clark, Joan Crawford, Helmut Dantine, Bette Davis, Faye Emerson, Victor Francen, John Garfield, Sydney Greenstreet, Paul Henreid, Robert Hutton, Joan Leslie, Peter Lorre, Ida Lupino, Irene Manning, Joan McCracken Dolores Moran, Dennis Morgan, Eleanor Parker, Joyce Reynolds, Roy Rogers e «Trigger», S. Z. Sa-

(Conclui na página 63)

O PROGRAMA...

(Conclusão da página 8)

quintas-feiras. E é sempre assim tôda a semana: os artistas mais categorizados cantando as suas melhores criações. Não queremos terminar esta nota sem os dois registros seguintes que não se relacionam com o programa propriamente dito, mas diz respeito ao seu dinâmico e querido organizador:

1.º) — Manoel Barcelos é candidato a vereador no pleito de 3 de outubro e merece, sem dúvida, por todos os motivos, o voto dos radialistas aos quais tem sido tão dedicado;

2.º) — Manoel Barcelos está de parabens com a próxima inauguração do Hospital do Radialista, obra a que se tem consagrado devotadamente, como presidente da A.B.R., e que representa uma realização gigantesca.

JANETE JANE...

(Conclusão da página 17)

Chegamos cedo, sete horas, mais ou menos, e lá já estava Janete preparando seu «maquillagem».

— Ainda não estou prática com a pintura e, por isso, preciso fazê-la com cuidado, comprendem?

— Claro que compreendemos. Nós entendemos muito de pintura... Disse o repórter em tom jocoso.

Janete, então, com um arzinho de garôta que recebeu do papai alguns presentes, mostrou-nos todo o seu bonito e multicolorido guarda-roupa com que se apresenta em «Pernas Provocantes». E, para falar a verdade, foi apenas o guarda-roupa.

Nesse interim, entrou no aposento um senhor, porteiro do teatro, que lhe trazia uma carta. Janete abriu-a e disse-nos:

— Vejam!

Tomamos a carta e lemos. Era do empresário Odilon Ce... Brás, que lhe lembrava o compromisso verbal assumido com êle em S. Paulo de participar numa «tournée» promovida pela «Folha da Manhã», intitulada «A 1ª Volta do Atlântico». A carta falava de outros grandes cartazes que participariam do acontecimento. Eram, sem dúvida, os primeiros frutos colhidos pela sua magnífica estréia, em S. Paulo, e a positivação de seu valor como vedeta do teatro de revistas. Já aqui no Rio, com sua apresentação em «Pernas Provocantes», o seu êxito lhe valera um contrato para o «Stúdio do Teo», onde está também trabalhando no «show» da madrugada.

Aceitando os nossos parabens, Janete disse-nos mais algumas palavras:

— Em São Paulo, quando se encerrou a temporada, Juan Daniel quis me levar para a Argentina...

— E você não aceitou?...

A pergunta ficou sem resposta porque soou o sinal para o início do espetáculo. Mas é claro que ela não aceitou por qualquer motivo de momento.

Janete, apesar de saber que somos seus francos admiradores desde que abraçou a carreira artística e que sempre lhe demos apoio, pensando que faríamos a reportagem sem assistir à peça, insistiu a fim de que ficássemos para a sessão.

Era uma quarta-feira e, para falar com franqueza, escolhemos êsse dia, para ir entrevistá-la, julgando que fôsse de menor frequência na platéia, mas pudemos verificar que o teatro se encontrava lotado, tendo sido difícil mesmo encontrar um lugarzinho para o repórter sentar.

Ao nos pedir que assistíssemos à peça, os olhinhos negros de Janet pareciam querer dizer que não julgássemos o seu valor apenas por apreciá-la pessoalmente, que ela nos mostraria algo mais de seu talento que não conheciamos ainda: o seu modo de representar no palco. Pretendíamos assistir apenas à metade, para satisfazê-la, porém, ficamos até o fim. Aplaudimo-la vivamente, como o fizeram os demais espectadores.

Janete, você está de parabens... desta vez, já estão subindo para as marquises da rua do Sucesso as primeiras letras de seu nome.

Cravos e Espinhas

Tratamento definitivo dos cravos, espinhas e seborréia. — Extração radical e sem marca dos pelos do rosto, verrugas e sinais

Dr. Pires

(Prát. hosp. Berlim, Paris, Viena, N. York)
Rua México, 31 - 15.º — Rio de Janeiro
Peça informações sem compromisso
Nome ....
Rua ....
Cidade .... Estado ....



Aniversariou no dia 25 de julho p.p., a Sra. Wilma Fleck, espôsa do Sr. Alfredo Fleck, residente em Nova Hamburgo, Estado do Rio Grande do Sul.

ESCADA DE LANCE

(Conclusão da página 46

dramático e o satírico, entre o anedótico e o romanesco, entre a preocupação regionalista e o romance de costumes. O autor, por isso mesmo, se transfere fàcilmente, voluvelmente de planos, mas isso dentro de situações interrelacionadas por demais. O que era há pouco solene e quase dramático (a tensão criada pelo assassinio, por exemplo), misturando-se a cenas risíveis, de um regionalismo caricatural, destruindo no leitor a tentativa de participação e identificação com a história. O resultado é não sabermos onde o romancista nos pretende levar: ao mesmo tempo que nos faz rir de umas tantas situações, — onde o grotesco teimosamente se interfere, — leva o patético a outras, deixando-nos indecisos quanto às intenções que nos pareceram sérias, inicialmente.



Completou o seu primeiro aniversário, no dia 9 dêste, o menino Paulo Roberto, filho do casal Albertina-Orlando França, neto do nosso companheiro Octávio Costa

7.ª ARTE

(Continuação da página 41)

su grisbi", de 1953, ainda inédita para nós. "Eduardo e Carolina" "Vivamos hoje) é uma excelente realização de Jacques Becker e uma lição de bom cinema.

*

"O GAROTINHO PERDIDO"

(Little boy lost)

Paramount Pictures — Direção de George Seaton — Cenário de Ge-

orge Seaton — Baseado no conto homônimo de Marguetita Laski — Fotografia de Lyle Griggs — Música de Victor Young — Produção de William Periberg.

Sente-se o esforço de George Seaton para realizar uma fita acima da média. Por vezes chega mesmo a conseguir um nivel mais elevado no tratamento do conto de Margharita Laski, que ele próprio cenarizou. Contudo, sua direção é pouco coesa e menos ainda convincente, pois empresta um ar de coisa antiga à fita e tambem não consegue disfarçar uma certa monotonia que sombria todo o espetáculo. Todo o começo me deu a impressão de estar vendo uma fita produzida em 1930. Depois quer ganhar amplidão, mas fica tudo na intenção.

Bing Crosby, visivelmente velho e canastrão, passava na vida real pelo golpe de ter perdido a sua esposa de muitos anos. Convenhamos que a dor real não serve a arte de representar, a não ser muito tempo depois. Bing foi vitima de sua própria realidade. Claude Dauphier ainda não teve um bom papel sob a bandeira de Hollywood, a despeito desta fita ser filmada em Paris. Christian Fourcade é o "garotinho perdido". Nicole Maurey é uma mocinha sem maiores atrativos. E mais Colette Deread, Henri Letondal e Gabrielle Dorziat tomam parte.

A música de Victor Young ficou à margem do drama. E a nota de melancolia, que devia acompanhar a fita como substância poética e simbolo do desencanto, essa o diretor Seaton não soube transmitir. "O garotinho perdido", que poderia ter sido um belo filme, é apenas uma coisa razoável.

*

Post-Scriptum

Bilhete para Marta (Belo Horizonte).

Sua missiva é uma festa de beleza e poesia. Foram lamentável sos nossos desencontros. Da primeira vez, eu estava em São Paulo, quando você por aqui encantou a cidade com a sua presença. Desta feita, encontrava-me na Bahia, sonhando minha infância. Da próxima, serei eu que irei ao seu encontro. Queira-me bem e retorne quando desejar.

Pergunte o que quizer

(Continuação da página 55)

MARILZA SILVA SANTOS — 1º — Em «Ninguém crê em mim»: Bobby Driscoll, Barbara Hale, Arthur Kennedy, Paul Stewart e Ruth Roman. 2º — Em «O vingador»: Richard Conte, Vanessa Brown, Lee J. Cobb, Frank Silvera, Roberta Haynes, Hugh Saunders, Martin Garralaga, Claire Carleton, Argentina Brunetti, Margaret Padiula, Rodolfo Hoyes Jr., e Paul Fierro. 3º — Em «Canção do Sul: Ruth Warrick, Bobby Driscoll, Luana Patten, James Baskett, Lucille Watson, Hattie McDaniel, Eric Rolf, Glenn Leedy, Mary Field, Anita Brown, George Nokes, Gene Holland, e «Nicodemus» Stewart e Johnny Lee (vozes).

*

MARIO NEGRI — Rio — O diretor do filme de Maria Montez, «Piratas de Monterey» foi Alfred Werker.

*

JONAS SANTANA — D. Federal — Infelizmente também não tenho o endereço da famosa cantora internacional e «estrêla» de cinema. Talvez ainda esteja em Buenos Aires. Experimente escrever-lhe para a capital argentina. Conhecido como é, a carta chegará às suas mãos, se estiver naquela cidade, coisa muito provável. De Conchita, também não tenho o endereço. Não seria imprudente, se eu dispuzesse de arquivo de letras de músicas. Isso, entretanto, foge à especialidade de «Pergunte o que quiser (de cinema)».

*

«LOCO POR EL MAMBO» — Rio — Em «Estrada 301»: Steve Cochran, Virginia Grey, Gaby André, Edmon Ryan, Robert Webber, Wally Cassell, Aline Towne, Richard Egan e Edward Norris. Em «Ao som do mambo»: Amália Aguilar, Resortes, Roberto Romaña, Esther Luquin, Joan Page, Rita Montaner, Dolly Sisters, Chucho Martinez Gil, Perez Prado e orquestra, e Pedro Galindo. Quanto aos nomes das músicas, faltam-me elementos. Perez: Cidade do México, México.

*

ONLY HERMES — Rio Pardo — Bob: Paramount-Studios, Marathon Street, Hollywood, Cal. Cantinflas: Posa Films, Cidade do México, México. Johnny-Allied-Artists-Studios, Sunset Drive, Hollywood, Cal. Lucille: Metro-Goldwyn-Mayer-Studios, Culver City, Cal. Ann: Universal-nternational-Studios, Universal City, Cal. Jean: 20th-Century-Fox-Studios, Beverly Hills, Hollywood, Cal. Victor: o mesmo de Jean. Não tenho os endereços de John Carroll que não tem estúdio certo), Gable (retirado do cinema), Stan Laurel (idem), Bill Boyd (idem), e Sabu (que fez seus últimos filmes na tália).

*

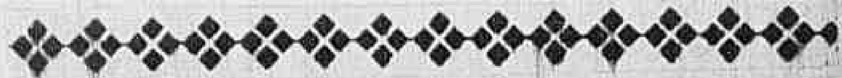
HETOR CASTLHO — O titular original de «A legião dos desesperados» é realmente «Passage West». O título «High Venture» foi provisório.

*

FRANCSCO C. ALVES, Jr. — Rio — Sim, lembro-me da surprêsa que prometi, há tempos, aos leitores. Ela ainda está em pé, por isso peço a todos que mandem seus endereços, quando escreverem. O resto... é segrêdo.

*

S. K. — Guararapes — Em «Um brotinho das Arábias»: Estelita Rodriguez, Robert Rockwell, Dorothy Patrick e Florence Bates. Em «Odette, Agente S.23»: Anna Neagle, Trevor Howard, Marius Goring, Peter Ustinov, Maurice Buckmaster, Bernard Lee, Marie Burke, Gilles Queant, Guyri Wagner, Wolf Frees, Frederick Wendhousen, Alfred Shcieske, Marianne Waller, Catherine Paul, John Hunter, Campbell Gray e Derrick Penley. Em «Os filhos dos mosqueteiros»: Cornel Wilde (D'Artagnan), Maureen Ó Hara (Claire), Robert Douglas (Lavalle), Gladys Cooper (a rainha), Jane Clayworth (Claudine), Dan Ó Herlihy (Aramis), Alan Hale Jr (Porthos), Nancy Gates (Henriette), Blanche Yurka, Edmond Breon, Peter Miles, George Petrie, Moroni Olsen, Boyd Davis, Holmes Herbert, Lucien Littlefield e Claude Dunkin. Em «Cavaleiros da Bandeira Negra»: Audie Murphy (Jesse James), Brian Donlevy (Coronel Quantrill), Marguerite Chapman (Kate Clarke), Scott Brady (Bill Anderson), Tony Curtis (Kit Dalton), Richard Long (Frank James), Richard Arlen (Capitão do Norte), James Best (Cole Younger), John Kellog (Chefe dos Peles Vermelhas), Dewey Martin (James Younger) e George Chandler. Em «O grito da carne»: Ann Todd (Madeleine Smith), Norman Wooland (William Minnoch), Ivan Desny (Pierre Emile L'Angelier), Leslie Banks (pai de Madeleine), Barbara Everest (mãe de Madeleine), Jean Stranks, Patricia Raine, Elizabeth Sellars, Edward Chapman, Jean Cadell, Eugene Deckers, Ivor Barnard, David Horne, Henry Edwards, Barry Jones, Andre Morell, Amy Veness, John Laurie, Kynaston Reeves Cameron Hall, Douglas Barr, Irene Brown, Alfred Rodriguez, Moira Fraser e James McKechnie. Não identifiquei «A professora dos adultos».





Completou no dia 22 de julho o seu 2.º aniversário o menino Mauro Renato, filho do Sr. João Detore Filho, e de sua esposa, Sra. Cerez de Farias Detore, e neto do Sr. Alfredo Gomes de Farias, nosso companheiro de «A Noite»

CORAÇÃO FERIDO

(Conclusão da página 7)

ela fôsse uma menina. E não o era, de fato? Sua história era tão simples e tão ingênua, que me provocava um leve sorriso de compreensão.

— Não foi um fracasso... Teria sido um fracasso se você não voltasse a amar. Logo sairá daqui. Mas quero que saia cheia de saúde e otimismo. Seu nome?

— Inês.

— Bem, você deve dizer: "Eu me chamo Inês, tenho vinte anos e vou conquistar o mundo".

A moça sorriu, mostrando uns dentes pequenos e muito brancos. o rosado tênue que aparecia em seu rosto era a esperança de um pronto restabelecimento.

— O mundo é demais para mim, doutor...

— Não se conforme com menos, Inês. Ou tudo, ou nada. Olhe: uma jovem simpática pode conquistar o que quiser, especialmente se se chama Inês. Não o esqueça.

Para trás ficaram seu sorriso e uma certa melancolia. Eu sei que, uma vez curado o enfêrmo, é lógico que o médico se vá. Mas Inês fôra meu primeiro caso. Era como se algo que me pertencera por umas horas se afastasse definitivamente de mim. Envergonhei-me de pensar dêste modo e sai a atender aos demais pacientes.

*

Acabava de chegar a meu consultório. Depois de doze dias de tratamento, dera alta a Inês Monsalvo. Meu primeiro caso. Não sei como explicar o que me acontecia. Em vão me repreendia. Saí do hospital ao meio-dia, mas não quís me despedir dela. Sei o motivo. Aquelas feições delicadas, seus olhos tristes e escuros, o rosto pequeno haviam penetrado aqui, exatamente aqui no coração. Não o pude evitar.

Foi tanta a identificação moral com a enfêrma, foi tão grande a tensão nervosa em que vivi, que sua imagem começou por me preocupar como médico e acabou emocionando-me como homem. Mas eu a perdera. Não tivera coragem para dizer-lhe nada. E que lhe poderia dizer? Para ela, era nada mais que o médico que a atendera no hospital. Apenas isso. Meu primeiro caso resultara, afinal, muito triste. Para mim. Esperaria os próximos. Porque a meu consultório teria que vir alguém. Pelo menos para justificar a placa que mandara colocar à porta. Chamaram. Não tinha enfermeira particular. As portas dos consultórios dos médicos pobres são abertas por êles próprios.

— Você!...

— Perdôe, doutor... Vim pra lhe agradecer e me despedir...

Seu vestido simples, seu rosto adorável, seus olhos melancólicos — me tiraram o resto das fôrças. Inês me feria docemente o coração.

— No precisava incomodar-se, criatura!

— Não precisava incomodar-se, criatura", mas já estava dito. Inês não quis sentar-se. Olhou-me expressivamente:

— Obrigada. O senhor é muito bom...

Disse isso com um modo tal que fui forçado a baixar a vista.

— Por que?

— Porque me curou... preocupou-se... tratou-me bem... sem qualquer interêsse...

— Engana-se, Inês. Tinha o interêsse do médico que quer resguardar sua reputação. Você era meu primenro caso. Lamento desiludí-la, mas foi minha vaidade que...

Tinha desejos de gritar, de tirar a máscara diante dela e lhe dizer que a amava desesperadamente. Olhou-me com doçura.

— Seja como fôr, meu coração já está refeito.

Não pude mais. Tôda a solidão da minha vida e todo o amor que sentia brotaram de minhas palavras.

— Mas agora o meu é que está ferido, Inês...

Sentia-me abatido, vencido, sozinho. Continuei falando:

— Sim... Amo-a... Sei que para você isto não significa nada... Você agradece ao médico... Mas na cabeceira de sua cama era um homem que a olhava, que observava passo a passo as pulsações de seu coração... seu coração que nunca pulsará por mim... Precisava desabafar-me... Seja feliz, Inês... Adeus...

Vi seus olhos nublados. Tremi. Aproximou-se, colocou a mão de leve no meu braço. Moveu negativamente a cabeça e sorriu.

— Não me vou — murmurou com ternura. Talvez você precise, em seu consultório, de uma enfermeira particular, que cuide de suas coisas com carinho...

— Isso — disse eu, procurando dominar minha emoção -- isso somente poderia ser feito por uma espôsa. E suponho que você não quererá casar-se com um médico tão pobre...

— Eu também tenho a vaidade de curar — disse achegando-se mais — um coração ferido por minha culpa...

Acariciei seu cabelo sedoso e lhe perguntei:

— Acredita que o conseguirá?

— Tudo é questão de experimentar — sussurou, enquanto me dava o beijo mais delicioso da minha vida.

A MORTE DO VELHO...

(Conclusão da página 14)

ckson Martha, e u'a marcha, «Mulher de cego», gravação de Romeu Fernandes.

Daí em diante, passou a gravar também para o meio de ano, estimulado sempre por seus amigos inseparáveis, como Alcides Gerardi, que gravou o seu bolero «Recordando», e Newton Teixeira, que pôs na cêra o seu bonito samba-canção, «Reflexo», samba êsse que Carlos Augusto pretende regravar, brevemente.

SUAS ÚLTIMAS PRODUÇÕES

As mais recentes produções de Guido Medina — cujo nome, como autor, vai se firmando, dia a dia — são as seguintes: «Mulher de cabaré», próxima gravação de Carlos Augusto; «Não chora, linda criança!» (valsa) e «Bôas Festas, meu amor» (também valsa), ambas a serem lançadas, no Natal, em gravação de Roberto Paiva, que também levará à cêra seu mais novo samba carnavalesco, «Você, nos braços meus» (O maior espetáculo da terra).

A pedido de Erickson Martha, fez a versão da bonita música italiana («Mamma» («Mamãe»), que êsse intérprete já gravou, e com a qual vem obtendo grande êxito, no momento.

Sem dúvida, Guido Medina é um autor que ainda promete muito e a música popular brasileira, por certo, dentro de pouco tempo, estará enriquecida com novos sucessos de sua autoria.

DAWN ADDAMS...

(Conclusão da página 23)

Hills High School e Westlake Schook.

Em 1945, retornou à Inglaterra, para a companhia do pai, que ali permanecera durante a invasão da Europa, como comandante de um esquadrão de bombardeio.

Terminando sua educação na Inglaterra, em 1947, veio passar seis meses com amigos no Rio de Janeiro, onde deveria tomar uma decisão acêrca do seu futuro. Passou mais três meses trabalhando como cronista social do "Brazil Herald", jornal desta cidade, editado em inglês. Foi aqui que finalmente se decidiu a seguir a careira artística. Embora jamais tivesse tido ligação com o teatro, confessa que se sentia atraida pelo palco desde os sete anos de idade, quando tomou parte numa versão escolar de "Alice no País das Maravilhas".

Retornando mais uma vez à Inglaterra, inscreveu-se na Academia Real de Arte Dramática em Londres, onde passou mais dois anos estudando a arte de representar. Durante esse período, tomou parte em algumas representações em Cambridge e, por ocasião das férias, viajou pela Checoslováquia, França e Suiça.

Em 1949, fez sua estréia no Drury Lane Theater, desempenhando pequeno papel em "The Great Endeavor", com Michael Dennison e Dulce Gray. Após êsse desempenho, foi escolhida para o papel de Ammy em "Charley's Aunt", no Piccadily Theater. Após seis meses de atuação nesse teatro, excursiou com a companhia por diversas províncias.

Foi então convidada a ir para Hollywood fazer um teste para o papel de Roxanne, em "Cyrano de Bergerac", o que não lhe foi possivel aceitar, devido ao seu contrato para trabalhar em "Charley's Aunt". Quando a peça saiu do cartaz, seus agentes a levaram para Hollywood, onde assinou contrato com um estúdio, em novembro de 1950.

Teve papéis razoáveis em "Night Into Morning", "The Unknown Man", "Singing in the Rain", "The Hour of 13" e "Plymouth Adventure"; neste último fez o papel de Priscilla.

No dia 29 de abril deste ano, casou-se com Vittorio Massimo, Principe de Roccassecca de Volsci, da alta linhagem

ESTUDE
Contabilidade ou contador, com diploma, por correspondência no INST. RIO BRANCO. Gratis a todo aluno: 1 cart. de identidade, 1 pasta, mat. estudos, etc. Procure-nos s/compromisso.
CAIXA POSTAL, 5.215 — SÃO PAULO

italiana. Trata-se de um príncipe de verdade e não apenas uma figura irreal criada pela sua imaginação. Ao casamento compareceram inúmeras personalidades de destaque do mundo artístico e social, entre os quais Charles Chaplin, que, com sua espôsa, Oona O'Neil, foi da Suíça a Roma, especialmente para assistir à cerimônia nupcial e cumprimentar o novel par.

INATINGIVEL

(Conclusão da página 26)

ciã tinha razão, que se tratava de uma verdadeira vocação. Por que depois de tudo, não opor-se a que a filha formasse mais um elo na gloriosa cadeia?

Charlotte acabou por submeter-se à decisão daquelas mulheres. Talvez obscuramente presentisse já o caminho que a libertaria da tutela insuportável. Além disso, embora detestasse o teatro, gostava de música e o corpinho frágil, prescindindo do espírito rebelede, foi vencido por sua envolvente magia. Quando tocava o solo rítmica e etérea, alheia à admiração de quantos a contemplavam, sonhava apenas com o caminho da liberdade.

Tinha quinze anos quando fez sua apresentação, na qualidade de bailarina solista, ante uma platéia exigente. Apresentou-se porque a haviam preparado para isso e não podia evitá-lo. Mas o fato de que milhares de olhos estivessem postos nela a deixava indiferente.

Triunfou. Triunfou porque era bonita, porque sabia dançar porque era filha de Belle White e neta de Roxana Howell. Talvez ainda, pois a vida tem dessas ironias, porque não aspirava em absoluto à glória.

Daniel Highway atravessou o corredor e entrou no escritório de Louis Blyth, o sempre sério. Êste ergueu a cabeça e sorriu-lhe cordialmente.

— Agradeço-te por teres vindo.

Conversaram longo tempo. Daniel não quis prometer nada, pois preocupações íntimas o absorviam. Por fim, e ante a insistência do outro, disse:

— Não creio que possa ficar pronta para esta temporada. Dinah piorou novamente.

— Sinto-o, deveras, Daniel. De todo modo, se fôsse possível eu te agradeceria muito. Victor já começou a trabalhar na coreografia.

Quando saiam, chegou até êles rumores de música. Louis disse:

— Estão ensaiando. Não queres ir até lá?

Para dar prazer ao amigo entrou na platéia deserta e do fundo, na penumbra, contemplou a cena. Chamou-lhe a atenção a graça de uma figurinha rosada que revoluteava no palco. O movimento dos braços, sobretudo, lhe pareceu perfeito. Aproximou-se um pouco mais e quando a música cessou perguntou ao empresário:

— Quem é?

— A filha de Belle White ainda. Dentro em pouco, a divina Charlotte. Queres conhecê-la?

— Não — deu-se pressa em responder Daniel.

Mas de volta à casa pensou que gostaria de compôr uma música para aquela figurinha vestida de rosa. Cêdo, a jovem bailarina e seu projeto passaram para o esquecimento.

Foi quase no fim da temporada que a música do "ballet" ficou concluida. Dinah se restabelecia lentamente num sanatório da montanha e Daniel, um pouco mais tranquilo, pôde voltar ao seu trabalho.

Na tarde do primeiro ensaio conheceu Charlotte. Impressionaram-no sua modestia e simplicidade. Num mundo onde qualquer se julga pelo menos o centro do universo, a moça não tinha a menor pretensão nem se sentia orgulhosa por pertencer a uma família célebre no teatro. Era muito disciplinada, recebia sem protestos as sugestões dos coreógrafos executava maravilhosamente sua parte e não se desvanecia por isto. A tal ponto lhe chamou a atenção sua atitude que se propôs desvendar aquêle mistério.

A jovem também, desde o comêço, o achou diferente. Gostou dêle porque era espontâneo, porque criava a música de que ela tanto gostava e sobretudo, porque seu coração solitário anseava por afeto e compreensão.

Chegaram a ficar tão bons camaradas que ela se atreveu a revelar-lhe um dia o que nunca confiara a ninguém. A solidão de sua infância, suas rebeldias, sua ânsia de libertação. Concluiu com voz baixa como se falasse para si própria:

— Quando danço por vêzes tenho a impressão que meu corpo começa a desaparecer. Já não sinto o chão sob meus pés, as sombras em tôrno de mim e me devora lentamente. Minhas mãos, súplices, crescem, multiplicam-se até transformar-se numa grinalda que vai subindo, que vai subindo até alcançar uma nuvem... Esta visão, que me exalta e me transfigura, faz-me sentir muito feliz.

Nunca Daniel conhecera uma criatura tão sensitiva como aquela, nem sequer Dinah, a quem tanto amara e que agora, tocada pela cruel enfermidade, tornara-se um ser cruel e egoista. Perguntou-lhe:

— Quantos anos tens, Charlotte?

— Depende — sorriu ela, melancólica. De acôrdo com a certidão de nascimento apenas dezessete, mas penso em minha infância interminável, milhares e milhares, perseguindo inutilmente um sonho.

Êle também conhecia as lentas horas em que tudo parece um cruel absurdo, aprendera que o que se sonha nunca se chega a ter, pois apenas realizado descobre-se que não é como se havia sonhado. Doeu-lhe que a pequena Charlotte conhecesse já aquela amarga verdade, sentiu que queria fazer algo por ela, a cujo lado não podia permanecer. Prometeu-lhe:

— Vou escrever a música do teu sonho.

A rapariga olhou-o longamente. Que se passava em seu coração? Que significava para ela que fôsse precisamente êle quem transfigurasse em beleza sua infância solitária?

Daniel confiava que jamais ela o saberia. Regressava por uma estrada que ela ainda não conhecia. Amava-a tanto que por amor devia renunciar... Só sua música alcançaria a nuvem.

Pela primeira vez desde que dançava Charlotte propôs-se triunfar. Mas, ainda desta vez não era sua aspiração de artista, tardiamente revelada, que a impelia a desejá-lo. Era seu coração apaixonado que queria garantir o êxito de Daniel.

Sabia dos laços que o prendiam a Dinah, sabia que para êle não podia ser mais que uma amiga. Mas não lhe importava. Amava-o e só de ama-lo se sentia feliz. Que importava que seu sonho fôsse impossivel se ao menos era realidade?

Dançou só para êle, ante uma platéia imensa. Para êle que era o único que sabia que era ela própria a adolescente do jardim onde as rosas sonhavam. Até que chegue a sombra qu... surge do solo, que vem do céu. Tud... é escuridão. Só as frágeis mãos bri... lham como uma coroa quando cinge... a nuvem fugitiva. Depois, tão somen... a música.

Intermináveis aplausos aclamaram ... bailarina. Mas ela não os ouvia. E... seu ouvido apenas vibrava a músic... enquanto os olhos empanados contem... plavam o homem que abandonava precipitadamente o palco. Aquilo era ... adeus.

Ela lhe dissera certa tarde: — "Tenho milhares e milhares de anos, per... seguindo inutilmente um sonho". Ag... ra tinha dezoito e um coração qu... amava pela primeira vez, um coraçã... que se recusa a crer que a felicidad... era inatingível, agora que suas mã... acariciaram a nuvem fugitiva, ago... que nela ficava para sempre, para sem... pre inesquecível, a música de Danie...

FIGURA VIVA

(Conclusão da página 30)

Paulo. Vendo furtado seu início na ca... reira militar floresce seu desejo de ... jurista. Estuda e um dia o rádio lh... assalta. Em 1932 se inicia na radiof... nia bandeirante. Quando estourou a r... volução de 1932 Teófilo era locutor ... "Rádio Cruzeiro do Sul", de São Pa... lo (hoje Piratininga). Em 1933 êle j... se apresentava como profissional de... dido e segue sua carreira, fazendo ... rios papeis: locutor, rádio-ator, come... tarista, e outras coisas mais. De su... criações no rádio paulista ainda pe... manece o programa "Chá no Ar", qu... êle realizou em 1936, na "Dif. Piratinin... ga", e que até hoje os ouvintes escutam... Nesta mesma época a evolução da ... te moderna tomava de assalto os jo... vens, e Théo dá ao rádio um progra... intitulado "Ritmo do Século".

Desde 1934 que percebe pelos ca... linhos que correm nas pistas, e ... "Jockey Clube de São Paulo" foi o ... cutor oficial até o ano de 1940. Era ... único que irradiava tal acontecimen... numa cadeia de quatro emissoras (C... mo, Cruzeiro, Difusora e Excelso).

(Continua na página 6

DR. JOSÉ DE ALBUQUERQU...
Membro efetivo da
Sociedade de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
Rua do Rosário, 98 — 13 às 18 hs.
Rio de Janeiro

ELIZABETH DEIXOU...

(Conclusão da página 5)

ciar, o que ocorreu em 1952. Nesse mesmo ano veio a conhecer Michael Wilding, quando visitava parentes seus em Londres. Por sinal, foi em Londres que Elizabeth nasceu, em fevereiro de 1932.

No seu último sucesso para a téla, «No Caminho dos Elefantes», o segundo trabalho na Paramount, vocês verão uma Elizabeth com os seus maravilhosos vinte e dois anos. Adulta em todos os sentidos, nem porisso deixa de se ajustar à sua figurinha delicada a classificação de «grande brôto»!

FAN-CLUBE DE...

(Conclusão da página 13)

não deixa de ser alviçareiro, pois, é o primeiro maestro a receber tais honrarias. Muito bem, maestro Chiquinho, não é sòmente o lençol (perdão, digo o lenço) que o caracteriza. A sua boa vontade e polidez para com o público já o tornaram merecedor de um Fã-Clube. E' mais uma prova de sua popularidade. Seus admiradores de todo Brasil ficarão contentes com essa notícia, temos certeza. Parabens, maestro Chiquinho.

Todos os fãs poderão solicitar sempre fotografia do querido maestro, que êle atenderá com o maior dos prazeres.

AS MOÇAS DA...

(Conclusão da página 37)

"maillots" azuis, executando um programa ainda mais completo. Verdadeiras mestras-alunas para os nossos olhos. Elas já foram, de regresso à gelida Suécia, mas o êxito dessas exibições-relâmpago devem ter deixado exemplos magníficos aos observadores técnicos sem conta que as assistiram, guardando profundamente muita coisa útil de que necessitam.

Valeu o presente da A.P.E.D.F.D.F. aos brasileiros.

ROSSANA...

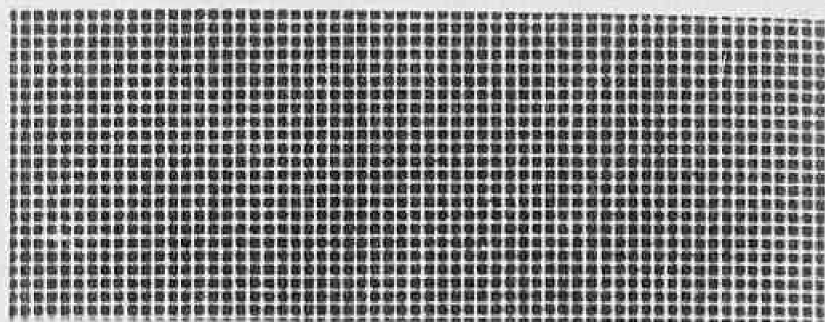
(Conclusão da página 21)

fica radiante. Sabe que, dali em diante, ela se empregará de corpo e alma no seu estudo da língua, e, em pouco tempo, está falando espanhol tão bem quanto os da terra. Fernandez então concorda em começar a filmar as cenas dos exteriores, até que sua pupila fale corretamente. Passam-se doze dias, e Rossana apresenta-se pela manhã nos escritórios da companhia com um claro e sonóro: «Buenos dias Señor Fernandez». O diretor fica radiante pela prova de dedicação da bela italianinha, mas, como precaução, êle já havia pedido aos autores do «script» que reduzissem os diálogos ao máximo, razão pela qual o filme é chamado de «silencioso».

Ao contrário do que se pensava, a história não foi prejudicada, e sim enriquecida com a linguagem das imagens, o que valeu a «A Rede» o Grande Prêmio Internacional de Cannes.

Em «A Rêde» (La Red), da Pelmex, Fernandez conta a história de dois homens «Crox Alvarado e Armando Silvestre) e de uma linda mulher (Rossana Podestá) caçados como féras bravias pela justiça, vivendo uma grande aventura, que tem por cenário uma ilha deserta e perdida na imensidão do Pacífico... Obrigados a viver juntos, tentam refrear os instintos, paixões e desejos, vigiando-se mùtuamente e temendo os próprios pensamentos. Os dois homens passam a se odiar, porque em ambos surge um amor intenso pela única mulher da ilha, onde só se ouvia o rumor das ondas quebrando na praia ou se chocando violentamente contra os rochedos. Êsse o grande mérito de «A Rêde», um filme quase mudo, cuja fôrça de emoção nos acompanha do princípio ao fim da película, como se ela fôsse eivado de diálogos fortes. E' o próprio cinema, o cinema ideal que Emílio Fernandez apresentou, graças a um incidente. As paisagens, os quadros de fundo de romance, parece que foram pintados pelas mãos de um grande artista ,estupendamente aproveitados pela câmera de Alex Philips, fotógrafo também premiado em Cannes. A par de todos êstes atrativos, temos a figurinha encantadora e provocante de Rossana Podestá, uma das mais promissoras «estrêlas» do moderno cinema.

Endossando tudo que falamos a seu respeito e do filme «A Rêde», estão as fotografias que estampamos nestas páginas.





Waldir Calmon, o simpático pianista que está marcando recorde na venda de discos na fábrica em que grava, continua atuando no "Night and Day", onde executa com mestria os maiores sucessos de todos os tempos, acompanhando celebridades do canto.



As candidatas à "Rainha da Primavera" do Esporte Clube Mackenzie, que no dia 18 de setembro vindouro disputarão o título — Marize Goulart — Isis Soares — Glaucia C. Gaspar — Suely M. C. Pires — Leena de Mesquita

GANGORRA TEATRAL

(Conclusão da página 29)

mente, aterrissam para dar a vez aos que estavam por baixo? Êsse fenomeno, que se assemelha a uma gangorra, não é mais que uma lei biológica.

Muitos artistas de reconhecido valor ficam sem poder reaparecer ao seu público numa temporada comum. Esperam períodos nada interessantes para as grandes platéias, principalmente quando chega a época do calor.

No presente ano de 954, os acontecimentos não seguiram a rotina de sempre. Estavam anunciadas as companhias de Rodolfo Mayer e Aimée. Uma para o Teatro Dulcina e outra para o Rival, respectivamente. Com os teatros conseguidos e tudo. Pois muito bem. Muito bem, não! Muito mal! Rodolfo Mayer e Aimée acabam de comunicar ao público que desistem da temporada dêste ano. Rodolfo confessa não ter obtido permissão da rádio, Aimée declara que está louca para voltar a representar para seu público, mas um «motivo de fôrça maior» obriga-a a uma desistência. E' claro que cada um dispõe de sua vida como bem entende.

Nem por isso deixamos de considerar a arte dos dois belíssimos atores — Rodolfo Mayer e Aimée, mas que sentimos profundamente a ausência daqueles dois «bigs», nem é preciso dizer.

Programados ainda para esta temporada estavam Jayme Costa, estreiando na primeira semana de setembro e o Teatro Brasileiro de Comédia, com uma temporada oficial marcada para o dia primeiro de setembro no Teatro Ginástico. Êsses, parece que se mantêm no lado de cima da gangorra. Esperemos que o tempo passe e que a temporada prossiga com o mesmo esplendor dos primeiros meses e que para o ano tenhamos em um de nossos teatros essa companhia que muito nos entusiasma: a de Aimée e de Rodolfo Mayer.

Carioca

EMPRÊSA A NOITE
PUBLICA-SE AS QUINTAS-FEIRAS
Redação, Administração e Oficinas
Praça Mauá, 7-3.° and. - Tel. 23-1910
Rio de Janeiro — Brasil

★

Diretor — HEITOR MONIZ
Gerente — OCTAVIO LIMA

★

Número avulso:
EM TODO O BRASIL . . Cr$ 4,00

ASSINATURAS:
Para o Brasil, países do Convênio Panamericano, Espanha, Portugal e Colônias

12 meses .... Cr$ 150,00
6 meses .... Cr$ 80,00

OUTROS PAÍSES
12 meses .... Cr$ 300,00
6 meses .... Cr$ 160,00

Culinária



MEDALHÃO DE ANCHOVA

Tome 12 anchovas enroladinhas, já preparadas em vidros e achate-as ligeiramente.

Tome 4 batatas grandes e 3 beterrabas cozidas, tire-se-lhes as peles e corte em fatias, devendo obter 12 rodelas de batatas e 12 rodelas de beterrabas tôdas cortadas com o cortador de massa, sendo estas menores, polvilhadas de leve com açúcar.

Desmanche uma gema crua e vá batendo com azeite, uma ½ xícara, tempere com sal e gotas de limão. Deve ficar um creme duro.

Arrumação: Ponha dentro de 1 fôlha fresca de alface 1 colherzinha de café de môlho, depois uma rodela de batata, môlho, uma rodela de beterraba, um pouco mais de môlho, coloque a anchova, e bem no centro desta uma colherzinha do môlho.

GALINHA DA RAINHA

Prepare 1 galinha grande como para assar e leve ao fogo, sem tostar, com 1 colher de manteiga e 1 cebola picada. Junte cheiro e 4 xícaras de água e sal. Deixe em fogo brando até amolecer. Tire a galinh a ereserve o caldo para o môlho. Corte a carne do peito em fatias finas, com 1 alicate retire os ossos do peito e encha o papo com "soufflée" de queijo. Recomponha as fatias entremeadas com fatias de "foi gras" e de "Gruyère". Envolva em papel impermeável, untado, e leve ao forno para assar o "soufflée". Retire o papel, deite a galinha no prato, cubra com môlho "suprême" e deite ao redor "chamfignous" partidos em lâminas de alto a baixo, e alguns tomates para enfeite.

"MÔLHO SUPRÊME"

Derreta sem tostar, 1 colher de manteiga com 1 de farinha. Junte 1 xícara de caldo de galinha concentrado, 2 de leite, e vai juntando devagar 200 gr de creme de leitaria e 1 colher de manteiga, sempre em fogo brando. Deve ficar aveludado e branco. Só pode esquentar em banho-maria.

TOMATES PARA ENFEITE

Tome tomates pera, pequenos, iguais, e dê um talho de baixo até ao meio. Esvazie, enxugue e recheie com creme de leitaria batido. No lugar dos cabos, fure com 1 prego, e enfie um galinho de agrião para imitar frutas. Guarde na geladeira até à hora de servir.

OVOS COM MÔLHO BRANCO

Arruma-se num prato-travessa uma camada de arroz e, por cima, uma de "petit-pois". Sôbre esta, põe-se uma camada de ovos escaldados. Cobre-se tudo com môlho branco, enfeitando-se com ovos duros, picados e azeitonas.

DOCE DE PÊSSEGO MADURO

Para 3 quilos de pêssegos, 2 de açúcar. Descascam-se os pêssegos, cortam-se em pedaços para saírem os caroços, pesam-se lavam-se muito bem e deitam-se num tacho com o açúcar e sòmente 1 xícara dágua. Quando estiverem amolecendo, tiram-se e esmagam-se no esmagador. A calda continúa no fogo para engrossar. Quando ela achar-se no ponto de espelho, isto é, bem encorpado, junta-se-lhe a massa de pêssego, mexendo-se à medida que se põe a massa. Quando o doce estiver fritando e o fundo do tacho aparecer está pronto. Ainda que se deseje boa porção de doce, deve êle ser feito de 3 em 3 quilos de pêssegos, porquanto, menos demorando no fogo, mais bonita e saborosa fica a pessegada.

MÃE-BENTA

10 colheres de farinha de arroz, 10 de açúcar, 4 de manteiga, 7 gemas e as claras finas, 1 côco ralado, espreme-se, num guardanapo, ½ côco ralado, no qual se põe uma xícara de água fervendo. Bate-se muito bem a manteiga com o açúcar, a seguir põem-se os ovos, também muito bem batidos; bate-se mais a mistura e adiciona-se-lhe o leite de côco, depois a farinha de arroz e o outro côco ralado. Assa-se em forminhas forradas de papel.

FIGURA VIVA

(Conclusão da página 59)

Definitivamente em 1940 encerrou sua carreira de radialista paulista para tornar-se nacional.

Era eleito presidente do Joquei Clube Brasileiro, o ministro Salgado Filho. No ano de sua posse, 40, êle cria o serviço oficial do Joquei, e Théo foi convidado como locutor oficial do dito serviço. Simultâneamente com a "Rádio Jornal do Brasil", faz a primeira irradiação de corridas de cavalos no Distrito Federal, com sua voz característica que o mantem até hoje nos mesmos postos e com maior salário.

Seus estudos jurídicos não pararam por isto. Êle não deixava ninguem perceber a continuidade do seu desejo. Casou-se e continuou estudando. A versatilidade de seus dotes faz com que ande namorando a carreira diplomática. De 1939 a 41 se prepara intensivamente para o concurso do Itamarati. No dia da primeira prova falece sua espôsa. Seriam seus companheiros de provas os seus amigos Jaime Azevedo Rodrigues, atual chefe do gabinete, do ministro Vicente Ráo. Lamentaram a pouca sorte do companheiro que novamente os estudos para continuar no seio do rádio.

1942. Torna-se funcionário do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), e é o locutor da "Hora do Brasil".

1943. A publicidade como veículo de divulgação ganha corpo e feição no Brasil. Todos os jornais apresentam anúncios bem feitos e sòmente a parte do rádio era deficitária. A emprêsa norte-americana de propaganda, "J. W. Thompson", convida-o para organizar o seu serviço de rádio, e o "Researck Department de Pesquisas Econômicas e Estudos de Mercados". Logo depois, segue nossa figura para o "Coordinator of Inter-American Affairs", como assistente da divisão do rádio, nos serviços de contra-propaganda anti-nazista.

Mais tarde, o Dr. Peixoto de Castro convida-o para supervisionar a emprêsa "Prosper". Théo torna-se sócio dos "Livros Vermelhos de Telefone". No govêrno do marechal Dutra foi o locutor da presidência. Trabalhava diretamente com o gabinete civil, que obedecia às ordens do professor Pereira Lira. Teve oportunidade de conhecer todo o Brasil em companhia do marechal Dutra. Em 1949 foi aos EE. UU., na comitiva do magistrado. Neste mesmo ano estréia com Silveira Sampaio no teatro. É levantado o pano da peça "Da Necessidade de Ser Polígamo". Antes, em 1947, Théo já andava metido por entre as sátiras, e via a pretensão de Silveira Sampaio apresentar "As sete viúvas do Barba-Azul". Êle faz o papel de "amigo da onça" (com a devida permissão de Péricles). Dizem rumores, que o romântico Luiz Severiano Ribeiro Jr., comprou os direitos, e será filmada na Atlântida.

1950 — Théo vai para o Recife (terra de cabra da peste) dirigir a "Rádio Clube de Pernambuco". Era sua intenção comprar a emissora. Mas, os cavalinhos novamente lhe seduz e torna-se concessionário do Joquei local.

Na Paraíba êle funda três estações de rádio, onde diz serem particularmente caros ao seu coração. São elas: "Rádio Arapuan", em João Pessoa, "Rádio Caturité" de Campinas Grande e "Rádio Espinharas" em Patos — pleno sertão paraibano.

No ano de 1950, êle passou inteiramente no nordeste. Circulava entre Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. Era companheiro do professor Pereira Lira.

Como cidadão fêz tôda campanha política em prol do candidato da situação que era o Dr. Cristiano Machado, e como locutor da Agência Nacional irradiou a posse do presidente Getúlio Vargas.

Eleito e empossado o Sr. Getúlio Vargas, Théofilo de Vasconcelos é convidado para trabalhar no gabinete do Sr. João Café Filho, vice-presidente da República.

Daí p'ra cá tem se dedicado com mais afinco à sua vocação artística. Atualmente apresenta no "Teatro de Bolso" uma comédia de sua autoria, que é considerada a maior charge política. Se intitula: "Sua Excelência em Vinte e Seis Poses". Théo acha-se satisfeito com a função social e política do teatro, o qual considera o melhor instrumento de comunicação com as massas. Às vezes diverge dêle — mas o momento é de "figura viva" e não de parlamentarismo...

Seu grande entusiasmo pelo palco nasceu realmente depois de 1950, quando se apresentou nas "boites" "Monte Carlos", "Casablanca", e atualmente "Stúdio do Théo" — em "shows", que revolucionaram a vida noturna do Rio — deu-lhe vida e criou personagens que "notivagam" por êstes orvalhos.

Dentre os intelectuais que aproveitaram com sabor, lealdade, audácia e mesmo "sex-appel", o momento político do Brasil — Théofilo de Vasconcelos é o mais original e seus heróis em decadência, cujo primeiro exemplo é o político (como vemos em "Sua Excelência...") — nos dará em breve uma sátira sôbre o "aventureirismo financeiro" que será talvez o próximo cartaz do "Teatrinho de Bolso".

Théo nunca deixa de escrever para o rádio e imprensa. Seus estudos sôbre propaganda política abrangem a matéria que lhe seduz — jurisdição. Tem pronto um ensaio sôbre o "rádio e democracia". Esta obra já devia estar circulando há muito — entretanto êle pretendia ser autor de uma reforma em vez de autor de um modesto volume. Tôdas as suas tentativas sonhadas, foram furtadas e — recentemente publicou no semanário "Flan" uma série de artigos sôbre política — "O Estrupo das Massas", os quais obtiveram a desejada repercussão.

Nossa figura é cidadão honorário de vários Estados. Já foi condecorado várias vezes, duas das quais muito se orgulha. Recebeu a "Medalha Aeronáutica da Campanha do Atlântico Sul", e outra medalha como "Bombeiro Honorário do Distrito Federal". Recebeu nesta ocasião, das mãos do comandante do Corpo dos Bombeiros — coronel Sadock de Sá, todo um equipamento que precisa um soldado do fogo — inclusive uma medalha de ouro.

Théo é dos profissionais de rádio um dos mais competentes — independente de apresentar-se notável autor teatral e excelente narrador e animador de "boites". Vem sendo absorvido, progressivamente fora da parte artística — com uma emprêsa comercial de publicidade e pesquisas comerciais (TV — Publicidade) e uma "boite" em Copacabana (Stúdio do Théo) que serviu para desenvolver seus dotes de "taberneiro" e "host".

Théo é uma figura viva que conserva com grande carinho seus "hobs" de criança — que são os mais curiosos e deleitantes possíveis. Seu amor pela cidade de São Paulo, torna-o um notável memoralista. Sua adoração pelas casas em que morou na plena juventude, torna-o um circular que devolve tôdas as vezes que visita S.P. — sua recordação e ambiciosa adoração de possuir a residência aonde seus pés de número trinta, pisaram — numa rua Conde de São Joaquim, que tinha o número 16 e como o modernismo de hoje será o clássico de amanhã — ela tem o número de 116.

P. de S.

ARMANDO VIANA

(Conclusão da página 47)

daks", pintores há que fazem das telas cartões postais, tal a minúcia dos detalhes.

Armando Vianna não é desses. Sua arte, viva e cheia de luz, reflete sim um colorista agradável, mas não destituido — ao contrário — de senso pictórico desenvolvido. Repassada por tonalidades vibrantes, animada por uma luz de intensa irradiação psíquica, sua obra situa-o entre os pintores vivos de maior projeção, no setor tido acadêmico, na formação dos valores que surgem. Artista que há muito lançou as bases do seu talento, a exposição, agora realizada no Museu Nacional de Belas Artes, firma, mais uma vez, o seu nome tão conhecido da crítica e daqueles que o apreciam.

COMO PENSAM...

(Conclusão da página 51)

tileza, o meu muito obrigado antecipado.

CICERO LOPES — Lajes — Santa Catarina.

★

Sr. Paulo José — É com imenso prazer que pela segunda vez me dirijo a essa já tão famosa seção, "Como pensam os rádio-ouvintes", a fim de novamente externar minha opinião sôbre o grande gênio da nossa música popular: Severino Araujo. Seu talento de músico e maestro é digno de todos os louvores. Como arranjador e orquestrador é o que todos conhecem; sua famosa orquestra "Tabajara", já possui seu lugar garantido nos anais da nossa música popular, porque todo e qualquer ritmo de sua execução é sempre aplaudidissimo, não só no Rio como em todo o Brasil, e esse entusiasmo se estende a todos os seus músicos.

Posso assegurar que ouvir a "Tabajara" é esquecer as tristezas e deliciar o espírito com o seu ritmo esfusiante e

execução segura. Possui essa orquestra uma infinidade de chorinhos e arranjos da autoria de seu dirigente, que já tomou conta da cidade. Senão, vejamos: "Mirando-te", "Saxomaniaco", "Um chorinho em Cabo Frio", "Copacabana", "Não põe a mão" e "Tambaú", sendo êste último uma inspiração nascida de sua saudade por uma praia do mesmo nome, localizada no seu nordeste querido. Devo dizer que considero essa melodia a sua obra-prima.

E assim vão se multiplicando os seus sucessos para a glória da nossa música popular. Gratíssima pela publicação desta, subscrevo-me atenciosamente, Maria Celia — Rio.

★

Senhor Paulo José — Sendo ouvinte de tôdas as novelas da Rádio Nacional, sou fã, igualmente, dos novelistas daquela emissora. Assim, aprecio as produções de Amaral Gurgel, Eurico Silva e vários outros cujas histórias ficaram na lembrança dos ouvintes. Hoje, entretanto, quero falar de um novo produtor. Cicero Acaiaba. Foi com grande interesse que acompanhei os trabalhos seriados desse jovem simpático, que é também rádio-ator. Cicero é uma inteligência nova, cheia de idéias maravilhosas. Estamos aguardando com vivo interesse o inicio de sua nova produção, já anunciada, "Uma nuvem cobre o sol", cujo argumento bem podemos imaginar a importância que possuirá. Aproveito a oportunidade para cumprimentar esse jovem novelista e rádio atro de mérito, desejando que seu futuro seja tão brilhante quanto o seu merecimento.

Grata pela publicação desta, envio meu abraço para o senhor e subscrevo-me, ROSSILDA SILVA. Rio.

A VIDA NO RÁDIO

(Conclusão da página 31)

car, recebendo muitos aplausos por essa ocasião.

●

Ivon Curi está cantando em São Paulo duas vezes por semana. E' as terças-e quartas-feiras que êle se apresenta na Nacional bandeirante.

●

Terminaram as férias de Linda Batista. Ei-la de novo, então ao microfone da Nacional, apresentando suas mais recentes criações com o agrado e sucesso de sempre.

●

Fez anos Valdemar Galvão. Por êsse motivo foi muito cumprimentado o simpático locutor e radio-ator da Nacional.

●

Francisco Carlos estava fora do Rio em excursão que abrangeu cidades de três Estados da Federação. A "tournée" artística do festejado cantor constituiu sucesso absoluto. Francisco Carlos recebeu muitos aplausos e trouxe alguns milhares de cruzeiros.

●

Domingo último realizou-se na sede do Flamengo uma alegre noite dançante promovida pelo Fã Clube Emilinha Borba Com essa festa iniciaram-se oficialmente as comemorações do aniversário da querida "estrela", que transcorre no dia 31 do corrente.

●

Getulio Macedo e o locutor Jairo Argileu vão realizar festa artistica no Teatro João Caetano, no próximo dia 5 de setembro, das 15 às 18 horas. Os dois conhecidos elementos denomináram êsse festival de "Show da Primavera" e dele participarão, entre outros, os seguintes artistas: Nelson Gonçalves, Jorge Goulart, Orlando Silva, Francisco Carlos, Gilberto Milfont, Cauby Peixoto, Carlos Galhardo, Black-Out, Bill Farr, Rui Rei, João Dias, Ivon Curi, Lucio Alves, Os Cariocas, Marlene, Ester de Abreu, Nora Ney, Angela Maria, Dircinha Batista, Linda Batista, Carmelia Alves, Marly Sorel, Neusa Maria, Dolores Duran, Olivinha Carvalho, Norma Suely, Rogeria, Isis de Oliveira, Ema Davila, Itala Ferreira, Floriano Faissal Osvaldo Elias, Zé Trindade e muitos outros.

Pergunte o que quizer

(Conclusão da página 55)

kall, Zachary Scott, Alex Smith, Barbara Stanwyck, Joseph Szigeti, Donald Woods, Jane Wyman, Julie Bishop, Betty Brodel, Barbara Brown, Theodore von Eltz, Mary Gordon, Jonathan Hale, Andrea King, Nora Martin, Eddie Carr, Chied Milani, Janis Paige, William Prince, Craig Stevens, John Ridgely, Robert Shayne, Alan Hale, Jimmy Dorsey e sua orquestra, Carmen Cavallaro e sua orquestra, Golden Gate quartet, Rosário e Antonio, e Sons of the Pioneers. Em «Buffalo Bill» — Dir: William Wellman — Joel McCrea, Maureen Ó Hara, Linda Darnell, Thomas Mitchell, Edgar Buchanan, Anthony Quinn, Moroni Olsen, Frank Fenton, Matt Briggs, George Lessey, Frank Orth, George Chandler, Chief Many raties,T Nick Thompson, Chief Thundercluod, Sidney Blackmer, Edwin Stanley, John Dilson, Evelyn Beresford, William Haade e Talzumbie Dulpea. Em «Escola de sereias» — Dir: George Sidney — Red Skelton, Esther Williams, Brasil Rathbone, Bill Goodwin, Esther Smith e seu orgão, Jean Porter, Carlos Ramirez, Harry James e sua orquestra, Xavier Cugat e sua orquestra, Donald Meek, Almira Sessions, Jacqueline Dayla, Francis Pierlot, Eddie Kane, Naná Bryant, Margaret Dumont e Russell Hicks. Em «Chipa de fogo» — Dir.: Georfge Marshall — Betty Hutton, Arturo de Córdova, Charlie Ruggles, Albert Dekker, Barry Fitzgerald, Mary Phillip, Bill Goodwin, Edward Ciannelli, The Maxellos e Maurice Rocco. Em «Carnaval de estrêlas» — Dir.: Hal Walker — Barry Filtzgerald, Billy De Wolfe, Walter Abel, Jimmy Coy, Miriam Franklin, Charles Quigley, Olga San Juan, Robert Watson, Marjorie Reynolds, Barry Sullivan, Ed Gardner, Charles Cantor, Eddie Green, Ann Thomas, Bing Crosby (e seus filhos) Betty Hutton, Paulette Goddard, Alan Ladd, Dorothy Lamour, Eddie Bracken, Brian Donlevy, Sonny Tufts, Veronica Lake, Arturo de Cordova, Cass Daley, Victor Moore, Robert Benchley, Diana Lynn, William Demarest e Howart da Silva. Em «Nem tudo é ilusão»: — Dir: Mitchell Leisen — Betty Hutton, Macdonald Carey, Patric Knowles, Virginia Fields, Walter Abel, Peggy Wood, Selmer Jackson, Carolyn Butler, Lowell Gilmore, Zamah Cunningham, Frank Puglia, Georgia Backus e Charlos Meredith. Em «Minha vida e meus amores»: Dir.: George Marchall — Betty Huttan, John Lund, Billy De Wolfe, William Demarest, Constance Collier, Frank Fayien, William Farnum, Chester Conklin, Paul Panzer, Snub Pollard, James Finlayson, Creighton Hale, Hank Mann, Francis McDonald, Bert Roach, Heinie Conklin, Frank Ferguson e Cherter Clute.

★

A. E. PAIXÃO — Campos Novos — Em «Trágico álibi»: Nina Foch, Dame May Whitty, George Macready, Roland Varno, Anita Bolster, Doris Lloyd, Leonard Mudie, Joy Harrington, Queenie Leonard, Harry Hays Morgan, Ottola Nesmith, Olaf Hytten e Evan Thomas. Em «Luz que se apaga»: Ronald Colman, Walter Huston, Ida Lupino, Dudley Digges, Muriel Angelus, Ernest Cossart, Charles Irwin, Clyde Cook, James Aubrey, Charles Bennett, David Phursby e Colin Kenny. Em «O porto da tentação»: Robert Newton, Simone Simon, Marcel Dalio, Margaret Bartin, Edward Rigby, William Martnell, Jean Hopkins, Kathleen Harrison, Leslie Dwyer, Charles Victor, Irene Handl, Wylie Watson, Edw. Lexey, George Woodbridge, Kathleen Boutail, Dave Crowley, Gladys Henson, John Salew e W. G. Fay. Não conheço «Luz da Humanidade». Os filmes de Ava são os seguintes: «Tu és a única», «Cumpre o teu dever», «Felizes para sempre», «Um assassino de luvas», «Piloto n. 5», «O capanga de Hitler», «Herança mágica», «Cuidado com mamãe», «O anjo perdido», «Três homens de branco», «Por conta de Cupido», «Ela foi às corridas», «Por causa de u'a mulher», «Assassinos», «Mercado de ilusões», «Singapura», «Venus, Deusa do Amor», «Lábios que escravisam», «O grande pecador», «Mundos opostos», «Pandora», «No palco da vida», «Orgulh oe ódio», «O barco da ilusões», «Estrêla do destino», «As neves do Kilimanjaro», «A bela e o renegado», «Mogambo», «Os cavaleiros da Távola Redonda» (em cinema Scope) e «The Barefoot Contessa».

★

FÃ DA TÉLA — Belo Horizonte — Só respondo por aqui. Em todo o caso, escreva para a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, São Bernardo do Campo, S. Paulo, que talvez consiga o que deseja. Não posso, garantir, entretanto.



ELIZABETH TAYLOR, numa cena de amor (Report. nas págs. 4-5)

UMA CARICIA PERFUMADA!

Pó de Arroz LADY

E O MELHOR E NÃO E O MAIS CARO! Nas cores: Branco, Rosa, Raquel, Ocre claro e Ocre escuro